

*UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ*

SIMONE BARRETO MAGALHÃES

**A DOCÊNCIA NAS CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA**

RIO DE JANEIRO  
2015

**SIMONE BARRETO MAGALHÃES**

**A DOCÊNCIA NAS CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Alzira Batalha Alcântara  
Coorientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Inês Ferreira de Souza Bragança

Rio de Janeiro  
2015

M188dMagalhães, Simone Barreto  
A docência nas concepções de estudantes do curso  
de pedagogia. /Simone Barreto Magalhães. –Rio de  
Janeiro, 2015.  
122 f.

Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade  
Estácio de Sá, 2015.

1. Educação. 2. Professores, formação.  
3. Pedagogia. 4.Docência. 5. Narrativas pessoais.  
I. Título.

CDD: 370



Universidade Estácio de Sá  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

A dissertação

**A DOCÊNCIA NAS CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Elaborada por

**SIMONE BARRETO MAGALHÃES**

É aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, e foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial à obtenção do título de

**MESTRE EM EDUCAÇÃO**

Rio de Janeiro,

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alzira Batalha Alcântara**

Presidente

Universidade Estácio de Sá - UNESA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Pereira Lima**

Universidade Estácio de Sá

Universidade Estácio de Sá – UNESA

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Inês Ferreira de Souza Bragança**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mairce da Silva Araújo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por toda a sua misericórdia e me mostrar que: tudo posso naquele que me fortalece. Filipenses 4.13

A querida Prof. Inês Bragança, por me ensinar a caminhar, acreditar na autoformação e na minha transformação.

A família e amigos, que participaram direta ou indiretamente desse processo de formação, com paciência, palavras de incentivo e carinho.

As amigas “INÊSquecíveis”, as profissionais Flavia Freitas e Isabela Nascimento, aos meus irmãos de caminhada da comunidade Nossa Senhora de Fátima por todo apoio moral, psicológico e religioso.

Ao corpo docente do Mestrado e funcionários da Universidade Estácio de Sá por todo conhecimento transferido e profissionalismo, em especial às Professoras Alzira Batalha, Rita Lima, Inês Bragança e Mairce Araújo, por participarem da banca de defesa do Mestrado, momento importante da minha trajetória acadêmica.

Aos alunos que fizeram parte da pesquisa, e as docentes Maria de Fátima e Leila Ribeiro que cederam tempo em suas turmas para a aplicação do questionário e participação do grupo focal.

E ao Programa de Incentivo à Qualidade – PIQ da Universidade Estácio de Sá, pela concessão da bolsa de estudos.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a uma estrela. Uma estrela que brilha no céu, de dia e de noite, e que me ilumina e me protege, dando muita força para que eu continue o meu caminho.

Meu pai.

Saudades ...

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo central analisar as concepções sobre a docência na visão dos alunos ingressantes e concluintes, da graduação em Pedagogia de uma instituição privada de ensino superior do Rio de Janeiro, por meio de narrativas de formação. Na perspectiva em perceber indícios de potenciais *trans-formações* vividas pelos estudantes ao longo do curso, quais as concepções de docência que trazem quando chegam e como essas são potencialmente ressignificadas ao longo da trajetória acadêmica. Focaliza as seguintes questões de estudo: Quais as visões sobre a docência apresentam os estudantes do curso de Pedagogia participantes da pesquisa? Em que medida a formação acadêmica no Curso de Pedagogia contribui para a produção de novas perspectivas dirigidas à docência? Quais as relações entre a configuração atual das políticas de formação inicial de professores e as concepções de docência construídas pelos estudantes de Pedagogia ao longo do Curso? O referencial teórico-metodológico foi ancorado na abordagem qualitativa da pesquisa em educação e na perspectiva (auto)biográfica. Considerando a complexidade do tema de estudo, a pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, aplicação de questionários e realização de grupo focal. A aplicação de questionário foi realizada com vinte estudantes do primeiro e dezessete do último período do curso, para depois passar ao grupo focal com enfoque na narrativa dos estudantes. Os encontros do grupo focal contaram com a participação de quatro alunas do primeiro período e seis do oitavo. O grupo focal teve um roteiro elaborado previamente, mas foi desenvolvido em forma de conversa, favorecendo a narrativa dos estudantes sobre a forma como perspectivam a docência, com um enfoque sobre suas histórias de vida. O trabalho apontou para uma mudança de configuração entre o primeiro e o oitavo períodos: os estudantes do primeiro apresentam movimento de chegada, de aproximação da vida acadêmica, de exploração das possibilidades do curso escolhido, já os do oitavo apontam para a construção de uma experiência acadêmica, uma significação pessoal do curso e de suas próprias escolhas. Muitos dos alunos ingressantes pensam que basta gostar de criança para fazer Pedagogia, e essa concepção inicial vai sendo transformada ao longo do curso, quando têm contato com as disciplinas, os docentes, os estágios, as discussões teóricas, entre outros.

**Palavras-chave:** Curso de Pedagogia; formação de professores; narrativas (auto)biográficas.

## ABSTRACT

This work is mainly aimed to analyze the conceptions of teaching in the view of entering and graduating students, graduation in pedagogy of a private institution of higher education in Rio de Janeiro, through training narratives. With a view to realize potential evidence of transformations encountered by students throughout the course, which the teaching of concepts that bring when they arrive and how these are potentially resignified along the academic trajectory. Focuses on the following study questions: What are the views on the present teaching the students of Faculty of Education research participants? The extent to which academic training in the pedagogy course contributes to the production of new perspectives aimed at teaching ? What are the relationships between the current setting of initial training policies for teachers and the teaching conceptions built by Pedagogy students throughout the course? The theoretical framework was grounded in qualitative research approach in education and perspective (auto) biographical. Considering the complexity of the subject of study, the research was developed through literature review, questionnaires and conducting focus group. The questionnaire application was performed with twenty students of the first and seventeen of the last period of the course, and then go to the focus group with ENFO that the narrative of the students. The meetings of the focus group with the participation of four students of the first period and six eighth. The focus group had a script prepared in advance, but was developed in the form of conversation, favoring narrative of the students on how envisage teaching, with a ENFO what about their life stories. The study pointed to a change in configuration between the first and eighth periods: first the students have arrival movement of approach of academic life, exploration of the possibilities of the chosen course, since the eighth point to the construction of an experience academic, personal significance of the course and their own choices. Many of the freshman students think that just like children to pedagogy, and this initial design is being transformed along the course, when they have contact with the subjects, teachers, internships, theoretical discussions, among others.

**Keywords:** Education Course; teacher training; narratives (auto) biographical



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CFE - Conselho Federal de Educação

CONARCFE - Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

EAD – Ensino à Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

PPE – Pesquisa e Prática Educacional

PROUNI – Programa Universidade para Todos

SEST/SENAT - Serviço Social do Transporte / Serviço Nacional do Transporte

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

SISU – Sistema de Seleção Unificada

SMS – Short Message Service

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

UFPI - Universidade Federal do Piauí

UNESA – Universidade Estácio de Sá

WI-FI – Wireless Fidelity

## LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Município onde mora .....	49
Gráfico 2 - Faixa Etária .....	50
Gráfico 3 - No Ensino Fundamental e Médio .....	51
Gráfico 4 - No Ensino Médio .....	52
Gráfico 5 - Exerce Atividade Profissional .....	52
Gráfico 6 - Atividades Profissionais .....	53
Gráfico 7 – Por que escolheu fazer Pedagogia ?.....	54
Gráfico 8 –Para você, o que é ser professor ? .....	55
Gráfico 9 – Se você tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ? ..	55

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE I: Termo de cessão .....	78
APÊNDICE II: Formulário - Levantamento do perfil dos alunos do curso de Pedagogia ....	79
APÊNDICE III: Tabulação dos formulários .....	82
APÊNDICE IV: Roteiro da entrevista/conversa .....	94
APÊNDICE V: Quadro para análise de conteúdo horizontal .....	95

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: EXCERTO AUTOBIOGRÁFICO .....	13
INTRODUÇÃO .....	16
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA :O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASILE	20
.....	
2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: REFLEXÕES .....	30
3. SOBRE OS CAMINHOS PERCORRIDOS .....	38
3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	38
3.2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA .....	39
4. ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA: MÚLTIPLOS OLHARES .....	49
4.1. UMA VISÃO SOBRE O CAMPO POR MEIO DE QUESTIONÁRIOS .....	49
4.2. O GRUPO FOCAL: MEMÓRIAS E NARRATIVAS .....	56
4.2.1. FORMAÇÃO ESCOLAR .....	57
4.2.2. CONCEPÇÕES DE PEDAGOGIA .....	62
4.2.3. ESCOLHA DO CURSO DE PEDAGOGIA .....	65
4.2.4. CONCEITOS SOBRE SER PROFESSOR .....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS: SOBRE A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO COMO UM CAMINHO DE FORMAÇÃO.....	74
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICES.....	78

## APRESENTAÇÃO: EXCERTO AUTOBIOGRÁFICO

*“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante.  
Do que ter aquela velha opinião formada sobretudo”.*  
Raul Seixas<sup>1</sup>

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho se confunde com a minha história profissional na educação, pois o envolvimento com professores e colegas de aula chamaram a minha atenção para essa temática da formação.

Sou Pedagoga e não fiz o Curso Normal (formação de professores em nível médio), o que me intrigou bastante quando ingressei, em 1995, na Universidade Federal Fluminense–UFF, no Curso de Pedagogia, pois a metade da turma era oriunda do Curso Normal e a outra metade de diversos cursos, eu do Técnico de Administração e já havia trabalhado na área administrativa.

De início achava que quem tinha o Normal acabava tendo vantagens, pois conheciam alguns autores, já haviam feito estágio em escolas; mas ao longo do tempo percebi que também eram mais centradas nas regras, nas técnicas, enquanto eu e as outras apresentávamos trabalhos mais criativos e fora dos padrões.

Em 1998, atuei como bolsista da Creche da UFF e aí minha vida mudou, tive contato com uma equipe multidisciplinar que planejava os temas a serem trabalhados com as crianças, as atividades desenvolvidas, festas, passeios, e tudo mais que faz uma creche universitária crescer. Foi meu primeiro contato como “professora” de uma turma e, com aquela liberdade de criar, dei asas à minha formação profissional.

Fui convidada a trabalhar em uma creche em Niterói, mas depois um ano, passei numa seleção para ser Trainee em Pedagogia no Serviço Social do Transporte / Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte - Sest/Senat, onde conheci a educação de jovens e adultos, trabalhei cerca de cinco anos nesta modalidade. Percebendo a dificuldade dos alunos, todos oriundos de empresas de ônibus: motoristas, cobradores, mecânicos, pintores, etc., fui buscar ajuda na Pós -Graduação em Dificuldade de Aprendizagem na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003).

Já finalizando a pós Graduação, vim para Universidade Estácio de Sá, em 2004, e desde então venho desenvolvendo atividades educacionais: primeiro na coordenação de curso,

---

<sup>1</sup> SEIXAS, Raul. **Metamorfose Ambulante**. Disponível em: <<http://m.vagalume.com.br/raul-seixas/metamorfose-ambulante.html>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

hoje como docente da modalidade presencial e ensino à distância – EAD, em várias disciplinas e diversos cursos, mas em destaque a Pedagogia. A coordenação de curso é uma “grande escola”, lidar com a equipe de professores, com os alunos, currículos, horários, Ministério da Educação– MEC, formatura, reitoria, entre outras coisas; foi desafiador e me fez crescer muito enquanto profissional da educação, estava do outro lado, tendo que atender os objetivos de formação de outros tantos alunos: currículo, professores, atividades acadêmicas, estágios, monografias, etc. Aprendi muito com os colegas de profissão e com outros tantos que fazem a Universidade “andar”.

A sala de aula acabou sendo uma consequência da coordenação, pois estando em sala, acabava por conhecer melhor os alunos do curso e, então, fui atraída pela docência. Ministrar aula passou a ser uma grande terapia, ainda acumulava a coordenação, então naquele espaço da sala de aula podia criar e fazer do meu jeito, e fui me dando conta que estava cada vez mais envolvida com aquele ambiente e suas dinâmicas. Saí da coordenação e ingressei no Mestrado, voltei a ser aluna, pois apesar do grande aprendizado da coordenação, me afastei dos estudos teóricos e voltar a estudar era a chance da reaproximação dos livros.

Nessa mesma época recebi o convite para assumir algumas turmas na modalidade EAD. Outro desafio, pois não via com “bons olhos”, mas como tudo tem dois lados (potencialidades e fragilidades), a EAD não é diferente. É a chance de muitos ingressarem no ensino superior, e ao contrário do que pensam, para dar conta dos trabalhos, avaliações e postagens o aluno dessa modalidade tem que ter uma disciplina de estudo bem planejada.

O reencontro que vivi com a Pedagogia ao retornar para a sala de aula como professora me fez levantar questões como: O que é ser professor para o aluno de Pedagogia? O que os motiva a fazer Pedagogia? Qual foi a trajetória acadêmica vivida por eles? Quais são as perspectivas de futuro no mercado de trabalho? Essas e outras questões começaram a me inquietar e me levaram a pensar em voltar a estudar, para poder entender melhor esse panorama da educação.

O Mestrado em Educação era um objetivo antigo e adormecido, e chegou o momento de poder vivê-lo. Tanto tempo sem estudar, optei por fazer uma disciplina eletiva: Tópicos Especiais em Políticas Públicas e Gestão, com a Prof.<sup>a</sup> Inês Bragança, que me fez refletir sobre a prática docente e a educação como um todo, pois professor todos podem ser, basta ter um título; mas educador não, além de ser professor é preciso ter uma reflexão crítica, reflexiva e dialógica quanto à sua prática pedagógica, uma sensibilidade quanto à formação dos futuros docentes e comprometimento com seu trabalho dentro e fora da sala de aula.

E isso foi sentido no primeiro dia de aula da disciplina eletiva que cursei como ouvinte no Mestrado. Cheguei na sala e tive que me apresentar, como era estranho, parecia que não pertencia mais aquele mundo, achei todos os fatos interessantes, as pessoas inteligentes e eu parada no tempo. Com o transcorrer das aulas, esse sentimento foi sendo amenizado através do envolvimento da turma e professora, das leituras, debates, produções e apresentações. Percebi que ali estávamos todos no mesmo barco, buscando possíveis respostas para muitas dúvidas.

Em 2013, passei pelo processo seletivo e ingressei no Mestrado da Universidade Estácio de Sá – UNESA, onde a troca de conhecimentos entre professores, autores e colegas, me fizeram conhecer as narrativas de vida, uma metodologia que vem ao encontro do que acredito: não nascemos prontos, vamos nos formando no decorrer de toda vida, e ao narrar a própria história, nos apropriamos de nossas vivências e percebemos o indivíduo que somos ou que estamos sendo hoje.

Josso afirma que:

[...] a narrativa de vida não tem em si poder transformador, mas, em compensação, a metodologia de trabalho sobre a narrativa de vida pode ser a oportunidade de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo (2010, p.183).

Fui tocada pelo encontro com essa metodologia, pois ao narrar minha trajetória acadêmica, vejo a transformação ocorrida até aqui. E ao buscar analisar as concepções sobre a docência, na visão dos alunos ingressantes e concluintes, da graduação em Pedagogia, por meio de narrativas de formação, me dou conta de como precisamos nos auto conhecer e nos apropriar da própria história de vida.

Nossos alunos têm também uma história, uma história de vida, e ao se apropriarem de suas experiências, potencialmente, podem se “trans-formar”. Não somos os mesmos depois de passar por algumas experiências, e ao conhecer melhor a realidade dos alunos, podemos ajudá-los a escolher um melhor caminho, ou mesmo acompanhá-los nessa trajetória, pois nós não “somos”, apenas “estamos” sendo no agora. Escutar essas histórias de vida, a importância ao seu autor e a pessoa que ele é nos leva a entender muitos comportamentos ou situações.

Hoje, num mundo tão globalizado e cheio de tanta tecnologia, somos bombardeados por informações, pelo celular, pelo computador, televisão, rádios, entre outros, muitas vezes em tempo real, mas essas informações e nem sempre agregam valores, talvez tenhamos que voltar a conversar “olho no olho” para escutar as histórias de vida de sujeitos que de fato fazem parte da nossa vida e também da nossa trajetória. Nessa perspectiva, todos somos autores principais da nossa própria história.

## INTRODUÇÃO

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.*  
Paulo Freire<sup>2</sup>

Diante do cenário mundial, o Brasil vive uma das suas maiores crises o que sem dúvida vem atingindo todos os segmentos da sociedade e com as políticas públicas educacionais não é diferente. A briga pelo poder, escândalos, corrupção, falta de saúde, segurança, educação, entre outros, trazem consequências desastrosas para a população e nós, como docentes, sentimos no dia a dia essa situação e somos desafiados a pensar e construir uma educação e uma formação de professores com potencial crítico e transformador da realidade social brasileira. Ao entrarmos nas salas como professores do curso de Pedagogia o desafio se potencializa, pois formamos formadores e retomamos antigas, mas ainda potentes questões: com a formação acadêmica em nível superior pode contribuir na construção de uma educação emancipatória ?

Esse trabalho tem, assim, como objetivo central analisar as concepções sobre a docência na visão dos alunos ingressantes e concluintes, da graduação em Pedagogia, por meio de narrativas de formação, buscando possíveis reflexões para elucidar essa temática. Perpectivamos, dessa forma, perceber indícios de potenciais trans-formações vividas pelos estudantes ao longo do curso. Quais as concepções de docência trazem quando chegam no curso e como essas potencialmente são ressignificadas ao longo da trajetória acadêmica.

Trabalhar as questões identitárias, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação de narrativas de vidas escritas, permitenos evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a mudança de nossas identidades ao longo da vida (JOSSO, 2008, p. 19).

O contato com os colegas, professores, disciplinas, enfim, com a vida universitária mobiliza a construção de novas experiências, favorecendo o processo tanto a construção do conhecimento como a mobilização do processo identitário. Nesse sentido, a presente pesquisa focaliza as seguintes questões de estudo:

---

<sup>2</sup> FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.155



Quais as visões sobre a docência apresentam os estudantes do curso de Pedagogia participantes da pesquisa? Em que medida a formação acadêmica no Curso de Pedagogia contribui para a produção de novas perspectivas dirigidas à docência? Quais as relações entre a configuração atual das políticas de formação inicial de professores e as concepções de docência construídas pelos estudantes de Pedagogia ao longo do Curso?

A construção deste trabalho parte de inquietações no sentido de contribuir para o repensar da formação docente, tendo em vista uma visão emancipatória da educação. O desafio que se coloca é de fomentar a discussão da autonomia, da formação e de práticas reflexivas na formação inicial, tendo como referência para essa proposição a produção acadêmica da área, as políticas públicas educacionais e as visões dos próprios estudantes sobre a docência.

Partindo dessa proposta de pesquisa, foi feita uma busca no site *capesdw.capes.gov.br* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) das produções acadêmicas com as expressões “concepções de docência” e “formação inicial do Pedagogo” dos últimos três anos, para ver o que foi produzido de mais novo. No banco de teses da CAPES identificaram-se 83 trabalhos acadêmicos com a primeira expressão e 27 com a segunda. Desse conjunto, foram destacados quatro, que apresentaram maior pertinência com a temática pesquisada, para leitura do resumo, tendo como critério a pertinência com a temática proposta.

Ao fazer a análise dos resumos dos trabalhos acadêmicos selecionados, podemos destacar os que mais trazem contribuições para o tema em questão. Militz (2012) pesquisou o Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Campus de Rondonópolis, através dos memoriais semestrais de formação dos discentes, com o objetivo de fazer reflexões sobre a formação no Curso de Pedagogia, bem como o desenvolvimento da identidade docente, e foi através dessa atividade desenvolvida por meio dos memoriais que os discentes resgataram as vivências para construção de sua identidade profissional, assim como repensaram as escolhas, aspirações, investimentos, e a própria estrutura do curso. Carvalho (2012) aborda a questão de muitas alunas do curso de Pedagogia desempenharem ao mesmo tempo o papel de docente e discente, e outras serem “marinheiros de primeira viagem”. Por meio de narrativas destes sujeitos, buscou refletir sobre suas práticas e significados no processo de formação docente, e a proposta do curso de Pedagogia, interpretou com o uso da hermenêutica crítica os significados das práticas docentes dentro dos variados contextos de formação. Melo (2012) trabalhou com os discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e teve como resultado da pesquisa narrativa que o ingresso no curso se dá pela identificação e facilidade de acesso, levantando reflexões sobre o

papel do pedagogo. Quanto à estrutura do curso de Pedagogia, a pesquisa identificou uma carga muito mais teórica, em detrimento da prática. Lubão (2013) pesquisou em quatro Instituições de Educação Superior (IES) como se dá a formação do Pedagogo/Professor/Gestão tal como proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN/2006) no Curso de Pedagogia, verificando que a docência, na configuração dos currículos, ainda é a prioridade na formação do Pedagogo, e que a proposta das diretrizes é muito abrangente, fazendo com que muitas interpretações sejam feitas a partir da proposta legal.

É possível perceber no levantamento feito a centralidade que a formação de professores e o curso de Pedagogia tem assumido no cenário da pesquisa em educação e é nesse cenário que se insere a presente investigação que busca perceber concepções de docência de estudantes ingressantes e concluintes de um curso de Pedagogia de uma instituição privada de ensino no Rio de Janeiro.

Esse trabalho inicia com excerto da pesquisadora, a introdução, quatro capítulos e as considerações finais.

Na apresentação autobiográfica, a pesquisadora procura narrar os fatos mais marcantes que fizeram parte da trajetória acadêmica até os dias atuais, trazendo um pouco da sua história e das experiências, contextualizando, assim, o encontro e a motivação em relação ao tema de estudo. A Introdução apresenta o problema, o objetivo, as questões norteadoras, e os capítulos da dissertação.

O capítulo um procura mostrar o contexto histórico e político do curso de Pedagogia no Brasil, onde foi apresentado um breve histórico e o aparato legal, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394/96 (LDBEN) (BRASIL, 1996), das Diretrizes Curriculares Nacionais, de 2006, (DCN) (BRASIL, 2006) e do Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014), que consistem no aparato legal da formação inicial docente no Brasil.

O capítulo dois trabalha o conceito de formação no contexto da abordagem (auto)biográfica, tendo como referências os seguintes autores: Larrosa (2002), Pineau (2006) e Vieira (2009); para ampliar a discussão da abordagem narrativa, contamos com Nóvoa (1992), Benjamin (1994), Bragança (2008) e Josso (2010).

O capítulo três apresenta os caminhos percorridos na pesquisa em dois momentos: a metodologia, que toma como referência a abordagem qualitativa e, a seguir, o relato de como se deu a construção da pesquisa, por meio dos registros feitos na fase da pesquisa (no diário de campo da pesquisadora).

No capítulo quatro é apresentada a análise, que foi dividida em duas etapas: os questionários e o grupo focal. Os questionários foram tabulados e os dados mais marcantes organizados em gráficos. Com a transcrição dos encontros com os grupos focais foi feito um quadro de análise de conteúdo, destacando-se as seguintes temáticas centrais: formação escolar, concepções de Pedagogia, escolha do curso de Pedagogia e conceito de professor.

As considerações finais apresentam as reflexões sobre o estudo e abrem portas para que este trabalho não seja conclusivo, mas sim uma discussão a respeito da formação docente no curso de Pedagogia e sobre as políticas públicas envolvidas. E finaliza com as reflexões autobiográficas sobre a experiência do Mestrado como caminho de formação da pesquisadora.

## **CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA: O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL**

*[...] A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.*  
Antônio Nóvoa<sup>3</sup>

A proposta da presente pesquisa se insere no contexto dos desafios contemporâneos das políticas públicas educacionais, no Brasil, no que tange à formação inicial docente e uma possível relação dessas com a prática do profissional docente. Que profissional as políticas públicas pretendem formar no curso de Pedagogia ? O Pedagogo especialista, o gestor ou o docente ? Qual é a concepção de docência que os discentes têm do curso de Pedagogia ? O que se pretende é a busca de possíveis caminhos, levando a novos questionamentos e a novas formas de reflexão sobre a formação docente com base nas políticas públicas educacionais vigentes e sua concretização no curso de Pedagogia.

Historicamente, segundo Nóvoa (1992, p.15), “O professorado constituiu-se em profissão graças à intervenção e ao enquadramento do Estado, que substituiu a Igreja como entidade de tutela do ensino”. O Brasil teve seu primeiro contato com as letras por meio dos jesuítas, ensino voltado para a doutrina católica. O ensino era apenas destinado aos mais afortunados, com a apropriação do Estado, no século XVIII, passou a ser legitimado pelo professorado, mas que não tinha autonomia no currículo, nos programas e nem nos conteúdos. O professor, mero transmissor de conteúdos, não era considerado em relação a sua reflexão, concepções e prática pedagógica.

No início do século XIX começa a surgir uma preocupação quanto à formação docente, com o objetivo de treinar soldados para disciplina militar e a população para a disciplina social. O método Lancaster passou a ser considerado o modelo oficial através da lei de 15 de outubro de 1827, era um método bastante complexo, como esclarecem Vicentini e Lugli (2009, p.31):

Exigia o treinamento de um corpo de monitores para o controle dos alunos, a memorização dos sinais e comandos para a comunicação entre o professor, os monitores e os alunos, bem como a compreensão de diversos castigos previstos para as diferentes faltas. Também era preciso que se soubesse utilizar (e que estivessem disponíveis) os materiais necessários para o desenvolvimento das atividades de ensino, como a lousa, os cartazes, o relógio.

---

<sup>3</sup>NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.p.26

Somente em meados do século XIX surgem as primeiras instituições especificamente voltadas para a formação docente no Brasil. Antes os concursos de nomeação avaliavam o conhecimento quanto ao assunto através da apresentação de uma dissertação e os atestados de moralidades (fornecidos por padre ou juiz de paz), ou ainda professores adjuntos que acompanhavam a aula de um professor para aprender o ofício. Esses alunos/professores tinham entre 12 e 13 anos, eram aqueles que se destacavam no ensino público e atuavam por um custo menor, pois recebiam apenas uma pequena quantia. Os professores das “primeiras letras” tinham que comprovar que sabiam ler, escrever, contar e ter conhecimento religioso.

É preciso lembrar que o ensino nesse momento constituía um universo variado, em que as aulas oficiais conviviam com variadas formas de educação nas letras, tais como aquelas fornecidas por religiosos, estrangeiros que atuavam como preceptores em casas de famílias abastadas, associações beneficentes e escolas particulares (VILLELA, 2003, *apud* VICENTINI; LUGLI, 2009).

A produção de modelos curriculares surgiu com a intervenção do Estado, que dependendo do local sofria a interferência Federativa e da sociedade civil, e ainda dos homens públicos com propostas de ensino do exterior, visando a adaptação ao nosso sistema.

Segundo Bragança e Moreira (2013) o século XIX trouxe, assim, importantes dimensões do processo de profissionalização como a institucionalização da formação, mecanismos de controle do Estado e a organização dos professores em movimentos corporativos. Dimensões que constituíram as bases para a docência como profissão.

No início do século XX, destaca-se o movimento escolanovista que teve como proposta a renovação do ensino, a implementação do sistema público, tendo como objetivo atender as demandas da industrialização e legitimar a democratização da sociedade. Os intelectuais da época que lutavam por uma educação igualitária, faziam suas críticas por meio da imprensa, lutavam pela melhoria da educação.

Em um olhar histórico sobre a trajetória da formação de professores no Brasil, percebemos a centralidade do movimento escolanovista, no início do século XX, que teve como bandeiras de luta a renovação do ensino, a implementação do sistema público, com objetivo de atender as demandas da industrialização e legitimar a democratização da sociedade. Os intelectuais da época, que lutavam por uma educação igualitária, faziam suas críticas por meio da imprensa, lutavam pela melhoria da educação e criaram em 1937 o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP. Movimento que trouxe significativo impacto também na

discussão e nas políticas dirigidas à formação de professores (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013).

No ano de 1939, foi implantado o Curso de Pedagogia no Brasil, tendo seu primeiro *locus* no Rio de Janeiro. A fundação do referido curso, bem como de outras licenciaturas, trouxe importante contribuição ao processo de formação docente e profissionalização da docência no Brasil. Quanto à Pedagogia, desde sua origem estão presentes discussões quanto à área de atuação proposta, a formação e a identidade profissional, pois o curso era estruturado em duas habilitações: bacharelado e licenciatura. Dessa forma, correspondia ao modelo “3+1”, como explicam Vicentini e Lugli (2009), isto é, uma proposta de três anos de Bacharelado (estudo do conteúdo específico) e um ano de Licenciatura (disciplinas pedagógicas), ao final do curso, modelo que foi amplamente criticado e discutido. No caso do curso de Pedagogia era vago o papel do pedagogo que poderia atuar na docência do Curso Normal ou em atividade técnica de orientação pedagógica (BRAGANÇA, 2012).

Em sua trajetória, o curso continuou estruturado dessa forma até a década de 1960. Em 1962 e 1969 pareceres do Conselho Federal de Educação (CFE nº 251/62 e CFE nº 252/69) implicaram alterações e reestruturação com a criação das habilitações: em supervisão, administração, inspeção e orientação educacional para as escolas e sistemas escolares. As habilitações profissionais acabaram gerando discussões na comunidade acadêmica, que considerava este enfoque limitado já que dividia o fazer pedagógico no cotidiano da escola e separava especialistas de professores, tendo início um amplo debate que envolveu dimensões históricas, políticas e sociais da época.

Temos, assim, os primeiros anos da década de 1970 marcados por uma educação tecnicista adequada ao contexto da época.

Os debates construídos no interior dessa associação foram, então, indicando outros caminhos para a formação de professores, nomeadamente a elevação ao nível superior, no âmbito da graduação em Pedagogia, bem como a reorganização curricular, buscando a formação do professor e a formação do especialista no professor, ou seja, uma abordagem ampla que rompesse com as especializações técnicas previstas na estrutura curricular do Curso de Pedagogia e impostas às escolas como divisão do fazer educativo (BRAGANÇA, 2012, p. 100).

Os anos 1980 iniciaram grandes movimentações na sociedade brasileira que deseja a abertura política em várias dimensões, inclusive na educação e na formação de professores. Docentes e alunos realizaram movimentos importantes, buscando reorganizar o Curso de

Pedagogia, especialmente com o objetivo de rever a organização das habilitações que tinham como perspectiva a divisão pedagógica da formação e da prática do pedagogo.

Nesse contexto, realizaram-se vários encontros, como: o “I Seminário de Educação Brasileira”, em 1978 a I Conferência Brasileira de Educação e criação do “Comitê Nacional Pró-Formação do Educador”, no ano de 1980. O referido Comitê tomou grande força e se tornou na Comissão Nacional pela Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores (CONARCFE), que, em 1990, originou a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE)(BRAGANÇA; MOREIRA, 2013).

Essa caminhada histórica, especialmente a luta dos anos 1980, foi fundamental para a constituição do cenário da formação docente no aparato legal contemporâneo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9.394/96 (LDBEN)(BRASIL, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais, de 2006, (DCN)(BRASIL, 2006) e o Plano Nacional de Educação (PNE)(BRASIL, 2014) apresentam a política pública para formação inicial docente em âmbito nacional, sendo necessário considerar as peculiaridades regionais, o histórico e a realidade atual do ensino brasileiro.

Saviani (2005) ressalta a importância histórica dos Sistemas Nacionais de Ensino, afirmando que a definição do conceito depende do tempo em que é proposto, assim como das matrizes teóricas. Dessa forma, o autor nos desafia a situar os fatos nos seus contextos históricos. Para ele, devemos “[...] encarar o *sistema educacional* como um conjunto dinâmico, com seus elementos interagindo, incorporando contradições e se comportando, ao mesmo tempo, como condicionado e condicionante do contexto em que está inserindo”, levando em consideração as condições políticas, sociais e econômicas (p.31).

O sistema educacional e o de formação de professores devem servir como pano de fundo para a educação, não podendo deixar de lado o tempo e o lugar onde se desenvolvem, respeitando o contexto político, social e cultural na mediação da análise da ação. A imagem abaixo demonstra o esquema dos documentos que são a base para a formação inicial docente e que indicam movimentos no sentido de um sistema nacional de formação docente:

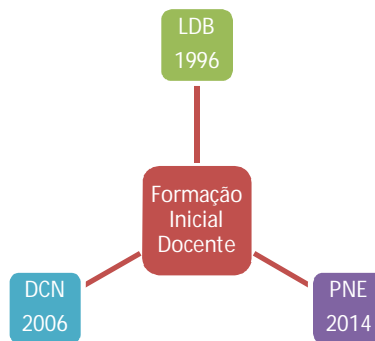


Imagem 1: Formação Inicial Docente: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, N. 9.394/96 - LDBEN; Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia de 2006 - DCN e Plano Nacional De Educação 2014 - PNE

A LDBEN nº. 9.394/96 considera como “trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas” (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009), tendo como referência uma formação sólida e ampla, fundamentada pela práxis (teoria x prática), visando atender as demandas de suas atividades.

A LDBEN propõe um regime de colaboração entre o Governo Federal, os Estados e os Municípios para atender a formação inicial, a continuada e a capacitação desses profissionais - que pode ser feita à distância, caso não tenha condições de ser realizada de forma presencial. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009) (BRASIL, 2009).

Os entes da federação devem adotar mecanismos de incentivo para acesso e permanência nos cursos de formação docente, como bolsas de iniciação, para que esses profissionais atuem na educação básica pública (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

É necessário ainda destacar o Art. 67 da LDBEN que defende a valorização docente:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

- I -ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;
- II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;
- III - piso salarial profissional;



IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

O indicativo da LDBEN de elevação da formação de professores para o nível superior, por meio do Curso de Pedagogia intensificou o debate sobre a formação de professores em geral e sobre a organização do Curso. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso foram definidas em 2006, após amplas discussões da sociedade, por meio de grupos organizados de educadores, que defendiam a qualidade da formação docente.

Logo, o Art. 4 das DCN indica ampliação dos sentidos atribuídos à docência:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

A proposta apresentada pelas Diretrizes, entretanto, não apresenta consenso no cenário educacional. Segundo Libâneo (2006), o texto não deixa explícito se o curso vai apenas atribuir competências para o docente participar da organização e da gestão escolar ou se prepará-lo para assumir funções na gestão e organização da instituição. Esta imprecisão com relação ao texto da Resolução, quanto ao objetivo e natureza do profissional a ser formado, parte de conceitos centrais da teoria pedagógica: educação, pedagogia e docência (LIBÂNEO, 2006).

Conforme defende Libâneo (2006, p. 850) “por respeito à lógica e à clareza de raciocínio, a base de um curso de Pedagogia não pode ser a docência. Todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Um professor é um pedagogo, mas nem todo pedagogo precisa ser professor”. Já a ANFOPE defende que a relação entre docência e Pedagogia é indissociável, visão que foi assumida com força pelo movimento dos educadores e incorporada às DCN (BRAGANÇA, 2012).

Assim, na proposta das Diretrizes, a dinâmica identitária do Pedagogo passa pela sala de aula, mas também pela gestão, é a docência articulada com a administração escolar e a produção de conhecimentos educacionais, abrindo novos espaços para esses profissionais. Como podemos perceber também no parágrafo único do documento:

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares.

As DCN terminam com as habilitações e propõem, no artigo sexto, três núcleos formativos: um de estudos básicos, pesquisa da literatura e realidades educacionais existentes, e também das ações / reflexões críticas que não fujam da diversidade cultural; outro de aprofundamento e diversificação de estudos ligados aos projetos pedagógicos das instituições, objetivando a atuação profissional, para atender as demandas da sociedade; e mais um de estudos integradores, cuja finalidade é a qualidade dos currículos.

A proposta da criação dos núcleos tem como objetivo articular os saberes multidisciplinares do Curso de Pedagogia, contemplando ainda abertura para as dimensões: epistemológicas, disciplinares e de saberes (BRAGANÇA; MOREIRA, 2013). Dessa forma, a partir de 2006, o Curso de Pedagogia não conta mais com as habilitações: administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, mas com áreas de formação que articulam docência e gestão educacional, como exposto no Artigo 10 das DCN: “As habilitações em cursos de Pedagogia atualmente existentes entrarão em regime de extinção, a partir do período letivo seguinte à publicação desta Resolução” (BRASIL, 2006).

Observamos, também, que as DCN de 2006 para o Curso de Pedagogia dão ênfase à formação e valorização do profissional da educação, nesse documento, elas são indissociáveis. A formação articula a inicial, a continuada e a valorização com remuneração, plano de carreira e jornada de trabalho adequada, defesa também presente no Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014 (BRASIL, 2014).

O PNE baseia-se na valorização dos profissionais da educação básica e superior, propondo mecanismos de democracia na gestão, onde os docentes possam participar de forma efetiva na elaboração dos projetos educacionais; avaliação; financiamento; abertura de concursos públicos na área de educação; planos de cargos e salários compatíveis com as DCNs; respeitar a Lei do Piso Salarial Profissional Nacional; programas de educação inicial e

continuada, com base em políticas públicas que possam entrelaçar teoria x prática, pesquisa x extensão.

A Meta 15 do PNE 2014 apresenta como proposta a garantia, apoiada por todas as esferas governamentais, que no prazo de um ano, seja assegurada a formação inicial e continuada em Nível Superior, como a Pós Graduação; gratuita e na área de atuação profissional (BRASIL, 2014).

Baseada em dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, Aguiar (2011), ao analisar a proposta do projeto do PNE, considera o alcance dessa meta um grande desafio, pois tem como proposta qualificar 600 mil profissionais em 10 anos e igualar os rendimentos no campo educacional até 2020. O PNE apresenta proposta bastante ousada diante da diversidade da realidade da educação no país, como: a valorização da profissão docente, com relação à remuneração/jornada de trabalho, às condições de trabalho, ao incentivo da educação continuada.

Apesar do amplo aparato legal, a organização de um sistema Nacional de Ensino e de formação de professores no Brasil conta com obstáculos econômicos e políticos, descontinuidade dos programas e excesso de reformas, caracterizando políticas de Governo e não de Estado. Fomentar a discussão da autonomia, da formação e de práticas reflexivas dos profissionais da educação, baseada nas políticas públicas educacionais é uma das possibilidades de melhoria no sistema educacional de ensino.

Na trajetória da docência no Brasil, podemos observar idas e vindas quanto à importância do profissional da educação, bem como dos movimentos organizados pela classe. Há que se perceber que assumir a universalização da educação básica de qualidade para todos, visando à inclusão social, exigirá a revisão crítica do que vem sendo feita na formação inicial e continuada de professores e sua valorização. Nóvoa pontua a importância da identidade profissional:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participativa. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p.25).

Observamos que, na análise do autor, a formação é a transformação do sujeito frente ao conhecimento. Esse processo tem muito mais qualidade quando o mesmo é agente participativo na elaboração dos conteúdos, das práticas, nas discussões e reuniões em que serão

discutidos assuntos pertinentes a essa formação, pois se não há espaço para questionar, elaborar as ideias, pensar, criticar, os sujeitos são tomados como meros transmissores e receptores de conhecimento.

Podemos perceber, em algumas turmas de 1º período do curso de Pedagogia, que os alunos chegam ao Ensino Superior e são estimulados a falar, dar opinião e participar, mas isso não é uma realidade no Ensino Médio, quando muitas matérias devem ser decoradas, exercícios repetitivos e muitos questionários. Observamos na prática um choque de realidade, pois o aluno na sua vida escolar não é estimulado a participar, refletir, falar e na Universidade sua fala, seu pensar fazem parte das aulas. Sua formação crítica, reflexiva e participativa é condição para uma boa prática profissional, que segundo Gatti:

Depende não apenas de conhecimentos e de competências cognitivas no ato de ensinar, mas também de valores e atitudes favoráveis a uma postura profissional aberta, capaz de criar e ensaiar alternativas para os desafios que se apresentam (GATTI, 2011, p.25).

A Pedagogia ainda é vista com desprestígio em nosso país, normalmente nas instituições de ensino públicas e particulares este curso se apresenta como se tivesse um valor menor do que outros cursos, o que, muitas vezes, faz o candidato escolher o curso pelo valor financeiro e não pelo interesse. Além disso, a Pedagogia ainda é vista como um curso para mulheres; e ainda conta com uma remuneração que não condiz com sua importância para a sociedade (GATTI, 2011; BRAGANÇA, 2012).

Segundo Paulo Freire (1992, p.80): "Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão". Sendo assim, as práticas formativas precisam ser refletidas, para contribuir na busca de possíveis soluções ou encaminhamentos propositivos. Para que isso se torne possível, é fundamental que a vivência no contexto da formação inicial proporcione a partilha de ideias, experiências e vivências, tornando o ato educativo pleno e concreto, envolvendo docentes, discentes e as políticas públicas, com o intuito de realizar uma educação transformadora.

As políticas públicas educacionais vigentes tendem a preocupar-se com a quantidade, em detrimento da qualidade. E isso acaba por intervir em todos os segmentos da sociedade, pois reflete na Educação Infantil, no Ensino Médio e no Superior. No curso de Pedagogia não é diferente, futuros docentes chegam com dificuldades em conteúdos básicos, o que traz consequências sérias no processo de formação (GATTI, 2011).

Percebemos, assim, as fragilidades da educação básica no sistema educacional brasileiro, bem como o perfil dos estudantes, que, em muitos casos, procuram o curso por diversos motivos e não, necessariamente, pela perspectiva de atuação como docente/pedagogo (GATTI, 2011; BRAGANÇA, 2011).

Os estudantes que chegam ao curso de Pedagogia trazem as marcas das contradições do próprio sistema educacional e da sociedade brasileira. Apesar delas, entretanto, vão construindo, ao longo de suas trajetórias escolares, visões sobre a docência, sobre o fazer pedagógico. O presente trabalho pretende, no contexto do curso de Pedagogia de uma universidade privada, evidenciar, por meio de narrativas, as visões dos alunos ingressantes sobre a docência, bem como analisar se há transformação dos mesmos no processo de formação acadêmica.

Conforme apresentado, as políticas educacionais (LDBEN n. 9.394/96, DCNs de 2006 e o PNE 2014) apontam para uma perspectiva de formação inicial e de docência que consiste na base de análise da presente pesquisa em diálogo com as concepções construídas pelos discentes do Curso de Pedagogia ao longo de sua formação acadêmica. A proposta do trabalho consiste na análise, por meio de narrativas de formação dos alunos do curso, sobre a docência. O estudo se faz pertinente para que se possa conhecer um pouco a respeito da configuração das políticas públicas educacionais dirigidas à formação e da contribuição da formação acadêmica nesse processo.

## CAPÍTULO II: REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: REFLEXÕES

*O justo é o porta-voz da criatura e  
ao mesmo tempo sua mais alta encarnação.  
Walter Benjamin<sup>4</sup>*

Na busca de aprofundar o conceito de formação, foi desenvolvido um diálogo entre os autores Benjamin (1994), Larrosa (2002), Pineau (2006) e Vieira (2009) para discussão de referências fundamentais para a pesquisa.

Na obra “O Narrador” de Walter Benjamin (1994), o autor alerta que a narrativa viva vem se perdendo com o tempo, muito pelo desenvolvimento e pela aceleração das forças produtivas, ou seja, pelo trabalho. Hoje temos um mundo ao nosso alcance por meio da tecnologia: a fala e a escuta têm ficado em segundo plano, as pessoas acabam não tendo tempo para contar suas histórias, ou ouvi-las, pois estão sempre correndo (nem sabe para onde), ou atrasadas (nem sabe para quê).

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: **quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações** (BENJAMIN, 1994, p. 203, grifos meus).

São tantas as informações que não temos tempo nem de assimilá-las, mas encaminhamos via e-mails, WhatsApp<sup>5</sup>, Facebook<sup>6</sup>, entre outros aplicativos, muitas vezes sem sequer ler até o fim. Conclusão ao longo do dia, o celular está cheio de mensagens, que muitas

---

<sup>4</sup>BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 217

<sup>5</sup>WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por Short Message Service – SMS (Serviço de mensagens curtas). Está disponível para iPhone, BlackBerry, Android, Windows Phone, e Nokia e sim, esses telefones podem trocar mensagens entre si! Como o WhatsApp Messenger usa o mesmo plano de dados de internet que você usa para e-mails e navegação, não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com seus amigos.

Além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio.

WHATSAPP. Disponível em: <[https://www.whatsapp.com/?l=pt\\_br](https://www.whatsapp.com/?l=pt_br)>. Acesso em: 30 jul. 2015.

<sup>6</sup>Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. A ferramenta criada em 2004 pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin, também permite que você receba as novidades das páginas comerciais das quais gosta, como veículos de comunicação ou empresas.

FACEBOOK. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2015

vezes deletamos para não encher a memória do aparelho. Aparelho que hoje em dia, o que menos se faz em sua utilização é falar, hoje vemos pessoas teclando o tempo todo, em todos os lugares e de qualquer idade.

“[...] O homem conseguiu abreviar até a narrativa” (1994, p.206) afirma Benjamin, e vemos isso nas mensagens abreviadas, as pessoas não escrevem mais você, e sim “vc”; o também virou “tb”, e ninguém mais manda beijos, só “bjs”. As pessoas nos bares e restaurantes perdendo o hábito de conversar, cada pessoa fica mexendo no seu próprio celular, o “bate papo” está cada vez mais escasso. E os restaurantes que não oferecem as redes sem fio Wi-Fi, colocam placas “conversem entre vocês”.

Benjamin (1994, p.201) afirma que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Nós não somos os mesmos depois de uma experiência, agregamos vivências boas ou ruins nas nossas memórias e podemos incorporar a nossa história de vida, por isso a troca se torna tão importante na construção do “eu”.

Temos uma censura que está presente, e que de certo modo filtra alguma coisa que não queremos lembrar, pois a experiência não se esquece, fica arraigada na nossa memória.

[...] O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (1994, p.221).

E com tanta riqueza nos detalhes, a narrativa é potente para pesquisa, valorizando as histórias e saberes do cotidiano, o que o pesquisador observa, grava, transcreve e se transforma; não como uma simples informação ou relatório, conforme as reflexões de Benjamin (1994), mas como experiência e conhecimento.

As narrativas são feitas por “gente *viva*”, que se alegra, entristece, inova, repete, e que tem em suas falas as teias que teceram suas histórias de *vida*, e que outros podem até saber contar, mas nunca da mesma forma, pois nós somos os autores.

Tendo como referência as reflexões de Benjamin, Larrosa (2002) faz uma distinção entre os conceitos de experiência e vivência; na vida o sujeito tem muitas vivências, são acontecimentos corriqueiros, situações da vida cotidiana, já a experiência é algo mais profundo, transformador. Para melhor definição, o autor cita Heidegger (1987):

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência que dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro, ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143, apud LARROSA, 2002, p. 25).

Tomando como referência o autor, afirmamos que a experiência formadora é o fato que transforma o sujeito internamente, não consistindo no acúmulo de conhecimento ou mesmo aquisições de títulos ou certificados, mas um processo intenso que amplia a visão e a atuação sobre o mundo. Dois sujeitos podem fazer um curso em uma mesma sala de aula e ter experiências diferentes. Para um, aquela foi apenas mais uma aula, para o outro, houve uma experiência existencial, que vai modificar sua forma de ser.

[...] o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida (LARROSA, 2002, p.27).

Nesse mesmo sentido, Pineau (2006) defende a ideia de que a reflexão leva o sujeito a se apropriar da sua própria trajetória, favorecendo a transformação da vida em “obra pessoal”. E é através dessa autoformação que situa sua ação: “autoformação como poder de formação”. O autor busca articular, assim, as histórias de vida e a formação, pois ao ser sujeito de sua própria história, há uma apropriação e um maior sentido: “Sua aposta biopolítica é a da reapropriação, pelos sujeitos sociais, da legitimidade de seu poder de refletir sobre a construção de sua vida” (PINEAU, 2006, p. 336).

Vieira (2009) discute teoricamente sobre as identidades pessoais como processos vividos, especialmente, por meio das trocas com os outros, em que são construídas e modificadas nossos saberes, não como um processo estático, mas sim como um movimento de “constante reestruturação – constante metamorfose – para um novo todo” (p.38).

O sujeito ao dar um significado ao seu passado e ao seu presente, através da apropriação da sua própria história, pode dar sentido ao seu futuro, e o autor ainda destaca:

Esta interação com as partes dá-se de forma contínua, processual. Portanto, o todo que constitui este que sou “eu” é a todo o momento modelado e remodelado. Quer isto dizer, que há uma renovação, uma mutabilidade



constante desse “eu”; o que sou agora não é o que já fui nem o que o serei daqui a pouco (VIEIRA, 2009, p.49).

Larrosa (2002), Pineau (2006) e Vieira (2009) consideram importantes as histórias de vida no processo formativo, formação interna que se dá quando se permite transformar através do conhecimento. Todo sujeito tem uma bagagem de vida, e ao confrontar com outras, há a transformação, o aprendizado, desse modo, não é como uma ação passiva e sim interativa.

A escolha dos referenciais teóricos é de suma importância para o direcionamento da pesquisa, principalmente na perspectiva de trabalho com as narrativas e histórias de vida. Hoje já temos, internacionalmente e também o Brasil, fértil produção no campo, Nóvoa (1992), Bragança (2008), Josso (2010), dentre outros, já produziram várias pesquisas neste campo.

As narrativas têm se mostrado potentes, pois ao se apropriar da sua trajetória de vida, o sujeito consegue avaliar seu próprio processo de formação, que não está começando agora, ele já tem e traz uma grande bagagem. O autor é a própria personagem, que vai contar aquilo que ficou de mais marcante na sua história de vida e, nesse processo, vai lembrando e associando outros fatos. É o autor da sua história. Cabe ao pesquisador mediar o diálogo para uma abordagem mais global ou dar um enfoque temático, por exemplo, enfatizar trajetória de escolarização, ou mais especificamente algo mais marcante na Educação Infantil, Fundamental ou Médio que precisa de destaque em função dos objetivos da pesquisa.

As histórias de vida podem trazer à tona, as dimensões subjetivas sobre o sujeito, como foi sua trajetória escolar, quais os fatos mais marcantes (positivos ou negativos). É um olhar mais sensível para a pessoa, que também é profissional e que vai ter como referência com tantas outras pessoas. É fundamental destacar que não se pode ignorar o contexto social que a história de vida está inserida, para isso precisamos situar o tempo e espaço desta narrativa, para melhor compreender e representar.

Bragança e Maurício, afirmam:

A lembrança individual apóia-se nos quadros da memória coletiva e esta permite retorno ao passado, no intuito de conformá-lo ao pensamento e às representações do presente inseridas na sociedade atual e no seu grupo de pertença. Para que a imagem de um objeto possa representá-lo, é necessário que ela seja comum a um conjunto de indivíduos, portanto, social (2008, p.255).

Esses sujeitos já estão inseridos no mundo, já passaram pelos bancos escolares e carregam consigo seus valores, suas perspectivas e representações. Essas representações são

cheias de significados, pois o passado pode ajudar a entender o presente, lampejos da infância e de outras etapas da vida que, guardados na memória, ao ser contada ou escrita vem cheia de significados, favorecendo uma dinâmica reflexiva, muitas vezes, para o próprio sujeito.

Bragança e Maurício (2008) afirmam que “as histórias de vida são tecidas por meio de recordações individuais, que repousam sobre memórias coletivas ou comuns, constituídas por representações reveladoras de identidades grupais”, são ações ocorridas no coletivo, e que de certa forma marcaram uma época, como: a copa de 1970, as diretas já para presidente, o episódio da escola de Realengo e outros. Acontecimentos sociais e históricos que marcam a lembrança de cada indivíduo e que ao lembrar podem mobilizar transformação desse sujeito.

Os sujeitos, nesse caso professores, ao relatarem seus processos de formação, suas práticas educativas, suas histórias de vida, por meio de depoimentos orais ou escritos, em memoriais ou outros meios, expressam suas representações dos processos que vivenciam ou que já vivenciaram. Seus relatos são perpassados por valores, crenças, conhecimentos que orientam suas ações, revelando-se a si mesmos e a seus grupos de pertença nos objetos que descrevem (BRAGANÇA, 2008, p.265).

Josso (2010) afirma que ao lembrar ou relembrar alguma prática, uma “experiência formadora”, tomamos posse das possíveis transformações que tivemos com aquela ação, positivamente ou negativamente; no momento, no processo, ou somente agora. Isso só irá se constituir “experiência significativa”, no momento da reflexão.

A hipótese do poder transformador está indissocialmente ligada ao conceito de experiência formadora, segundo o qual qualquer prática deixa traços; que toda tomada de consciência cria novas potencialidades; e que a transformação é um processo que se desdobra em razão de um caminhar interior mais ou menos consciente antes de se tornar *visível* para o outro (JOSSO, 2010, p.175).

No momento da narrativa oral ou do registro escrito, o autor se torna ator da sua própria história, muitas vezes é a primeira vez que faz esse registro, e ao escrever, procurar lembrar, vivenciar, ele se apodera da sua própria vida, e seus desdobramentos.

Ao tomar posse da história, que o autor se dá conta de sua trajetória, de suas vitórias e derrotas, aprendizados e sentimentos que vêm à tona. Para quem ouve, cabe sempre uma reinterpretção, a produção de novos sentidos, incluindo a identificação, aceitação ou não.

A posição de ouvinte, ou melhor, do ator-ouvinte, vai gerar um trabalho interior de comparação por identificação e diferenciação da sua história com a narração ouvida. Esse processo é extremamente importante na iniciação de um questionamento sobre o que se faz para que se possa sentir, ao mesmo tempo tão semelhante e tão diferente. É nesse momento que *é iniciada a procura daquilo que gera a singularidade na generalidade* (JOSSO, 2010, p.179).

Ao narrar ou escrever sua própria história, o autor se coloca no papel de narrador-escritor, mas também de leitor, é um grande desafio descrever algo vivenciado, de forma que fique claro para os outros, demonstrando sentimentos e fazendo sua própria produção de conhecimentos.

O momento da troca de experiências é fundamental, pois é possível perceber que foi entendido do que foi expresso, para sanar dúvidas ou gerar novas interpretações, melhorar pontos para que a escrita fique mais sensível, profunda e explícita.

Somos seres mutantes, mas muito do que somos, é parte de uma trajetória de vivências, assimiladas conscientes ou não; e ainda temos muito o que mudar, pois as experiências não param, ocorrem a todo momento e de variadas formas.

É um processo de releitura da sua própria história, que pode trazer mudanças e transformações quando apoderadas num outro momento, essa metodologia se contrapõe a aceleração da vida contemporânea. Conforme afirma Larrosa (2002) vivemos na atualidade um ritmo frenético que dificulta o encontro com as pessoas, a reflexão, um mundo povoado de informações, mas frágil do ponto de vista das experiências formadoras.

Ao fazer o exercício da leitura de vida e formação, paramos o tempo corrido, para buscar a memória nossa própria história e nos apoderarmos dela, podendo entender muito do que somos hoje, por meio destas vivências.

O sujeito vive, assim, como ressalta Nóvoa (2010), a necessidade de uma educação global e permanente, tendo na escrita não só um fim do conhecimento, mas um meio de formação, o autor propõe uma “teoria da formação”.

O Método (auto) biográfico e a Formação vem, mais uma vez, ao encontro das inquietações com a formação ao longo da vida, hoje ainda mais exacerbadas pelas mutações sociais, que exigem do adulto que se auto(trans)forma, mais do que nunca, a capacidade de tomar entre suas mãos a própria vida e empreender a conquista de consciência histórica de sua formação (NÓVOA, 2010, p.14).

Cada um tem sua história, suas marcas, e isso ajuda muito a compreender o presente. Quando lembramos da nossa trajetória de vida e de escolarização, vemos quantas coisas passamos e superamos, ou não, que alguns fatos foram definitivos naquele momento. Hoje, a maturidade, ajuda a superar, a transpor ou ressignificar as coisas do passado, que fazem parte da história de vida.

Nossa sociedade, de um modo geral, supervaloriza a educação da criança, entretanto, muitos não completam o Ensino Fundamental ou o Médio, não chegando à Educação Superior. A criança é levada a estudar e, em muitos casos, esse processo vai se perdendo no decorrer da vida, principalmente no caso dos que precisam trabalhar, entre trabalho e escola, prevalece o trabalho.

A discussão da Educação Permanente trouxe a centralidade da aprendizagem que se dá ao longo de toda vida, portanto, revalorizou a educação de adultos. Uma formação que é contínua, não para, pois temos sempre o que aprender e o que ensinar. O mundo não pára, está sempre em processo de mudança e o ser humano deve ser capaz de acompanhá-la. Pineau (2006) destaca as teorias e abordagens que sempre valorizaram o desenvolvimento infantil em detrimento do investimento no adulto, a abordagem das histórias de vida valoriza o entendimento de que o adulto constrói conhecimento ao longo de toda a sua existência e que essas experiências são construídas nos múltiplos espaços que vivenciamos, no contexto da educação de adultos, situamos a formação de professores.

Onde houver pessoas, a Pedagogia deve estar presente, pois o desenvolvimento é uma das maiores ações do pedagogo, e isso não acontece apenas nas salas de aula, mas também nas empresas, hospitais, igrejas, e outros lugares. Somos seres inacabados, estaremos sempre em busca de aperfeiçoamento, de conhecimento e de adaptações. Segundo Nóvoa (2010, p.164) “Trata-se, sempre, de inscrever a pedagogia numa prática profissional que não é a escolar e numa relação que não é pedagógica, no sentido estrito do termo”.

Registrou-se, assim, um período de desenvolvimento na educação de adultos, sendo importante nesse processo a construção de uma *epistemologia da formação*, tendo como referência as *histórias de vida ou método (auto) biográfico*; onde cada adulto é único com suas histórias e vivências, marcadas na sua vida e refletem nos seus atos.

Nóvoa afirma:

A dificuldade de elaborar uma teoria da formação dos adultos reside, em grande parte, na incapacidade de entender a formação sem recurso aos conceitos de “progresso” e de “desenvolvimento”. Ora, é evidente que o adulto tem que construir a sua própria formação com base num **balanço de vida** (perspectiva retrospectiva) e não apenas num ótica de desenvolvimento

futuro. Desse modo, o conceito de **reflexividade crítica** deve assumir um papel de primeiro plano no domínio da formação de adultos (2010, p.166).

A formação é, assim, um processo, e só nos damos conta de que aprendemos algo, quando vivenciamos; muitas vezes foram várias experiências que fizeram o agora acontecer, e ao registrar essas construções de forma oral ou escrita o processo fica muito mais claro.

“As *histórias de vida* e o *método (auto) biográfico* integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida” (NOVÓIA, 2010, p. 167). O adulto já vem com uma bagagem de conhecimentos, por isso a troca de conhecimentos é tão importante, os saberes da sua trajetória nos dão possíveis caminhos de reconstrução. Vamos nos construindo em um processo contínuo.

É nesse sentido que a presente pesquisa busca levantar indícios do processo formador vivido por estudantes de pedagogia, especialmente a reconstrução das concepções dirigidas à docência ao longo do curso.

## CAPÍTULO III: SOBRE OS CAMINHOS PERCORRIDOS

*Um homem sem memória é um homem sem história.  
A memória é o brinquedo da aprendizagem.  
Marta Relvas<sup>7</sup>*

### 3.1. Abordagem Metodológica

A metodologia toma como referência a abordagem qualitativa da pesquisa em educação, o que implicou a participação do pesquisador no campo onde foi desenvolvida a pesquisa.

Considerando que, nos estudos qualitativos, o pesquisador é o principal instrumento de investigação [...] tanto a formação intelectual do pesquisador, quanto suas experiências pessoais e profissionais relacionadas ao contexto e aos sujeitos introduzem vieses na interpretação dos fenômenos observados e, nesse caso devem ser explicitados ao leitor (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.160).

Considerando a complexidade do tema de estudo proposto e tomando a perspectiva multimetodológica da abordagem qualitativa, propomos o desenvolvimento da pesquisa por meio de revisão bibliográfica, aplicação de questionários e realização de grupo focal.

Segundo Gatti (2005, p.9) “o Grupo Focal é uma técnica qualitativa, cujo objetivo consiste em captar, entre os sujeitos, percepções, sentimentos e ideias, fazendo emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado”.

Inicialmente optamos por uma análise da produção do campo desenvolvida por meio de revisão da bibliografia, buscando maior conhecimento sobre o tema escolhido e, posteriormente, uma interligação dessa literatura com a vivência pedagógica no campo de estudo, tendo como referência falas dos discentes do Curso de Pedagogia.

O trabalho de campo foi realizado no curso de Pedagogia de uma universidade particular do Rio de Janeiro, com alunos dos primeiros e dos últimos períodos, visando constituir um paralelo das visões sobre a docência e dos desdobramentos da graduação no processo formativo.

A aplicação de questionário foi realizada com vinte estudantes do primeiro e dezessete do último período do curso, para depois passar ao grupo focal com enfoque na narrativa dos

---

<sup>7</sup> RELVAS, Marta. **Cérebro aprende pelo afeto e emoção**. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vyaestelar/cerebro\\_aprende\\_pela\\_emocao.htm](http://www2.uol.com.br/vyaestelar/cerebro_aprende_pela_emocao.htm)>. Acesso em: 03 ago. 2015.

estudantes. Os encontros do grupo focal tiveram um roteiro elaborado previamente, mas foram desenvolvidos em forma de conversa que pudessem favorecer a narrativa dos estudantes sobre a forma como perspectivam a docência, com um enfoque sobre suas histórias de vida.

[...] nas histórias de vida, o pesquisador está interessado na trajetória de vida dos entrevistados, geralmente com o objetivo de associá-la a situações presentes. Esta técnica tem sido muito usada para compreender aspectos específicos de determinadas profissões e para identificar problemas a elas relacionados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.168).

Conforme Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (ibid.), a presente proposta de pesquisa tem como objetivo desvendar um aspecto específico da trajetória dos estudantes – a visão construída sobre a docência, fazendo uma ponte de vivências e experiências pessoais e globais. Global, pois esse sujeito está inserido em um mundo, em uma realidade, que está fora do mundo acadêmico, mas, o tempo todo, um interfere no outro. Ele é um sujeito universal, com sentimentos, fragilidades, potencialidades e com uma história de vida única.

A dimensão global pode ser perspectivada tanto no sentido da relação com os múltiplos contextos, como por uma temporalidade alargada. Bertaux (2010), entretanto, traz o importante conceito de “filtro” como um recorte dado aos fragmentos de vida, dando maior relevância aos fatos ligados ao objeto da pesquisa e de como é recontado por meio da memória.

Essa abordagem teórico-metodológica tem alcançado bastante expressão na área da educação. Cautela, entretanto, torna-se importante, pois, em alguns trabalhos, há falta de aprofundamento, conforme nos adverte Nóvoa (1992).

Os questionários foram tabulados e os encontros dos grupos focais gravados e transcritos para estudo por meio da metodologia de análise de conteúdo, tendo como inspiração as proposições de Bardin (1977) e o desenvolvimento proposto por Bragança (2012b), especialmente dirigido ao trabalho com material biográfico.

### **3.2. A construção da pesquisa**

Conforme anteriormente explicitado, a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem (auto) biográfica e contou com dois momentos, o primeiro com a aplicação de um questionário com o objetivo de ter uma visão mais ampla sobre o perfil dos alunos do primeiro e oitavo períodos; e um segundo momento que foi trabalhado por meio de dois grupos focais, também com alunos do primeiro e do oitavo períodos.

Desde o início do mestrado, somos incentivadas a escrever um diário, com anotações que nos chamam a atenção, sentimentos, sensações, entre outros. Tomando como inspiração as proposições de Barbier (2002) o diário de itinerância trata-se de:

um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta/palavra– clínica, filosófica e poética – da abordagem transversal. Bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida.

Nesse sentido, ao longo da realização da pesquisa, foram sendo registrados os movimentos de sua construção e, nesse item da dissertação, dedicados à narrativa sobre a tessitura da própria pesquisa enquanto movimento de produção de conhecimento e também de formação, reservou-se um espaço para socialização de fragmentos desse texto que trazem à luz os bastidores da pesquisa e que de forma intensa a constituem.

### ***03 de março de 2015.***

*Neste dia estive em reunião com a Coordenadora do Curso de Pedagogia para verificar a possibilidade da pesquisa nas turmas de primeiros e últimos períodos.*

*Levei o questionário e ela me perguntou sobre a pesquisa, expliquei o tema e o objetivo, e achou bastante pertinente, principalmente pela intenção de dar retorno do trabalho depois de finalizado.*

*As turmas de primeiro período não tinham tido início, mas as de último já estavam trabalhando e a coordenadora ficou de marcar o dia mais apropriado.*

### ***17 de março de 2015.***

*Chegou o dia de aplicar o questionário na turma de oitavo período, quando cheguei devia ter uns oito alunos, os demais foram chegando atrasados. Informei que a professora da disciplina não viria, mas que a minha visita já estava agendada para aquele dia.*

*Primeiro tive uma grata surpresa comigo mesma, pois fora as aulas da Prof.<sup>a</sup> Inês, que eram muito enriquecedoras e prazerosas, eu estava feliz em estar ali, fazendo a pesquisa. Segundo que os alunos se sentiram lisonjeados por ter a oportunidade de participar de um trabalho acadêmico.*



*Me apresentei, expliquei o objetivo da pesquisa e li com eles a apresentação do questionário, explicando que não havia necessidade de identificação, que não havia certo e errado, que o mais importante era a resposta e que a pesquisa era para melhoria nossa (Pedagogia). Falei, também, que mesmo que já tivessem formandos, eu me comprometia de dar o feedback para eles.*

*Logo uma aluna perguntou: a última questão pode ser uma frase? Eu respondi que sim.*

*Depois de um tempo, logo começaram a sinalizar que tinham acabado, eu pedi para aguardar, pois já que não iriam ter aula, eu aproveitei o tempo para um bate-papo com eles.*

*Comecei a perguntar: o que é um docente e se viam diferença de agora para quando entraram na Universidade. A turma começou a participar e debater de forma animada.*

*Uma aluna se manifestou: “sou muito diferente de quando entrei, agora eu penso”.*

*Outra aluna: “quando eu entrei aqui não tinha a menor noção do que é ser Pedagogo, agora eu sei”.*

*Algumas falas: “eu quero fazer a diferença”, “não é uma questão de sacerdócio, tem que ter valorização”.*

*Percebi que estava diante de alunos amadurecidos, que sabiam se colocar e sabiam da sua responsabilidade, muito diferente da minha vivência enquanto professora dos primeiros períodos do curso.*

*Expliquei que teria mais um encontro, onde iríamos aprofundar o tema, se tivesse alguém com interesse que colocasse o nome. Nesse momento uma delas falou do Diário<sup>8</sup>, lembrou dos registros feitos, eu afirmei que sim, pois essa pesquisa trabalha com narrativas de vida.*

*Dos 17 que responderam, quatro colocaram o nome, duas alunas são do quarto período, mas puxaram essa disciplina. Quando estão terminando a graduação, tem a monografia, os estágios e as disciplinas pendentes para serem feitas, entendo que por isso poucos quiseram se comprometer em dar continuidade.*

*Agradei bastante a participação deles, pois foram receptivos e eles me agradeceram também pela escolha da turma, se sentiram valorizados.*

---

<sup>8</sup> A aluna se referiu ao Diário de Campo, onde o discente é incentivado a registrar tudo que considerar importante na sua trajetória acadêmica: ações, sentimentos, práticas. Barbier (2002) compara este diário, com o diário dos etnólogos.

**02 de abril de 2015.**

*Neste dia fui aplicar o questionário em uma turma de primeiro período do curso de Pedagogia, a recepção foi muito diferente a turma de oitavo período.*

*Primeiro era a véspera da semana santa, e é uma turma grande, mas devido ao feriado o quórum foi menor.*

*Comecei apresentando a pesquisa, li com elas o enunciado do formulário e os deixei fazendo, depois comecei a estabelecer um diálogo:*

*Pesquisadora: Meninas, difícil responder o questionário ? O que vocês acharam ?*

*Aluno: É bom.*

*Pesquisadora: É bom ? Alguma pergunta com maior dificuldade ?*

*Aluno: Acho que para quem está entrando agora o que é ser professor, fazer Pedagogia, é um pouco limitado, porque, por exemplo, eu estou entrando agora, a gente nem conhece o curso direito e tem gente que já desistiu porque achou que era uma coisa e é outra, então por enquanto ainda é complicado, eu ainda não sei porque decidi fazer Pedagogia, eu decidi porque não tinha Matemática. Eu ainda não tenho uma noção do que é.*

*Pesquisadora: Sim, mas isso também faz parte desta busca, por isso estou falando não existe certo ou errado, eu quero responder certo, a resposta que queremos de vocês é a do momento, como ela que falou que não tinha Matemática e veio parar na Pedagogia.*

*Aluna: eu tinha uma ideia de Pedagogia que era lecionar para crianças, eu gosto de crianças, mas eu acho que tem outras áreas que posso ir, então não é só dar aula para crianças, então eu acho que queria, talvez, não sei dar aula para crianças especiais, vejo mais importância.*

*Pesquisadora: alguém mais teve a percepção dela também, com dificuldade de definir o que é ser docente, porque a gente fala, a maioria brinca de ser professor, mas o que é estar aqui na frente? Tiveram essa dificuldade de colocar no papel ?*

*Aluna: definir não é fácil ...*

*Pesquisadora: Mas por isso mesmo a minha pesquisa é com o primeiro período e o último período.*

*Aluno: eles já sabem ...*

*Pesquisadora: Não sei se sabem ...*

*Aluno: Mas tem uma noção maior, a gente não sabe nada.*

*Pesquisadora: Você não está na área? Quem aqui é da área ?*

*Alunos: Eu trabalho em cursos, há quase oito anos, por isso escolhi Pedagogia.*

*Pesquisadora: Sou uma Pedagoga sem o Normal, sem formação de professores, e na época minhas colegas haviam feito, vamos dizer metade/metade da turma, eu achava que tinha que fazer, mas lá na frente, dependendo muito do que vocês vão buscar ... eu fiz Técnico de Administração, o que me ajudou muito , porque depois eu fui para a carreira da coordenação, fui coordenadora muitos anos da Estácio, e a administração me ajudou muito nesta questão. É natural esse depoimento que você dá, não vê nada pela frente, até porque você não está atuando, mas de certa forma vocês sempre conheceram essa profissão porque sempre fomos alunos, aliás nós sempre somos alunos, eternamente.*

*Professora da Turma: Alias o Professor/Pedagogo é o único profissional que já faz estágio, que já vem fazendo estágio, desde muito tempo, quando entra já num estágio tem a vivência de aluno e leva isso para vida dele. O que vejo é que no início se assustam muito, pois são muitas disciplinas com muita teoria, como: História da Educação, a Sociologia, os Aspectos, Filosofia ... muito teórico, aí você fica assim um tanto apavorada, são os fundamentos, temos que ter os fundamentos, mas quando começa o 4 período com as metodologias, a coisa fica mais prática, começam o campo de estágio. Vocês ficam apaixonadas, se soltam mais, era isso que queria.*

*Pesquisadora: Alguém gostaria de destacar alguma coisa da pesquisa?*

*Explico que a pesquisa tem uma segunda etapa, mais fechada. Vou primeiro trabalhar esses dados, e entro em contato. Para fazer um grupo focal.*

*Professora: A professora faz uma comparação com o diário, e informa quer terão na disciplina Pesquisa e Prática Educacional V - PPE V.*

*Aluna: Por que você escolheu essa profissão, a Pedagogia ?*

*Pesquisadora: Na verdade, eu não fiz Normal, era Técnica Administrativa, queria a área de Humanas: Serviço Social ? Como minha irmã já fazia Pedagogia um ano, eu fiz vestibular e passei na UFF, se tem um prazer na minha vida é dar aula, eu sou muito feliz de ser Pedagoga, eu*

*sou muito feliz com a minha profissão, tem muitos problemas, mas quando entro aqui tem uma magia a sala de aula ... se o mundo está do jeito que está, e se alguém pode plantar uma sementinha somos nós, todos os profissionais passam por nós: médicos, advogados. Não temos o merecimento, a valorização que merecemos, mas eu me valorizo e valorizo a docência. Somos uma classe que temos que nos valorizar.*

*Aluna: Eu entrei para mostrar para aquela pessoa que ela tem capacidade, vou ter o prazer de ensinar aquela pessoa, fazer ela confiar nela mesma.*

#### **05 de maio de 2015.**

*Fui na sala do oitavo período com a proposta de fazer o grupo focal, a turma estava envolvida numa atividade promovida pela professora, mas queriam saber da pesquisa. Expliquei que estava ali para a segunda parte, e saber quem gostaria de participar.*

*Percebi que tinham ficado apreensivas com relação ao que eu iria perguntar, expliquei que era uma conversa mais informal, com a mesma temática do questionário. Alguns alunos que moravam mais longe, em Niterói, explicaram que não podiam ficar, outras tinham que fazer outros trabalhos e saíram. Ficamos em sete, umas alunas de ante mão disseram que iriam só escutar.*

*E assim começamos o trabalho, eu fui perguntando e elas participando, outras escutando atentamente. Se mostraram muito interessadas com o resultado da pesquisa, e informei que primeiro iria trabalhar no que estava sendo gravado, para depois em diálogo com os estudos teóricos refletir sobre os sentidos atribuídos à docência.*

#### **07 de maio de 2015.**

*Aconteceu a visita na sala do primeiro período, turma grande, em que a maioria me reconheceu. Quando fiz a proposta do grupo focal, quem*

*gostaria de participar, apenas uma aluna de início se disponibilizou, senti o mesmo receio do oitavo período do que seria perguntado, mas com um grau bem maior, pois sequer sabiam o que é grupo focal.*

*Expliquei rapidamente, pois a professora da disciplina estava na sala e ia passar um trabalho, como vi que não teria voluntário, lembrei a voluntária que ela teria direito a 5 horas de atividades acadêmicas, o que na hora outras três se propuseram a participar.*

*Fomos para uma sala, e para meu espanto, as meninas, algumas sem experiência de sala de aula, mas com muita vontade de aprender e mudar. Mudar uma realidade primeiro vivenciada por elas e que não querem que se repita.*

### **11 de maio de 2015.**

*Foi a primeira vez que eu trabalhei com o grupo focal, uma metodologia diferente das minhas outras experiências, e pelo visto das entrevistadas também, pois conforme os relatos foram surgindo de forma tão espontânea e de assuntos tão corriqueiros, elas não acreditavam que “aquilo” iria fazer parte de uma pesquisa.*

*No primeiro encontro com as alunas do oitavo período, tivemos alguns momentos em que todas queriam falar ao mesmo tempo, e eu tive que intervir, para escutar e entender os relatos. Achei bem interessante, pois tinham duas alunas bem desconfiadas, e no decorrer da pesquisa começaram a participar sem eu pedir. Percebi que ali se sentiam a vontade, mesmo sabendo que eu estava gravando o áudio para posterior transcrição. Neste dia uma aluna lembrou a outra de um episódio da infância, que já havia contado em sala e ela considerava que seria importante relatar de novo, pois fez uma associação com a pesquisa, envolvia a relação aluno x professor, a colega lembrou e contou. O sentimento era comum: eu feliz com o desenrolar da pesquisa e elas por estarem se sentindo importantes em estar contribuindo para algo que elas não entendiam bem, mas que teriam participação.*

*O encontro com as alunas do primeiro período foi mais surpreendente ainda, no início um certo “constrangimento” para narrar suas histórias, principalmente por parte de quem ainda não sabia o que está fazendo na Pedagogia, mas depois foram vendo que não tinha censura, era a vida, suas*

*histórias que me interessavam e se soltaram. Algumas alunas se mostraram bastante engajadas com o papel da educação, querem estudar, melhorar, crescer e mudar, mudar para melhor. Algumas com experiência docente bem marcante, enquanto outras nem sabem porque estão ali fazendo Pedagogia, mas se sentem animadas com o que vivenciam no dia a dia da universidade. Uma conversa com ingressantes, que já mostram que querem fazer a diferença, apesar de todas as dificuldades relatadas em suas experiências.*

Os escritos do diário mostram a potência de uma pesquisa que se faz no caminho, no caminhar. Ao entrar nas salas, do primeiro e oitavo períodos, para aplicação do questionário a proposta era fazer um primeiro contato, entregar e recolher o material. É possível perceber, entretanto, que uma conversa informal - que não havia sido planejada como etapa da pesquisa - tomou a cena, colocando a pesquisadora em contato direto com narrativas sobre a escolha do curso de Pedagogia e sobre múltiplos sentidos atribuídos à docência pelos estudantes.

É significativo também registrar a nítida mudança de configuração entre o primeiro e o oitavo períodos: os estudantes do primeiro apresentam movimento de chegada, de aproximação da vida acadêmica, de exploração das possibilidades do curso escolhido, já os do oitavo apontam para a construção de uma experiência acadêmica, uma significação pessoal do curso e de suas próprias escolhas.

Do ponto de vista metodológico, destaca-se que o fato da pesquisadora permanecer nas turmas durante o preenchimento dos questionários favoreceu uma maior aproximação, a apresentação dos objetivos da pesquisa, bem como de princípios éticos adotados, como a não identificação dos nomes e o compromisso de retorno para socialização da pesquisa após o término da dissertação. Registra-se, ainda, que os participantes puderam tirar dúvidas sobre o próprio questionário no momento do preenchimento, fato que também favoreceu a abertura de um diálogo.

Na conversa com o oitavo período narrativas que apontam para a centralidade formativa das experiências vividas ao longo do curso. Uma aluna se afirmou diferente de quando entrou, pois “agora pensa”. O “agora pensar” indica a contribuição da graduação em Pedagogia na mobilização de um processo reflexivo sobre a vida, a educação e a docência. Nessa perspectiva, em pesquisa realizada por Bragança (2012 b) professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, ao rememorarem suas trajetórias de formação, sinalizam a importância da graduação na construção de uma visão mais crítica sobre a realidade social e educativa.

Também nas falas do oitavo período destaca-se que a trajetória no curso possibilitou uma compreensão sobre a Pedagogia enquanto campo de conhecimento e de atuação profissional.

Já os estudantes do 1º. período verbalizaram dificuldade para se expressar sobre a docência e a Pedagogia, se sentem em processo de aproximação, consideram que os alunos do 8º. período sabem e que eles não sabem. É perceptível, na narrativa dos alunos, uma perspectiva de conhecimento que valoriza a dimensão acadêmica e desconsidera os saberes construídos ao longo da trajetória de vida (FREIRE, 1992; NÓVOA, 1992), assim, os alunos do primeiro período consideram que são os do oitavo que estão autorizados a falar sobre o curso e mesmo sobre a docência, já que eles “nada sabem”. O primeiro período do curso, entretanto, já trouxe elementos para pensar que a Pedagogia não se restringe apenas ao trabalho com crianças, mas envolve diferentes níveis e modalidades de ensino-aprendizagem, em espaços escolares e não escolares. A escolha do curso passa por motivações já indicadas em diversas pesquisas, como a não disponibilidade do curso desejado, trabalhar em áreas afins à Pedagogia, gostar de crianças (GATTI, 2011; BRAGANÇA, 2012 b).

O diálogo possibilitou que a pesquisadora pudesse também partilhar sua narrativa, o fato de ser uma “Pedagoga sem normal” e a forma como caminhou em direção à docência e ao trabalho no campo educativo.

A professora da turma partilhou, também, significativas reflexões sobre o curso como o fato de que os estudantes ao fazerem estágio entram em contato com uma realidade que, na verdade, já é conhecida deles, pois todos foram alunos da escola básica e trazem as memórias da escola, do ser aluno, do ser professor. Na fala da professora, percebemos que considera os saberes construídos pelos estudantes em sua trajetória de vida, antes mesmo da entrada na graduação. Por outro lado, critica o curso que recebe os alunos no primeiro período apenas com disciplinas de caráter teórico, do campo dos fundamentos da educação, assim só têm contato com as metodologias, com as práticas de ensino, ou seja, com os fazeres da profissão a partir do 4º. Período. Nessa organização de curso fica nítida uma determinada concepção de conhecimento e de formação que se traduz em primeiro trabalhar a base teórica e depois a prática, desconsiderando os importantes atravessamentos entre teorias e prática, bem como os próprios saberes da experiência trazidos pelos estudantes.

No relato do diário é possível perceber a dificuldade da pesquisadora na constituição de um grupo voluntário para realização do grupo focal. Diversos motivos podem ser destacados, entretanto, aqui fazemos uma reflexão com as proposições de Benjamin (1994) sobre a dificuldade de narrar, a arte de narrar, a partilha de experiências está em vias de

extinção, pois o sujeito contemporâneo é um sujeito excessivamente ocupado. Depois de constituído o grupo, a conversa, entretanto, fluiu, ou seja, elas tinham experiências para narrar, foi preciso apenas vencer a dificuldade de parar o curso acelerado do tempo e permitir o encontro.

Depois desses relatos e reflexões a partir dos registros do diário de pesquisa a seguir apresentam-se as informações sistematizadas com base nos questionários e também nos encontros do grupo focal.

#### **CAPÍTULO IV: ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA: MÚLTIPLOS OLHARES**

*“Partilhamos histórias de vida de mulheres que, enquanto tecem a “colcha”, fiam e desfiam a vida”.*

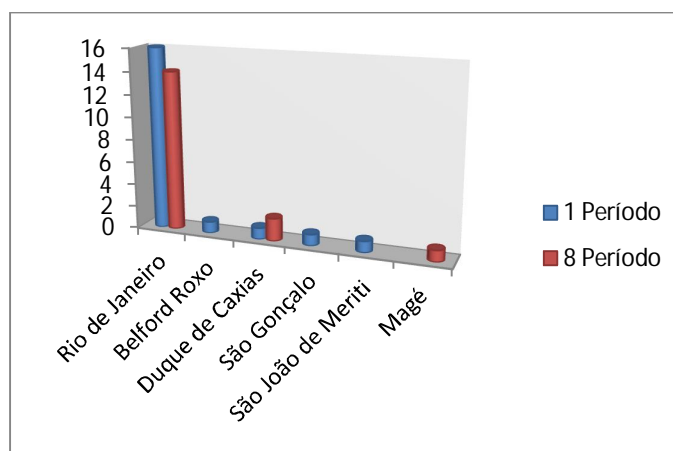


#### 4.1. Uma visão sobre o campo por meio de questionários

O questionário (Apêndice II), cujo título é Levantamento do perfil dos alunos do curso de Pedagogia, nos dá um panorama dos estudantes que ingressaram no curso. A tabulação completa está no apêndice III, mas alguns dados chamam mais a atenção ao confrontá-los entre os alunos do primeiro e oitavo períodos e esses serão apresentados a seguir.

Foram respondidos vinte questionários na turma de primeiro período e dezessete na turma de oitavo, totalizando trinta e sete. Na tabulação dos dados colocamos nos gráficos a seguir informações sobre o primeiro e oitavo períodos, permitindo, assim, o confronto entre as informações.

**Gráfico 1 - Município onde mora**



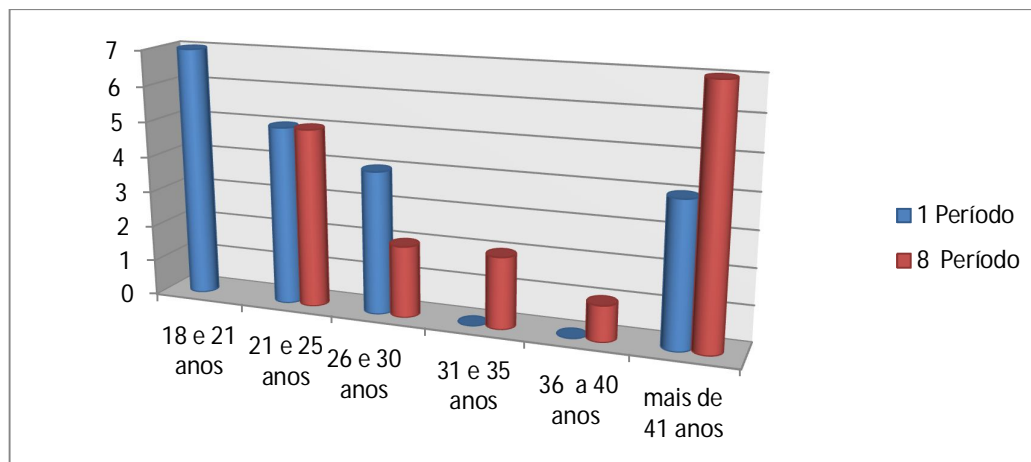
Apesar do *campus* pesquisado estar localizado no Centro do Rio de Janeiro, vemos que a maioria dos estudantes mora no Município do Rio de Janeiro, mas aparecem também outros Municípios bem distantes da Instituição, como Belford Roxo e Duque de Caxias.

A grande maioria dos alunos não mora perto da Instituição, mas o *campus* se localiza no caminho do trabalho para casa, então fica mais fácil estudar ali, do que procurar um *campus* perto de casa e não chegar a tempo, devido ao horário de trânsito intenso.

<sup>9</sup>BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de vida e práticas de formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 268

Isso reflete muito a situação da população ativa brasileira, que mora longe do trabalho ou lugar de estudo, o que resulta nos transportes públicos que não atendem à população com qualidade dos serviços.

**Gráfico 2 - Faixa Etária**



Assim como a maioria dos alunos do primeiro período está entre 18 e 21 anos; o oitavo período tem a maioria na faixa de mais de 41 anos. Observamos que o maior quantitativo está nos extremos, onde 80% dos alunos de primeiro período se encontram na faixa de até 30 anos, e os de oitavo período 59% estão na faixa acima de 30 anos, sendo que 41% com mais de 41 anos.

Esse fenômeno de mais jovens procurando as Instituições de Ensino Superior, se dá por meio de incentivos, tais como informações que constam no Portal do MEC:

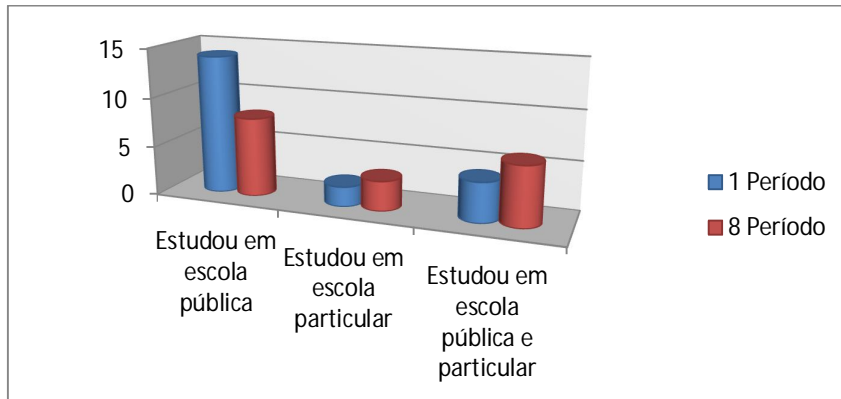
Programa Universidade para Todos –**PROUNI** - tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. As instituições que aderem ao programa recebem isenção de tributos.

Sistema de Seleção Unificada –**SISU** - foi desenvolvido pelo Ministério da Educação para selecionar os candidatos às vagas das instituições públicas de ensino superior que utilizarão a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como única fase de seu processo seletivo. A seleção é feita pelo Sistema com base na nota obtida pelo candidato no Enem. No sítio, os candidatos podem consultar as vagas disponíveis, pesquisando as instituições e os seus respectivos cursos participantes.

Fundo de Financiamento Estudantil – **FIES** - é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar prioritariamente estudantes de cursos de graduação. Para candidatar-se ao Fies os estudantes devem estar regularmente matriculados em instituições de ensino não gratuitas

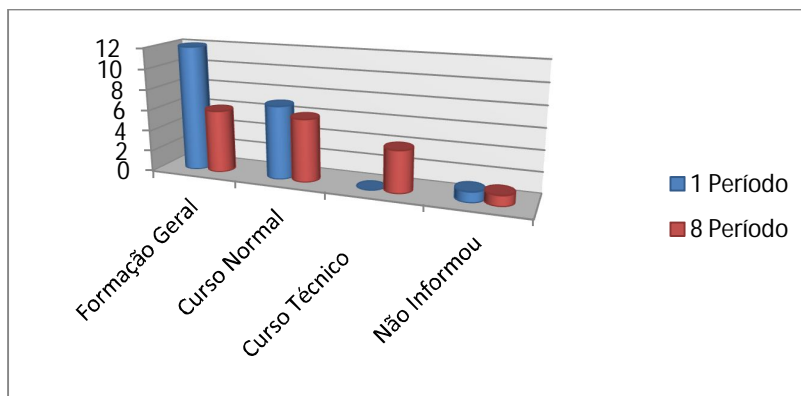
cadastradas no programa, em cursos com avaliação positiva no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES. O Fies é operacionalizado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. Todas as operações de adesão das instituições de ensino, bem como de inscrição dos estudantes são realizadas pela internet, o que traz comodidade e facilidade para os participantes, assim como garante a confiabilidade de todo o processo (MEC, 2015).

**Gráfico 3 - No Ensino Fundamental e Médio**



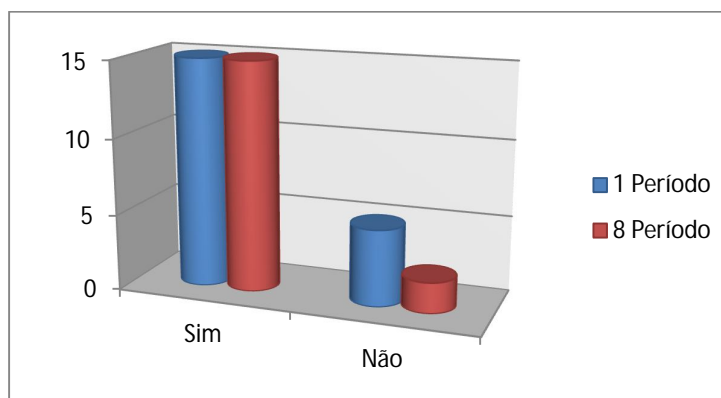
A maior parte dos alunos são oriundos de escolas públicas, mas a confluência de vários fatores os levam a estudar no Ensino Superior em uma instituição particular. Além dos incentivos dos programas governamentais citados acima, no vestibular para as Instituições públicas as vagas são muito mais disputadas, levando os candidatos das classes populares a encontrarem nas instituições privadas a oportunidade de fazer a graduação.

**Gráfico 4 - No Ensino Médio**



O que chama atenção neste gráfico é a trajetória do maior número de estudantes se dar no Curso de Formação Geral, e não no Curso Normal/Formação de Professores. Dos alunos de primeiro período, 60% são oriundos de curso de Formação Geral, e dos alunos de oitavo período, temos 35% vindos de Formação Geral e 35% de Curso de Formação de Professores. No período após LDB de 1996 (BRASIL, 1996), tivemos uma grande demanda de professores que já atuavam nas redes e escolas particulares pelo curso de Pedagogia, em função do indicativo de formação superior. No contexto atual essa demanda já foi atendida e observamos que a maioria dos que procuram a Pedagogia não são oriundos do curso normal, conforme os dados acima.

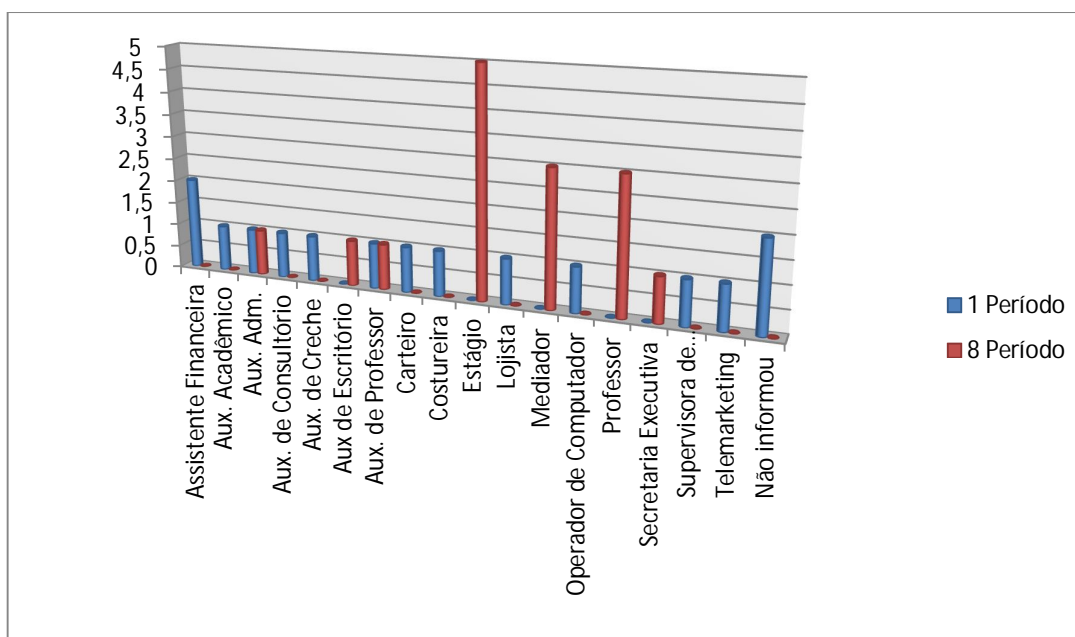
**Gráfico 5 - Exerce Atividade Profissional**



A maioria trabalha, mas é possível observar que os estudantes do primeiro período atuam em vários segmentos e os do oitavo, já estão mais inseridos em campos profissionais ligados à educação (gráfico n. 6).

Os alunos de primeiro período, 15% estão na área educacional, enquanto 53% dos alunos de oitavo períodos já atuam na área. Esses dados podem indicar que ao longo do curso há uma aproximação profissional do campo da Pedagogia.

**Gráfico 6 - Atividades Profissionais**

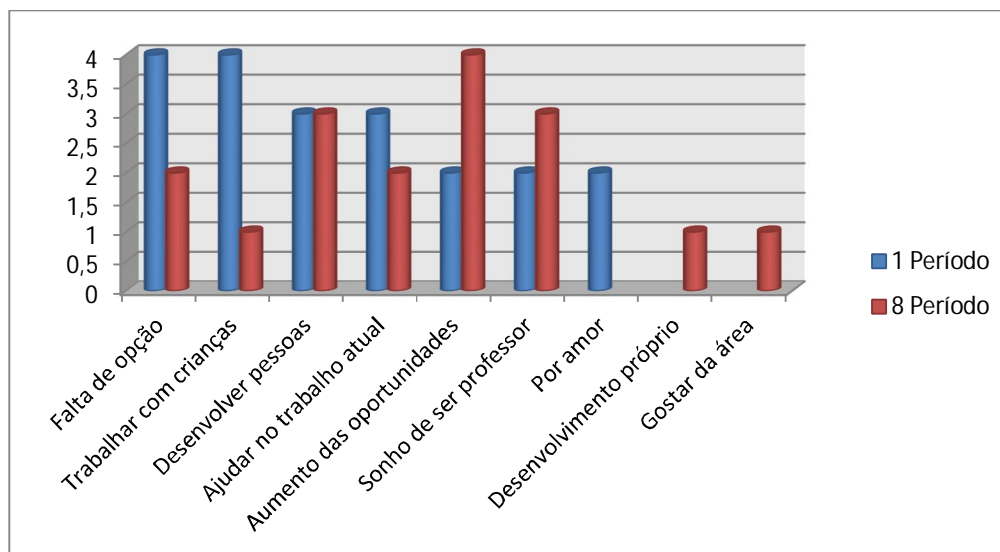


No formulário apresentamos três perguntas discursivas para os alunos:

- Por que escolheu fazer Pedagogia?
- Para você, o que é ser professor ?
- Se você tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?

Seguem os gráficos das perguntas discursivas:

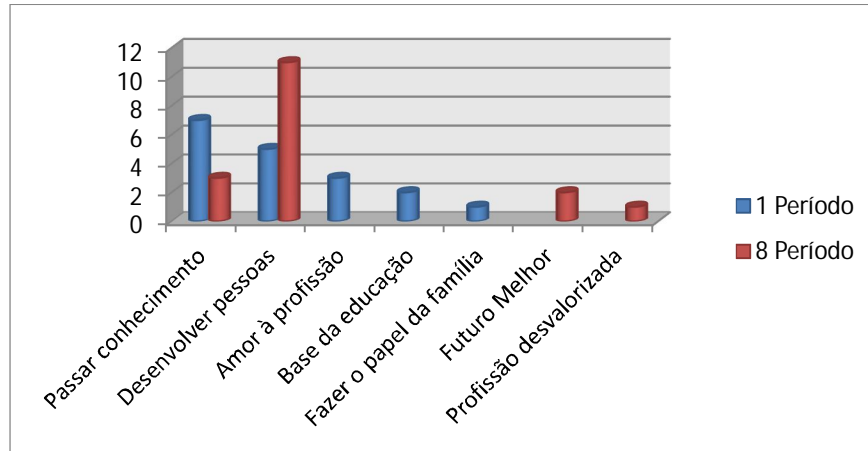
**Gráfico 7 – Por que escolheu fazer Pedagogia ?**



Os dados nos mostram que 20 % dos alunos do primeiro período escolheram o curso de Pedagogia por falta de opção; outros 20% por gostarem de trabalhar com crianças; 15% para ajudar no trabalho atual e os outros 15% na perspectiva de desenvolver pessoas; 30% divididos em: aumentar as oportunidades de trabalho, pelo sonho de ser professor e por amor à profissão. Já os alunos do oitavo período apresentam 23,6% na perspectiva de aumentar as oportunidades no mercado de trabalho; e 17,7% pelo o sonho de ser professor e os outros 17,7% para desenvolver pessoas; 23,5% divididos em falta de opção e ajudar no trabalho atual; 17,5% indicam: para trabalhar com crianças, desenvolvimento próprio e por gostar da área.

Baseado nos dados, podemos perceber que ao longo do curso os alunos vão se dando conta da importância da profissão para aumentar as oportunidades de trabalho, e o quanto é importante a tarefa de desenvolver pessoas.

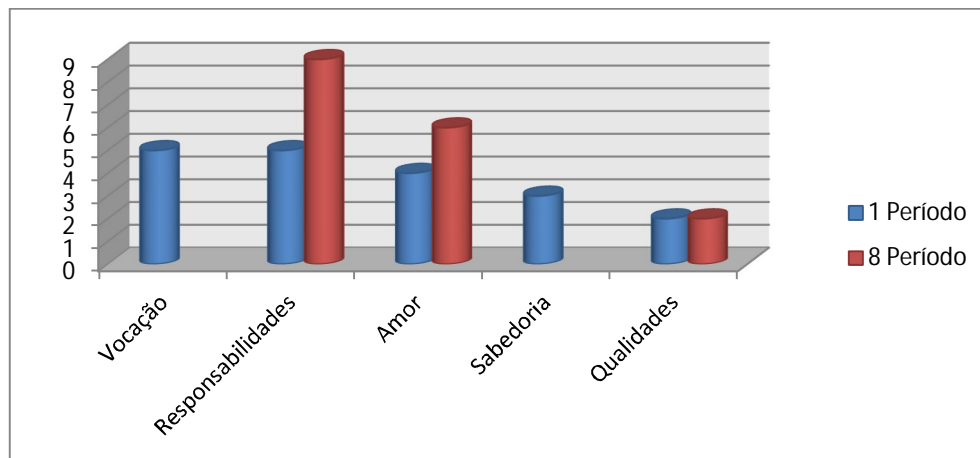
**Gráfico 8 – Para você, o que é ser professor ?**



Esse gráfico nos mostra que o **desenvolvimento de pessoas** deve ser uma característica do professor, pois 64,7% dos alunos de oitavo período e 27,5% dos alunos do primeiro optam por ela, já **passar o conhecimento** ficou com 38,9 % na opinião dos alunos de primeiro e 17,6 % para os alunos de oitavo períodos.

As características: **amor à profissão, base da educação e fazer o papel da família;** apareceram apenas nos alunos do primeiro período, e o **futuro melhor e profissão desvalorizada** nas respostas do oitavo período.

**Gráfico 9 – Se você tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?**



Os alunos do primeiro período consideram a **vocação** e as **responsabilidades** com a mesma importância para definir a docência, pois ambos apresentam 26,3%, depois aparecem: o **amor** com 21%, a **sabedoria** com 15,8% e as **qualidades** com 10,5%.

Para os alunos do oitavo período ficou dividido em: **responsabilidades** com 52,9%, o **amor** com 35,3% e as **qualidades** com 11,8 %.

#### 4.2. O grupo focal: memórias e narrativas

Após a tabulação dos dados dos formulários, em um olhar amplo, conhecemos um pouco mais do universo desses alunos quantitativamente, então partimos para uma abordagem qualitativa dirigida à narrativa dos estudantes do curso de Pedagogia, por meio da análise de conteúdo, que segundo Bardin:

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não) (1977, p. 38).

O início da análise de conteúdo é a mensagem e como foram feitos dois encontros sendo um com cada turma, por meio de grupo focal, as categorias/temáticas foram escolhidas com base no que apareceu de mais representativo nas falas, são eles:

- ✓ Formação Escolar;
- ✓ Concepções de Pedagogia;
- ✓ Escolha do Curso de Pedagogia e
- ✓ Conceitos sobre ser Professor.

Inicialmente foi montado um roteiro de tópicos para a conversa (Apêndice IV), e marcado o encontro com o grupo focal, do primeiro e do oitavo período, separadamente. Feitas as transcrições dos encontros, fez-se um quadro de análise vertical com estudo temático relativo a cada encontro, separadamente. Para essa análise foram usadas cores para identificação dos temas, por fim um quadro de análise horizontal (Apêndice V), onde pudemos colocar em diálogo as falas específicas dos narradores em relação aos temas trabalhados.



*A objetividade e a fidedignidade.* Estes princípios, tidos como importantes no início da história da análise de conteúdo, continuam sendo válidos. A esse respeito, os comentários de vários autores são esclarecedores. As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica uma determinada matriz de categorias, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidos a várias análises (FRANCO, 2008, p.67)

A objetividade e fidedignidade citados pela autora são fundamentais para fazer a análise do conteúdo, pois dela dependem toda a composição de sentidos das informações, por isso as transcrições das falas e o quadro horizontal, receberam um olhar mais apurado por parte da pesquisadora. Os nomes foram trocados, para preservar o anonimato dos participantes.

Percebi que ser anônimo é ser livre, “*posso me expressar da maneira que quiser, pois ninguém vai saber quem eu sou*” (fala de uma das participantes da pesquisa). Isso fez com que participassem com muito mais liberdade e de uma forma mais natural, onde a conversa foi se desenrolando e se mostrando nas falas, expressões e silêncios.

A seguir, desenvolvemos cada um dos temas em um diálogo reflexivo entre as narrativas.

#### **4.2.1. Formação Escolar**

A abordagem dessa temática revelou muitas faces da educação escolar brasileira, situações que conhecemos, mas quando são narradas levam o autor a refletir sobre sua trajetória, na construção de sua forma de ser e estar como pessoa e nas perspectivas dirigidas à educação.

Algumas experiências de formação relatadas pela turma de primeiro período:

*[...] Eu não tenho do que reclamar, eu tive excelentes professores. E tinha uma professora, que eu nunca soube matemática, e eu não sei até hoje! Não sei até hoje, e ela foi a única professora que conseguiu enfiar na minha cabeça matemática, e não foi tipo, ela não em deu um, em nenhum momento ela chegou e fez ... ela inventou uma musiquinha pra me ensinar matemática, e eu aprendi matemática com ela dessa forma, por causa desse jeito dela de ver... hoje em dia eu não lembro mais da música, mas é uma musiquinha muito chata, que todos nessa aula gravaram. E eu aprendi matemática com ela, também tive uma outra professora que era de português, não tinha nada a ver com história, mas que ela, dava uma louca nela falava amanhã nós vamos pra passeio no centro da cidade, conhecer pontos históricos. E não tinha bilhete único, não tinha riocard, no centro da cidade todo mundo pegava o ônibus, vinha pro centro da cidade. Ela pegava a autorização com os pais, e vinha, que nem uma doida no meio da rua, não falava com ninguém, porque ela não ligava pros lugares, ou pedia pra ligar. Ela chegava e falava: “Tô com uma turma posso entrar?” e era assim que*

*entrava, então ela era **uma professora que me inspirou demais**. Demais mesmo, por causa que, dava pra ver o **gosto que ela tinha de ensinar**. Era bem visível isso. (Sara,aluna de 1º. período)*

*[...] Uma professora nos levou até a sala, e quando eu abri a porta as crianças estavam, em cima da mesa, tacando bolinha de papel... e aquilo me assustou, eu saí fechei a porta, eu pensei, eu não vou entrar. Ela botou a mão no meu ombro e disse: “Filha, se você desistir agora, você vai desistir pro resto da sua vida! Não desista, encara essa que vai dar tudo certo”, a partir daquele dia eu consegui, fazer o estágio<sup>10</sup> e aquilo **mudou a minha vida**, levo isso pra vida inteira. Não desista, você vai desistir pro resto da vida. (Isabel, aluna de 1º. período)*

*[...] eu saí de casa as sete horas da manhã, pra sair do trabalho seis e quarenta e oito, vim correndo pra cá pra chegar sete e vinte, e chego em casa onze horas da noite. Então nessas provas eu tive que **estudar, escondido no trabalho**, foi escondido mesmo as pessoas iam passando, e eu ia olhando assim... **mas não pode**, mas oque eu vou fazer, só tenho o sábado e o domingo a prova é no meio da semana. Eu não ia ter como estudar. **E eu tento, tô tentando** ser mais responsável com isso, porque é diferente do ensino médio. Boa parte da sua vida pra você se empenhar naquilo né, pra você realmente seguir teu caminho entendeu e seguir o teu objetivo. (Sara,aluna de 1º. período)*

*Quando eu falei o que eu ia fazer Pedagogia, o pessoal, **tu é louca!** Eu faço curso de oito as cinco no sábado né, tu é maluca, eu moro em Bangu, eu trabalho em São Cristóvão. E todo mundo, garota tu é maluca, vai sair de Bangu par ir pra São Cristóvão, ir pro Centro pra voltar pra Bangu. **Só falam maluca, maluca.**(Ana, aluna de 1º. período)*

Nas narrativas dos estudantes do 1º. período, percebemos a centralidade da formação acadêmica, escolar na trajetória de cada uma. Da educação básica, a lembrança de professores marcantes que reinventam formas de ensinar suas disciplinas, no ensino médio normal uma professora que apóia a aluna em seu período de estágio, no momento tenso de entrada em sala de aula, na graduação o esforço empreendido para estudar, conciliando as demandas da vida e do trabalho e, na fase atual da graduação, o desafio de valorização do Curso de Pedagogia.

Conforme afirma Nóvoa:

Independentemente de *todas* as transformações no modo como as sociedades foram concebendo (e organizando) ao longo dos séculos as **práticas da formação**, um pressuposto manteve-se inalterável: *educar é preparar no presente para agir no futuro* (2010,p.157).

<sup>10</sup> O estágio que a aluna Isabel se refere é do Curso de Formação de Professores – Ensino Médio.

Esses alunos que passaram por estas experiências valorizam a escolarização como tempo importante de preparação para agir no futuro na construção das próprias vidas e da profissão. São os estudantes de Pedagogia que vão estar à frente de salas de aulas-potencialmente são transformados e irão contribuir na transformação de outros e se auto transformar. A história não acaba, é como uma trama que não para de se transformar em meio a idas e voltas, não sabemos o que vai se dar, pois não sabemos quais caminhos iremos ainda trilhar, mas os fragmentos das narrativas sinalizam que a formação escolar no contexto da educação básica e a formação superior consistem em importantes apostas na construção do futuro pessoal e coletivo.

A seguir alguns relatos de formação da turma do oitavo período:

*Bom, eu sempre gostei de estudar. Mas aí eu pra eu chegar até uma **escola decente**, eu tive que sair de casa de casa muito cedo, com sete anos, pra morar com a minha madrinha pra poder ter acesso a uma escola. E o que me complicou em ter que sair tão cedo da minha casa, de perto de minha mãe, da minha família pra poder estudar longe. Pra eu ter acesso a uma **educação decente**, qual era o grande problema da minha vida? Entra na escola pública ou particular, abrir mão do carinho, do afeto todo dia, e **ser só alguém na casa de alguém**? Então isso foi o que mais **me marcou**. É estar longe da minha família. (Lucia, aluna de 8º. período)*

*[...] a história de um elefante, elefantinho que a professor deu pra todo mundo pintar, e... assim... e eu com os meus amigos eu fui pintando o elefantinho, cada um que me mostrava o elefantinho, mostrava bonito, e me irritavam. Acabou que meu elefantinho ficou todo rabiscado, **ficou horrível**, meu elefantinho, aí a professora ela fez questão de chamar um a um na frente e pedir pra mostrar o desenho. O meu elefantinho, depois que eu vi que ele ficou feio, eu fui **tentar apagar e rasgou**. (riso) Aí, é, assim pra mim foi **uma humilhação**, aquilo que a professora fez, **eu chorei na sala** assim. Mas eu **não sabia falar pra minha mãe o porquê que eu não queria mais ir pra escola**, entendeu?! Então assim, até hoje, porque que aquela professora não gostava da minha cara? (Joana, aluna de 8º. período)*

*[...] eu lembro também que quando eu aprendi uma coisa que marcou, eu não conseguia, eu não fui alfabetizada, é... pela cartilha, eu não conseguia aprender com a cartilha né. A cartilha da (?), mas assim, eu, eu fui ...inacreditável isso, tem gente até que me zoa, porque assim como é que pode a pessoa **ser reprovada pra cortar papel** né ? (risos) E eu fui reprovada, então assim, até que um dia, um outro ano, eu encontrei uma **professora carinhosa**. E a professora contou uma história de uma casinha feliz, aí eu associei as letras, m de mamãe... pra mim foi com se fosse uma luz que acendeu assim, e aí sim naquele dia, de uma dia pro outro eu aprendi a ler. Porque não tem, eu não tive nenhuma professora que procurasse entender a maneira como eu aprendia, então assim eu fui*

*reprovada por sei lá... por cortar papel cara, porque eu não tive uma professora que procurasse **buscar o porquê** que eu tava tendo essa dificuldade pra aprender! (Joana, aluna de 8º. período)*

*Então, crítica no sentido assim, de você **avaliar o seu histórico escolar**. Você passa a entender porque que os professores agiram de tal forma com você. Às vezes o que acontecia com de.. .é... de a pessoa se auto avaliar, dizendo que **não é capaz**, e você vai entendendo que é todo um esquema de um sistema que faz você pensar que você não é capaz de atingir um objetivo, porque outras pessoas conseguiram né. Então aqui na universidade abre uma **visão crítica** pra você entender o porquê ! Porque tipo, a pessoa quando não tem um conhecimento, não um... que nem a professora colocou isso na semana passada... é você aprender uma coisa, e você não saber aplicar aquilo que você aprendeu. Agora quando **você tem conhecimento**, você sabe quais são os seus direitos diante daquela situação. Então na universidade você, assim lógico que assim, tem coisas que eu aprendi aqui que não é nem necessário chegar na faculdade pra ter aprendido isso. De repente no meu segundo grau, que foi uma formação só técnica, coisas que eu aprendi lá, que eu nem uso mais, nem lembro mais pra quê que eu aprendi aquilo. Se eu tivesse aprendido lá, com certeza, eu acho que assim, eu não seria a pessoa, eu acho que eu teria seguido um outro caminho. Que de repente poderia não ser também, **não ser a pedagogia**. (Joana, aluna de 8º. período)*

***Tô morrendo de saudades já [...]**(Olga, aluna de 8º. período)*

Como Larrosa (2002) define, as experiências são transformadoras, agregam valores, reflexões e formação. O sujeito não é o mesmo depois de passar por uma experiência, ele se transforma e é capaz de transformar o outro. No grupo focal realizado com o 8º. período, as narrativas destacaram experiências vividas, especialmente, no contexto da educação básica. No primeiro fragmento as dificuldades vividas para estudar, a necessidade de sair do ambiente familiar e ir para casa de uma madrinha para ter uma educação de qualidade. Dificuldades sociais e econômicas são frequente entre os estudantes de pedagogia que, na grande maioria, são provenientes das classes populares (GATTI; SÁ; ANDRÉ, 2011; BRAGANÇA; MOREIRA, 2013), em muitos casos são os primeiros de suas famílias a cursar o nível superior.

Os dois relatos seguintes destacam dificuldades vividas no contexto escolar, a humilhação frente a uma atividade realizada e a necessidade de mostrá-la para toda a turma e dificuldades do processo de alfabetização levando a uma reprovação da aluna. As narradoras apresentaram, assim, experiências negativas no contexto escolar. O último fragmento traz à luz a formação acadêmica no curso de Pedagogia, destacando sua contribuição na construção de uma visão crítica sobre o mundo, na abertura a novos conhecimentos.

Os relatos a seguir são dos estudantes de primeiro período que já têm experiência docente, por terem feito o curso normal, neles podemos perceber os desafios de articular saberes da formação acadêmica com as demandas e urgências do cotidiano escolar.

*[...] eu cuidei de uma criança, que estuda numa escola municipal, já estava indo pro seu terceiro ano, e não sabia ler uma palavra. Ele não conhecia as letras, não sabia ler palavras, nem frases. Tudo que tinha que, falar e ler por ele. Então durante um ano, **a gente teve uma evolução!** Quando ele leu as primeiras palavras, aquilo dali foi emocionante! Ele falou: “Eu sei o que está escrito aqui! É caixa”. Aquilo daí me emocionou, a mãe dele nunca ouviu ele ler, então um dia eu botei ele pra ler, e liguei o WhatsApp né, e botei pra ela ouvir, a mãe dele botou aquela carinha de choro, e disse: “Eu nunca vi o meu filho ler!” aquilo dali **foi emocionante pra mim!** (Isabel, aluna de 1º. período)*

*[...] minha experiência foi no meu segundo grau, quando eu ainda estudava pra fazer EJA, e aí foi lá perto de casa. Assim, o descaso é muito grande, eu saía da sala de aula todos os dias, praticamente eu **queria chorar**, eu **não queria voltar**, eu **queria morrer por estar ali**. E aí no final do ano, eu voltei ...dei continuidade porque eu parei, aí no final do ano eu dei continuidade. E aí a professora simplesmente não ia, eu ficava com jovens e adultos sozinha. Dia de sexta feira não tinha ninguém em secretaria, não tinha material, não tinha nada! E aí no final do estágio uma senhora veio com um pacote grande de bombom e com uma bíblia pequenininha pra mim e aí começou a chorar, e me agradeceu muito. Porque não sabia ler, nem escrever e o **sonho** dela antes de morrer, era ler a bíblia e eu consegui fazer isso por ela. Fazer com que ela aprendesse a ler, pra ela ler a bíblia e isso **me marcou muito**. Porque eu tive dois avós que eram analfabetos também, que aprenderam a ler e a escrever comigo também, e isso me marcou muito, porque minha avó também era muito religiosa. Sempre quis muito poder ler a bíblia, e aí foi uma experiência maravilhosa, e aí que eu pude ver que independente de tantos problemas, **eu fiz diferença pra uma pessoa**, e ela com certeza vai levar isso pra vida toda, vai lembrar que eu tava ali naquela sala, que eu ajudei, que ela pode ter [...] (Isabel, aluna de 1º. período)*

*[...] Eu tive a experiência na escola, que eu assumi a turma sozinha, de um aluno que pegava pelo bracinho dele, assim meio quilo de pele pra um lado, meio quilo de pele pro outro porque ele era todo molengo, ninguém nunca diagnosticou ele com nada, até eu sair da escola. Só que ele não tinha a coordenação motora nenhuma, porém, ele entendia tudo que você falava. Então ele acordava era cinco horas da manhã pra fisioterapia, porque não andava, tinha o pescocinho mole, todo molengo. Eu botava ele no colo, ele ia mais alto do que eu, e quando ele chegava lá dez horas da manhã eu queria nadar com ele, queria fazer as coisas, e **a diretora falava que não**. Pode deixar ele dormir, porque **era mais cômodo**. Aí eu ficava gente, mas ele tá vindo pra escola pra interagir. E é legal as crianças irem pro pátio e agarrava ele na minha cintura, e corria com ele, com as crianças, e **a diretora não gostava!** (Ana, aluna de 1º. período)*

*No ano passado eu tinha um aluno na minha sala, que não falava, ele não interagia com nenhum aluno, coleguinha. E todos os amigos dele, adorava ele, mas ele não expressava nenhum sentimento. E nem brincava com ninguém, mas toda vez que tinha uma rodinha eu sentava do lado dele, então naquela brincadeira eu incluía ele. As professoras diziam, **deixa ele lá no canto**. Ele não quer brincar... não, ele quer brincar sim, ele só precisa de uma **motivação**. Vamos sim, vamos lá, pegava na mãozinha dele corria junto com ele, e eu só via ele ria assim. Aquilo dali era tão **gratificante**. Que você vê a diferença, **não é excluindo, é incluindo**. Hoje ele tá numa outra turma, a professora disse que ele falou a primeira palavrinha dele, ele deu bom dia! Ele nunca deu bom dia. Eu nunca ouvi a voz dele, eu nunca vi ele fazer algo, nada diferente. Apesar de eu sempre incentivar, mas ele já tava mais tempo com a outra professora, e sempre falava deixa ele lá no canto. Se ele não quer brincar, deixa ele, se ele não quer interagir né, deixa ele. **É muito mais cômodo você excluir a criança**. (Isabel, aluna de 1º. período)*

*É eu saí de uma escola, porque a diretora não concordava com nada que eu queria fazer, tinha uma aluna que ficava brincando na parede, se pendurando na porta e caiu. Não pode cair, se eu vou dar na tua cara Thaisa. E eu ia conversar com os pais dela, pra saber o que estava acontecendo, do porque ela tava tendo aquele comportamento, mas eu não podia, não podia me meter. Primeiro porque eu **não era professora**, e eu estava sozinha na turma. Segundo porque **o problema era com os pais**, não era com a escola, **não podia tomar atitude nenhuma** [...] (Isabel, aluna de 1º. período)*

Muitas vezes o referencial teórico não está associado com a prática, a práxis fica esquecida, e o aluno é munido de teorias, e atropelado pela prática, não havendo uma integração entre formação e ação. Temos casos de alunos que não tem a prática da docência na sala de aula, e de alunos que já atuam como professores, está aí uma riqueza que deve ser compartilhada, pois uma completa a outra. Essas experiências com a prática educativa para estudantes que estão iniciando a formação em Pedagogia são fundamentais, pois permitem que os saberes trabalhados nas disciplinas dialoguem com os das experiências práticas.

É o que Pineau (2006) define como “autoformação”, para nos dar conta da formação permanente no decorrer da vida, devemos nos apoiar em três dimensões: o eu (autoformação), os outros (heteroformação), e os da natureza (ecoformação), em um movimento dialético e indissociável.

#### **4.2.2. Concepções de Pedagogia**

As concepções de Pedagogia se apresentam em duas direções: para as alunas do primeiro período, a Pedagogia está ligada às crianças, à Educação Infantil; enquanto para as

alunas do oitavo período a Pedagogia se coloca a partir de um leque de possibilidades profissionais.

Conforme a Enciclopédia Larousse Cultural, a palavra PEDAGOGIA vem do antigo grego PAIDAGOGÓS, onde paidos (criança) e gogia (conduzir ou acompanhar), na antiguidade, pedagogos eram os escravos que levavam às crianças para escola e Pedagogia a “Ciência da educação; conjuntos dos métodos utilizados para educar as **crianças** e os **adolescentes** [...]” (1998, p. 4504). E Cambi (1999, p. 49) define o papel do pedagogo na Grécia como “um acompanhante da criança, que a controla e estimula, figura que se transforma e se enfatiza no mundo mediterrâneo com a experiência dos “mestres de verdade” ...”. Podemos ver que essa associação da Pedagogia à criança, vem de longo tempo na nossa sociedade, estando presente até os dias atuais como é possível observar nos relatos a seguir:

*Gosto de lidar com **criança**, mas principalmente de aprofundar, de querer ensinar, de querer... é... trazer o **novo pra aquela criança**, que não tem.... Coisas que eles são sabiam e tinham uma realidade totalmente diferente da minha né... então eu acho que é você ver o **brilho no olhar daquela criança**, você saber que você... pelo menos eu quero trabalhar com crianças. **Eu adoro, eu gosto. Eu me identifico muito... e você vê brilho no olhar da criança**, tipo você tá passando alguma coisa e a criança tá entendendo. (Mariana, aluna de 1º período)*

*[...] E aí eu vim com essa ideia, não vai ser, vou ficar.... e eu **vou cuidar das crianças pequenininhas**, e quando eu cheguei aqui eu descobri que tem um leque! Eu não sabia que podia ter pra empresarial, ter psicopedagogo, e eu peguei e pensei assim, não vou decidir agora, porque eu vou escolher e futuramente vai aparecer outra coisa que eu vou me interessar mais. Então eu vou deixando levar, um dia vai aparecer uma coisa que vai me encantar, e pra esse lado eu vou. (Sara, aluna de 1º período)*

*[...] Isso é uma, é uma...na história da educação é muito interessante. Porque eu quando fiz minha monografia eu falei da **desvalorização da profissão docente, com a inserção feminina**, que até então eram apenas os homens... e na história realmente fala mesmo que era uma questão na época, depois quando veio a... as mulheres, tinham que ser aquelas pessoas **muito dóceis, muito boazinha... Tia! Tia...**aquela que era detentora de todo o **carinho** né, então não valorizando aquela pessoa, com a **capacidade grande de um ser profissional** [...](Olga, aluna de 8º período)*

*[...] um ditado popular que fala: **Pô você vive no mundo à toa, até então eu achava assim que eu vivia no mundo a toa. Agora não, agora eu consigo entender, até minha fala com os meus amigos, que já têm uma outra formação. Depois que eu comecei a falar, fazer faculdade né... que eu tenho amigos que estão fazendo doutorado também. Então eles falam assim:***

*“Poxa como que a sua conversa, como que você mudou....a sua maneira de conversar, mudou completamente do que você era antes, olha como a faculdade tá te fazendo bem. Então assim, eu não sei se eu vou fazer uma outra, universidade depois que eu fizer Pedagogia né, mas eu passei a gostar da Pedagogia, por causa desse leque da educação. De repente eu não vou me identificar na parte escolar. Mas a pedagogia me dá uma visão maior de qual caminho, eu posso seguir. Então, assim eu sou grata! (Joana, aluna de 8º período)*

*Acho que especificamente as áreas mais relacionadas a humanas, elas têm esse foco! A história, a história da educação, a psicologia, a sociologia... quer dizer todas essas matérias elas abrem uma série de caminhos, uma série de visões que na verdade não são estudadas nos anos da séries... é... no ensino básico. Então assim, você começa a enxergar, as coisas de uma forma diferenciada. (Maria, aluna do 8º período)*

Franco (2008) defende que as mensagens estão carregadas de aprendizagens, afetividades, valores e histórias que podem ser modificadas ou não.

Podemos perceber esse movimento do discurso nos relatos, as alunas do primeiro período do curso de Pedagogia: “amam crianças”, querem trabalhar e cuidar delas, enquanto as alunas do oitavo que já passaram por diversas disciplinas, estágios, etc. saem com uma perspectiva muito mais ampla de Pedagogia, que está em todos os segmentos da educação e desenvolvimento de pessoas.

Assim como proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de 2006 para o curso de Pedagogia: extinguíram-se as habilitações, ampliando a formação acadêmica em uma articulação entre docência e gestão, tendo por finalidade a qualidade dos currículos, relacionando os saberes multidisciplinares em benefício dessa nova proposta de profissional da educação.

O conhecimento transforma, pois a fala dos alunos concluintes do curso de Pedagogia nos mostra um profissional que atua fora da sala de aula, a Educação Infantil é muito importante, mas não é só ela, temos as empresas, hospitais e tantos outros lugares para atuação, e a escola foi o início da história. Importante também destacar a observação quanto à percepção de crescimento e de mudança de visão de mundo na realização da graduação.



### 4.2.3. Escolha do Curso de Pedagogia

A escolha do curso de Pedagogia feita pelas alunas do primeiro período foi motivada pela possibilidade de trabalhar com crianças, assim como as concepções que elas têm do curso (item 4.2.2).

As narrativas abaixo trazem esse indicativo:

*Bom eu escolhi fazer pedagogia, porque é... **eu já dei aula de catecismo** né... numa igreja durante dez anos e é uma forma de trabalhar com as **crianças**, e eu **gostei muito**. (Mariana, aluna do 1º. período)*

***Eu fiz o curso normal**, porque eu sempre quis, porque eu **sempre gostei de estar em público e de falar**, porque eu sempre falei muito, bem comunicativa e eu **sempre gostei de estar com crianças também**. (Isabel, aluna do 1º. período)*

*[...] E chegou num ponto em que eu queria não fazer Pedagogia, eu queria fazer Psicologia. Que eu achava que pra era extraordinário conhecer as pessoas, conhecer a vida das pessoas, saber os conflitos e tudo mais. Só que eu dou aula particular, e dou em diferentes idades, então eu tenho crianças de alfabetização, e tenho crianças do quinto ano ... **Paga pouco, mas é lindo você ver uma criança**, e ter retorno, **carinho**, você chega triste e eles te dão um **amor imenso**, e aquilo dali é lindo sabe... de chegar te dar um carinho, e falar: **“Tia sabe que eu gosto de você ?!”** é espontâneo isso, mas eu queria algo diferente, eu queria trabalhar com crianças um pouco mais velhas, eu gosto da alfabetização. E pra eu trabalhar com alfabetização, **eu teria que fazer Pedagogia**, né na minha cabeça. Então eu decidi fazer pedagogia e encarar isso. E aí, cá estou eu ! (Ana, aluna do 1º. período)*

*[...] eu via como as crianças eram, ela chegava as **crianças iam correndo**, agarravam na perna dela... tia, tia, tia... **era lindo!** Eu achava muito bonito esse **amor que as crianças tinham por ela !** (Sara, aluna do 1º. período)*

Como alunas ingressantes no curso de Pedagogia, a questão um tanto “idealizada” do amor e carinho ao trabalhar com crianças, se torna bastante presente nos relatos, Franco afirma que:

Condições contextuais que envolvem a evolução histórica da humanidade; as situações econômicas e sócio culturais nas quais os emissores estão inseridos, o acesso aos códigos linguísticos, o grau de competência para saber decodificá-los o que resulta em expressões verbais (ou mensagens) carregadas de componentes cognitivos, subjetivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis (2008, p.12).

As condições contextuais impactam diretamente a forma como as estudantes período narraram a forma como se aproximaram da Pedagogia. Mais uma vez presente a centralidade de uma concepção que associa de forma linear a Pedagogia à infância no gostar, no afeto. Mas as falas trazem também indicativos que revelam a importância de experiências anteriores com o processo educativo como o ser professora na catequese, o destaque para a habilidade de falar em público como uma característica importante da docência e também o retorno dado pelos alunos quando esses aprendem e superam.

É possível perceber a mudança de perspectiva na fala das alunas do oitavo período:

*Bom eu cheguei na Pedagogia, porque eu quero fazer **Psicopedagogia**, pós em psicopedagogia. Então fazer psicopedagogia, com pós em psicologia ou pedagogia. Foi isso aí que me encaminhou pra cá. (Joana, aluna do 8º período)*

*É...eu tenho uma irmã que tá no Ceará, onde todo mundo se forma em **Pedagogia**, a maioria das pessoas são pedagogas, mulheres. E meu pai era pedagogo, minha mãe era pedagoga. Aí eu fiz Letras, não me identifiquei mas terminei, concluí. Sou formada em Literatura/ Português. Aí fui morar no Rio, com vinte e sete anos, aí minha prima começou a fazer Pedagogia e me chamou: Vamos? Eu falei: Vamos. E foi aí que eu comecei, **cheguei no trabalho da educação infantil, há seis anos. Adoro o que faço...** e me identifiquei! (Rute, aluna do 8º período)*

[...] Então uma amiga que tinha feito Letras, me orientou falando pra eu fazer Pedagogia. mas que não entrasse na área da educação, que a minha Pedagogia teria que ser pra **visão empresarial**, porque ela já tá muito tempo na educação, tá querendo sair da educação. (Joana, aluna do 8º período)

Bragança destaca que “as histórias de vida são tecidas por meio de recordações individuais, que repousam sobre memórias coletivas ou comuns, constituídas por representações reveladoras de identidades grupais” (2008, p.265). O que nos faz entender um pouco melhor o peso dado à criança, a pós-graduação, a não ficar na área da educação (que entendo como docência), e tantas outras mensagens silenciosas, expressas numa reticência, risos ou linguagem corporal.

#### **4.2.4. Conceitos sobre ser professor**

O conceito de professor e consequentemente o olhar dirigido à profissão docente foi se constituindo através da história da educação, e não é por acaso que a dificuldade é o que

aparece mais presente nas narrativas das alunas dos primeiros períodos, não se sentem apoiadas pela instituição em que trabalham e acabam tendo um certo “pessimismo” com relação ao futuro da profissão.

O professor parece ser aquele que tem que lutar contra tudo e todos para conseguir desenvolver com qualidade o seu papel profissional, que envolve múltiplas dimensões como o conhecimento do conteúdo, da didática, além de fatores pessoais como afetividade. Franco defende que “[...] é indispensável conhecer novas possibilidades de identificação e de uma análise consistente e substantiva do conteúdo das mensagens que expressam crenças, valores e emoções a partir de indicadores figurativos” (2008, p.14). Sendo assim, temos que ter um olhar atento aos relatos das alunas de primeiro e oitavo períodos, pois pela vivência acadêmica, perspectivas e conceitos vão se transformando. Seguem os relatos das alunas de primeiro período que revelam indicativos sobre como perspectivam o ser professor e a profissão docente:

*Eu acho que é um **desafio** diário, hoje tá tendo dentro de uma sala de aula, principalmente pelas instituições, porque na maioria é na pública e na particular, te **falta tudo**, te falta autoridade pra você fazer melhor, falta recurso pra você trabalhar melhor, te falta liberdade pra você, é.... pra você evoluir numa aula! (Isabel, alunado 1º. período)*

*A escola hoje em dia, manda em tudo, até nas suas atitudes. Eles querem impor pra você algo, você tem que fazer sempre da maneira deles. E você **não pode ter um olhar assim de crescimento**, assim eu quero fazer mais por essa turma. Não tem como você fazer mais, porque a instituição onde você tá lecionando, tipo vai te travando, vai cortando, **todas as redes possíveis e imagináveis que te limitam**. Às vezes, eu já cheguei a pensar nisso, pô porque que eu vou trabalhar com isso, **ninguém ajuda, ninguém faz nada! Já cansei de tirar dinheiro do meu bolso, pra fazer um trabalho até mais elaborado ou alguma coisa assim [...]**(Isabel, aluna do 1º. período)*

*Noventa por cento dos casos, a escola, a instituição sobre os profissionais, eles travam você, seja como a forma de ser, seja com material, seja com o falar, não, **não pode!** É igual aquele comercial da criança, a mãe cantando a música, não, não, não! **Só é não, você só bate com a cara na porta, você quer fazer alguma coisa, você quer fazer uma atividade fora da escola da escola, você quer um passeio, não dá!** Não dá, é problema com verba, tanto em colégio público, como particular. Eu já estive presente, nos dois casos, e os dois casos falam assim pra mim: “Ah, eu nunca colocaria meu filho num colégio público.” E eu pergunto porquê? “Ah, porquê colégio público é uma porcaria!” Tá bom, mas qual colégio particular você colocaria então? Porque tem que começar, **tem colegas do colégio no particular, como tem colegas do público também! Porque não é o colégio que faz, são as pessoas que estão dentro dele, e isso se a direção, se a***

*coordenação dá oportunidade pro professor, seja público, ou seja particular, vamos criar bons alunos! (Isabel, aluna do 1º. período)*

As falas das alunas do oitavo período já apresentam um contentamento e atribuem uma maior competência para ser professor. Conseguem vislumbrar as transformações ocorridas nelas e como podem transformar os outros, dão importância para esse crescimento que o conhecimento propõe ao indivíduo.

Nóvoa defende “[...] Os professores têm de ser protagonistas activos nas diversas fases dos processos de formação: na concepção e no acompanhamento, na regulação e na avaliação” (1992, p.30). As diferentes fases da formação docente precisam ser acompanhadas de perto por aquele que vai desempenhar o papel docente e não apenas obedecer.

***Olha é uma batalha!***

*Batalha...*

*Olha é assim, uma conquista, é um desafio dia após dia...eu por exemplo, eu faço dois anos de estágio em uma escola de nível muito bom, mas ali têm muitos problemas! E a gente tem que tá todo dia ir se inovando, pra poder... é uma conquista. Dia a...cada dia, você cada dia vive uma. (Olga, aluna do 8º. período)*

*Ai, porque é muito bom ver aquela garotada descobrindo o mundo, muito bacana. Ontem nós fomos a um passeio. Eu fui com a turma do Pulinam à tarde, lá no Alto da Boa Vista, fomos fazer uma trilha. Você precisava de ver o encantamento daquelas crianças, descobrindo no meio da mata e só via um pouquinho do céu. Porque ali vai fechando né, aquela alegria de ver, é muito bacana sabe...você ver aquela coisa verdadeira! (Olga, aluna do 8º. período)*

*Ah, eu acho que antigamente era mais fácil de você exercer a função de docente né, você trabalhar em alguma escola. Era só você ter o magistério né, eu acho que agora eles têm um requisito maior com isso né. Então em alguns lugares eles já exigem provas, pra você ver, pra ver se realmente você tem estrutura pra dar aula mesmo, pra você ver se você tem aquele conhecimento. Então eu acho que agora, o tempo de agora tá mais complicado né, tá bem complexo agora pra você poder dar aula né... Isso, isso. Tem uma seleção maior. (Sueli, aluna do 8º. período)*

*[...] assim a maioria dos professores aqui na universidade, eu fico admirada como eles se empenham! Por mais que a gente não tenha nada pra falar, que seja um discurso vazio. Eles sempre, às vezes eu até percebo, gente às vezes é uma besteira, com que o professor consegue pegar aquela besteira e fazer [...] aqui na universidade eu nunca tive medo de falar o que eu penso, porque os professores sempre me dão apoio, todos os alunos assim, eu vejo que eles dão apoio pra gente falar. Por mais que seja um discurso*

*vazio, eles aproveitam aquilo eles estavam falando e ensinam alguma coisa, sabe...e assim eu fico admirada com isso! (Joana, aluna do 8º. período)*

Na fala das estudantes que estão concluindo o curso o ser professor ou a profissão docente é uma batalha, é um desafio, uma conquista, exige inovação constante, encantamento frente às aprendizagens dos alunos. Há o reconhecimento de um caminho percorrido pela docência, incluindo uma maior exigência de formação acadêmica, de complexidade da própria profissão e também nos processos seletivos. Na última fala registramos uma avaliação da formação acadêmica vivida no curso de Pedagogia, os professores escutam, dialogam com os estudantes e esses se sentem participantes do processo de construção do conhecimento.

Apesar das contradições na concepção de professor, as futuras Pedagogas (alunas do oitavo período), reconhecem a mudança e a valorização dada ao longo da formação acadêmica por seus professores, e as iniciantes na formação (alunas do primeiro período) terão acesso às disciplinas, textos, estágios e vivências que vão “amadurecer” academicamente neste processo de formação e transformação: pessoal, profissional e social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia tem uma significativa história de luta e hoje não temos só a sala de aula para trabalhar, mas ONGs, os hospitais e as empresas. O leque de atuação do pedagogo aumentou e muito, e isso deve ser divulgado nas instituições de ensino; ampliou também a responsabilidade, por isso a atualização se torna imprescindível. Nóvoa (2010, p.161) afirma “face às rápidas mutações tecnológicas e à desatualização constante dos conhecimentos, de pouco servia fornecer aos indivíduos **hoje** uma “sólida base de conhecimentos” cuja utilidade seria nula **amanhã**”, por isso a formação crítica e reflexiva se torna tão importante, pois o conhecimento pode mudar com as novas descobertas e tecnologias, mas o indivíduo tem a capacidade de pensar, buscar caminhos e se atualizar permanentemente.

O conhecimento liberta, por isso mesmo não podemos regredir depois de algumas conquistas, o professor tem sua importância na sociedade sim, e quem opta por esse caminho já faz parte da luta. A primeira valorização deve partir de nós mesmos, para depois sermos reconhecidos pelos outros. Catani (2006, p. 79) “sugere que o aprendizado para a docência deveria fazer parte de um projeto de formação humanística mais enérgico nas relações cognitivas, éticas e estéticas e menos pretensiosos nos aspectos didático-pedagógicos”. É aquela antiga discussão sobre o currículo do Pedagogo, como iremos lidar com o outro, se não sabemos lidar conosco; como vou dar importância ao desenvolvimento do outro, se não dou conta do meu ? Mais prática e menos teoria ? Temos que fazer uma profunda reflexão na formação dos futuros docentes, para que saibam da sua importância no papel junto à sociedade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, N. 9.394/96 – LDBEN, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia de 2006 - DCN, o Plano Nacional De Educação 2014 – PNE e outros documentos devem ser lidos e trabalhados em sala de aula, para que os alunos tenham conhecimento do que está sendo reivindicado, discutido e aprovado com relação à profissão escolhida. O Pedagogo não é aquele profissional passivo, ele irá formar outros profissionais pedagogos e os demais profissionais de diversas áreas, então temos sim uma responsabilidade grande nas mãos, temos que fazer o nosso melhor pela educação.

Podemos citar a fábula do beija-flor<sup>11</sup>, que eu procuro sempre trabalhar com os alunos:

Diz a lenda que havia uma imensa floresta onde viviam milhares de animais, aves e insetos. Certo dia uma enorme coluna de fumaça foi avistada

---

<sup>11</sup> **A FÁBULA DO BEIJA-FLOR.** Disponível em:  
<<https://docs.google.com/document/d/1xL12q211cvwIjDYW4E1kU6z3c90LUIA2CAUWm-8eWmI/mobilebasic>> Acesso em: 25 jul. 2015.

ao longe e, em pouco tempo, embaladas pelo vento, as chamas já eram visíveis por uma das copas das árvores. Os animais assustados diante da terrível ameaça de morrerem queimados, fugiam o mais rápido que podiam, exceto um pequeno beija-flor. Este passava zunindo como uma flecha indo veloz em direção ao foco do incêndio e dava um vôo quase rasante por uma das labaredas, em seguida voltava ligeiro em direção a um pequeno lago que ficava no centro da floresta. Incansável em sua tarefa e bastante ligeiro, ele chamou a atenção de um elefante, que com suas orelhas imensas ouviu suas idas e vindas pelo caminho, e curioso para saber porquê o pequenino não procurava também afastar-se do perigo como todos os outros animais, pediu-lhe gentilmente que o escutasse, ao que ele prontamente atendeu, pairando no ar a pequena distância do gigantesco curioso.

– Meu amiguinho, notei que tem voado várias vezes ao local do incêndio, não percebe o perigo que está correndo? Se retardar a sua fuga talvez não haja mais tempo de salvar a si próprio! O que você está fazendo de tão importante?

– Tem razão senhor elefante, há mesmo um grande perigo em meio aquelas chamas, mas acredito que se eu conseguir levar um pouco de água em cada vôo que fizer do lago até lá, **estarei fazendo a minha parte** para evitar que nossa mãe floresta seja destruída.

Em menos de um segundo o enorme animal marchou rapidamente atrás do beija-flor e, com sua vigorosa capacidade, acrescentou centenas de litros d'água às pequenas gotinhas que ele lançava sobre as chamas.

Notando o esforço dos dois, em meio ao vapor que subia vitorioso dentre alguns troncos carbonizados, outros animais lançaram-se ao lago formando um imenso exército de combate ao fogo.

Quando a noite chegou, os animais da floresta exaustos pela dura batalha e um pouco chamuscados pelas brasas e chamas que lhes fustigaram, sentaram-se sobre a relva que duramente protegeram e contemplaram um luar como nunca antes haviam notado.

Cada um precisa fazer a sua parte para que o bem coletivo seja almejado. Eu não tenho que fazer igual ao que os outros estão fazendo, eu posso fazer diferente. Essa ideia esteve presente em muitos dos relatos das alunas do oitavo período, querem fazer a diferença no local profissional em que estão inseridas, sabem da importância do seu papel na sociedade.

Nóvoa (1992, p.18) defende que “O confronto entre os distintos projectos passa pela arena da formação de professores. É aqui que se produz a profissão docente [...]”. O que se deve ter como prioridade são as necessidades da “profissão docente”, matérias de base, específicas e práticas. Sem falar nos projetos que permeiam por todo o currículo e que farão desse docente um profissional crítico, autônomo e reflexivo.

Os sujeitos trazem consigo uma bagagem, e ao narrá-las não irão se esvaziar, muito pelo contrário, vão refletir, produzindo novos caminhos e transformações, o processo é contínuo. Bragança (2008, p.257) afirma “o estudo da história de vida não apresenta, em principio, um fim em si mesmo, mas focaliza a contribuição que esta pode dar para a compreensão de determinados fatos, momentos ou contextos históricos”.

Josso (2010, p.175) nos alerta “[...] sobre os papéis do **autor, ator e leitor**, na prática de construção e de compreensão de histórias de vida e, para que, por meio da reflexão sobre esses três papéis, nos interrogássemos sobre o poder transformador das histórias de vida”. O pesquisador acaba se envolvendo, pois aquele sujeito acaba fazendo parte da sua história de vida também, e vice versa.

Ao utilizar a metodologia de análise do conteúdo, foram feitos confrontos entre as falas das alunas de primeiro e oitavo períodos, que segundo Franco (2008, p.20) “As operações de comparação e de classificação implicam o entendimento de semelhanças e diferenças”. O que resultou em tabulação dos dados, gráficos de dados, quadro de análise vertical e horizontal das transcrições dos encontros com o grupo focal por meio de tema/ categorias e com as anotações do meu diário de campo.

O presente trabalho teve como proposta dar “ouvidos” às narrativas dos alunos do Curso de Pedagogia, para que estes se apropriassem da sua própria história e transformação, pois o que vimos é que muitos dos alunos ingressantes pensam que basta gostar de criança para fazer Pedagogia, e essa concepção inicial vai sendo transformada ao longo do curso, quando têm contato com as disciplinas, os docentes, os estágios, as discussões teóricas, entre outros.

As questões propostas nessa dissertação e que foram trabalhadas com os alunos, puderam elucidar quais as visões sobre a docência apresentam os estudantes do curso de Pedagogia, participantes da pesquisa, e enquanto os alunos do primeiro período estão se ambientando ao Ensino Superior e consideram o docente um “passador de conhecimentos”, os do oitavo período são concluintes e mostram uma “certa gratidão” pelos docentes e seus ensinamentos, e mostram que a maior habilidade deve ser de desenvolver pessoas.

Através das narrativas dos alunos do oitavo período, pudemos perceber que o Curso de Pedagogia contribui academicamente para novas concepções dos docentes, por exemplo, a Joana (aluna do oitavo período) cita que mesmo quando o aluno apresenta um “discurso vazio”, há um empenho do professor em tentar aproveitar aquela fala, e que toda cobrança agora sim é entendida como formação.

Ao aplicar os questionários, fazer as tabulações e gráficos, com as turmas de primeiro e oitavo períodos, os resultados já mostraram indícios de uma geração mais consciente e participativa com relação à formação. Ao fazer os encontros com os grupos focais, essa percepção ficou mais clara, seus relatos muitas vezes conscientes de sua importância na sociedade, que mesmo ainda desvalorizando a educação, depende totalmente dela.



Registro aqui a solicitação que ambas as turmas fizeram do retorno da pesquisa, isso mostra o interesse num assunto que tem importância para repensar os nossos valores, enquanto pedagogos que pensamos, falamos e escrevemos.

Esse trabalho trouxe uma reflexão de como estamos todos aprendendo a todo momento, o grupo entrevistado não conhecia a metodologia das narrativas e ficaram felizes em poder contribuir com sua histórias para uma pesquisa de Mestrado, coisas para eles tão comuns, mas que tem toda uma riqueza de formação e transformação, e para mim um repensar na minha própria prática enquanto docente e pesquisadora, que se colocou no desafio e se propôs a narrá-los, para que outros sujeitos possam ser transformados ou animados a percorrer esses e outros caminhos.

Finalizo com uma pequena fala de uma aluna concluinte que representa muito do que foi pesquisado neste trabalho: “Tô morrendo de saudades já [...]” (*aluna do 8º. Período*), pois o aprendizado é constante e contínuo.

## REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS: SOBRE A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO COMO UM CAMINHO DE FORMAÇÃO

“Você não sabe o quanto caminhei pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas [...]”<sup>12</sup>, essa pode ser uma das trilhas sonoras do meu Mestrado.

Voltar a estudar depois de quase dez anos, não foi fácil, mas o encantamento com a pesquisa, o conhecimento, os professores e colegas fizeram com que eu prosseguisse e me permitisse voltar a ser aluna. Ah, como é bom ser aluna!

Ao longo do curso, fiz muitas anotações no meu diário de pesquisa, momentos de crescimento com as discussões, apresentações de trabalhos e leituras, mas outras com muito desânimo, e baixa autoestima, achava que não teria fim, ou que eu não conseguiria chegar. Isso não foi de todo ruim, me aproximei muito mais dos meus alunos, senti o que eles sentem no decorrer do curso, fiquei mais atenta não na chamada, horários, avaliações, mas nos sujeitos. Pessoas que vêm de vários lugares, de diversas classes, de formações diferenciadas em busca de um diploma, mas detrás do diploma há conhecimento e se conseguirmos contribuir com sua (trans)formação, alcançamos nosso objetivo.

Essa pesquisa teve muito impacto em mim, pois para lidar com as histórias de vida dos outros, primeiro você tem que lidar com a sua, e foi uma experiência grande de autoconhecimento. Meu interesse iniciou nos diários das alunas de primeiro período, quanta história de superação, de luta, então eu pensava “se ela chegou até aqui, não posso deixar desistir, o que fazer para continuar o sonho”. Sim, sonho, pois muitos dos nossos alunos ainda são os primeiros de suas famílias a se formar no Ensino Superior. São exemplos em casa, para os filhos, motivo de orgulho para os pais, estar cursando uma Faculdade.

E ao aplicar os questionários, fazer o encontro com os grupos focais, tive mais contentamento, pois tive respostas que não esperava, participação ativa para querer deixar sua marca na pesquisa e a ansiedade de quererem ler o trabalho pronto. Pronto ? Pronto até o dia de hoje, pois nós como seres humanos, cheios de histórias, vamos nos transformando ao longo da vida, basta se permitir.

---

<sup>12</sup> Garrido, Toni. A estrada. Disponível em: <<http://m.vagalume.com.br/cidadenegra.html>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. S. A formação dos profissionais da educação no contexto atual e o PNE 2011-2020: avaliação e perspectivas. In: Dourado, L. F.. (Org.). **Plano Nacional de Educação (2011-2020):** avaliação e perspectivas. 1ed. Goiânia: Editora UFG e Autêntica Editora, 2011, v. 1, p. 263-284.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Brasília: Plano Editora, 2002.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. São Paulo: Paulus Editora, 2010.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de vida e práticas de formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **(Auto)Biografia:** formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008.

BRAGANÇA, I. F. S. .Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação** (PUCRS. Impresso), v. Vol. 3, p. 157-164, 2011.

\_\_\_\_\_. Curso de Pedagogia no Rio de Janeiro após as Diretrizes Curriculares Nacionais: formação docente e gestão educacional. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 09, p. 97-115, 2012 a.

\_\_\_\_\_. **Histórias de vida e formação de professores/as:** diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012 b.

BRAGANÇA, I. F. S.; MOREIRA, Laélia Carmelita Portela. Formação e profissionalização docente no Brasil: Instituições, Práticas Educativas e História. **Pesquiseduca**, v. 5, p. 43-62, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Parecer 09/2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de pedagogia.** Parecer 03/2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003_06.pdf)> Acesso em: 03 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Plano Nacional de Educação.** 2014. Disponível em: <[http://fne.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=383:plano-nacional-de-educacao&catid=9](http://fne.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=383:plano-nacional-de-educacao&catid=9)> Acesso em: 03 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portal do MEC**. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=205&Itemid=298&msg=1](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=205&Itemid=298&msg=1)> Acesso em: 13 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 04 dez. 2013.

BRASIL. Projeto de Lei. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020, e dá outras providências. 2013. CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. Disponível em:  
<[https://books.google.com.br/books?id=uLpQEeyt1D0C&pg=PA5&hl=pt-br&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=2#v=onepage&q&f=true](https://books.google.com.br/books?id=uLpQEeyt1D0C&pg=PA5&hl=pt-br&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=true)> Acesso em: 15 nov. 2015.

CARVALHO, Simone Medeiros de. **De volta ao lugar de aluna: as relações docência-discência na formação de professoras**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal De Minas Gerais. Disponível em:< <http://capesdw.capes.gov.br/?login-url-success=/capesdw/>> Acesso em: 04 jul. 2014.

CATANI, D. A autobiografia como saber e a educação como intervenção de si. In: SOUZA, E.; ABRAHÃO, M. H. **Tempos, narrativas e ficções: invenções de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1992.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina; SÁ, Elba Siqueira; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

GRANDE **Enciclopédia Larousse Cultural**. v.18. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. *Educ. Soc.* (online). 2009, vol.30, n.109, pp.1059-1079.

JOSSO, Marie-Christine. As Narrações Centradas sobre a Formação durante a Vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma Existencialidade Singular-Plural. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 17-30, jan./jun.,2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Diretrizes curriculares da Pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 843-876, out. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 11 nov. 2014.

LUBÃO, Zélia Dias. **Articulação entre docência e gestão educacional na formação do Pedagogo a partir das DCN/2006**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) -Programa de pós-graduação em educação, Universidade Estácio de Sá.

MELO, Patrícia Sara Lopes. **O olhar dos discentes sobre o curso de licenciatura em Pedagogia da UFPI: narrativas de formação**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Universidade Federal Do Piauí. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/?login-url-success=/capesdw/>> Acesso em: 04 jul. 2014.

MILITZ, Noeli. **Licenciandos em formação: os memoriais como registro do movimento de constituição da identidade profissional**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal De Mato Grosso. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/?login-url-success=/capesdw/>> Acesso em: 04 jul. 2014.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Apresentação à edição brasileira. In: CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. SP: Cortez, 2002 a. p. 11-22.

\_\_\_\_\_. Professor reflexivo: historicidade do conceito. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, Evandro (ORGs). (2002). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. SP: Cortez, 2002 b, p. 17-52.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

SAVIANI, Demerval. **Educação Brasileira: estrutura e sistema**. SP: Cortez, 2005.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA Antonio (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1992.

VICENTINI, P. P. ; LUGLI, R. G. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, Ricardo. **Identidades pessoais**. Lisboa: Ed. Calibri, 2009.

ZEICHNER, Kenneth. El maestro como profesional reflexivo. **Cuadernos de pedagogía**, n. 220, p. 44-49, 1996.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I: TERMO DE CESSÃO

Prezado(a) Senhor(a) \_\_\_\_\_

Esta pesquisa é sobre: **A DOCÊNCIA NAS CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA** e está sendo desenvolvida por **Simone Barreto Magalhães**, aluna do curso de mestrado em educação da **Universidade Estácio de Sá**, sob a orientação da Dr<sup>a</sup>. Alzira Batalha Alcântara.

O objetivo do estudo é analisar, por meio de narrativas, as concepções de docência dos alunos do Curso de Pedagogia, do primeiro e oitavo períodos.

A finalidade deste trabalho é investigar como chegam a Universidade esses futuros Pedagogos e como estão saindo para o mercado de trabalho.

Solicito a sua colaboração para participar de entrevistas/conversas com a pesquisadora, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de ciências humanas e sociais ou publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informo que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclareço que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida participar informo que a qualquer momento poderá desistir da decisão, sem prejuízo.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Caso necessite de maiores informações sobre a pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora.

SIMONE BARRETO MAGALHÃES - profsimonemagalhaes@gmail.com

Cel.: (21) 996691794

Local de trabalho: Universidade Estácio de Sá – campus Centro I

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

## **APÊNDICE II: FÓRMULÁRIO - LEVANTAMENTO DO PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA**



**Universidade Estácio de Sá - Curso de Pedagogia - Campus Centro I**

**Projeto de dissertação: A docência nas concepções de estudantes do curso de Pedagogia**

Prezado aluno,

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa vinculada ao Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá - UNESA, que tem como objetivo central analisar os processos identitários dos pedagogos. A pesquisa está sendo desenvolvida pela mestranda Simone Magalhães, docente da Unesa, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alzira Batalha. Neste breve questionário serão apresentadas algumas questões que irão contribuir muito para o desenvolvimento do tema proposto.

O anonimato dos respondentes será preservado em qualquer circunstância.

Desde já agradeço sua contribuição.

### **LEVANTAMENTO DO PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA**

1- Município e bairro onde mora: \_\_\_\_\_

2- Data de nascimento: \_\_\_\_\_

3- Formação acadêmica:

3.1. No Ensino Fundamental e Médio:

( ) Estudou em escola pública.

( ) Estudou em escola particular.

( ) Estudou em escola pública e particular.

3.2. No Ensino Médio:

( ) Formação Geral

( ) Curso Normal

( ) Curso Técnico Qual? \_\_\_\_\_

Ano de início: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

3.3. Já fez outro curso superior?

( ) SIM ( ) NÃO

3.4. Precisou interromper a escolaridade em alguma etapa de sua trajetória escolar?

( ) SIM ( ) NÃO

4. Você está, no momento, exercendo alguma atividade profissional?

( ) SIM ( ) NÃO Se a resposta for positiva, qual? \_\_\_\_\_

5. Tem experiência profissional em educação? ( ) SIM ( ) NÃO

5.1. Há quanto anos? \_\_\_\_\_

5.2. Se trabalha em escola, assinale as opções abaixo:

A) Função exercida:

( ) Como professor/a. ( ) Como funcionário administrativo. ( ) Outras funções.

B) Tipo de estabelecimento:

( ) Particular ( ) Municipal ( ) Estadual



6. Por que escolheu fazer Pedagogia?

---

---

---

---

---

7. Para você, o que é ser professor ?

---

---

---

---

---

8. Se você tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?

---

---

---

---

---

### APÊNDICE III: Tabulação dos formulários

#### Levantamento do perfil dos alunos do curso de Pedagogia

##### ➤ Dados Turma de primeiro período

#### Vinte questionários recebidos e tabulados

1 - Município e bairro onde mora:

<b>Município</b>	<b>Quantitativo</b>
Rio de Janeiro	16
Belford Roxo	1
Duque de Caxias	1
São Gonçalo	1
São João de Meriti	1

<b>Bairro</b>	<b>Quantitativo</b>
Bangu	1
Botafogo	1
Centro	3
Copacabana	1
Engenho de Dentro	1
Ilha do Governador	2
Inhoaíba	1
Lins	1
Maracanã	1
Rocinha	1
Santa Teresa	1
São Francisco Xavier	L
Sarapuá	1
Tijuca	1

Trindade	1
Vila Isabel	1
Não informou	1

2 - Data de nascimento:

Faixa etária	Quantitativo
Entre 18 e 21 anos	7
entre 21 e 25 anos	5
entre 26 e 30 anos	4
entre 31 e 35 anos	-
entre 36 a 40 anos	-
mais de 41 anos	4

3 - Formação acadêmica:

3.1. No Ensino Fundamental e Médio:

	Quantitativo
Estudou em escola pública	14
Estudou em escola particular	2
Estudou em escola pública e particular	4

3.2. No Ensino Médio:

	Quantitativo
Formação Geral	12
Curso Normal	7
Curso Técnico	-

Não Informou	1
--------------	---

<b>Ano de Conclusão do E. M.</b>	<b>Quantitativo</b>
2014	3
2013	4
2011	1
2009	3
2008	1
1999 -2007	3
1990 – 2000	3
1980 – 1989	-
Depois de 1989	-
Não informou	2

3.2. Já fez outro curso superior?

	<b>Quantitativo</b>
Sim	2
Não	18

3.4. Precisou interromper a escolaridade em alguma etapa de sua trajetória escolar?

	<b>Quantitativo</b>
Sim	6
Não	14

4 - Você está, no momento, exercendo alguma atividade profissional?

	<b>Quantitativo</b>
Sim	15
Não	5

<b>Atividade Profissional</b>	<b>Quantitativo</b>
Assistente Financeira	2
Aux. Acadêmico	1
Aux. Adm.	1
Aux. de Consultório	1
Aux. de Creche	1
Aux. de Professor	1
Carteiro	1
Costureira	1
Lojista	1
Operador de Computador	1
Supervisora de Atendimento	1
Telemarketing	1
Não informou	2

5 - Tem experiência profissional em educação:

	<b>Quantitativo</b>
Sim	4
Não	16

5.1. Há quanto anos?

	<b>Quantitativo</b>
8 anos	X
6 anos	X
5 anos	X
2 anos	X

5.2. Se trabalha em escola, assinale as opções abaixo:

A – Função exercida

<b>Função Exercida</b>	<b>Quantitativo</b>
Como professor/a	
Como funcionário adm.	X
Outras funções	X

B - Tipo de estabelecimento

<b>Tipo de Estabelecimento</b>	<b>Quantitativo</b>
Particular	
Municipal	
Estadual	
Filantrópica	X

6 - Por que escolheu fazer Pedagogia ?

<b>Por que escolheu fazer Pedagogia ?</b>	<b>Quantitativo</b>
Falta de opção	4
Trabalhar com crianças	4

Desenvolver pessoas	3
Ajudar no trabalho atual	3
Aumento das oportunidades	2
Sonho de ser professor	2
Por amor	2

7 – Para você, o que é ser professor ?

<b>Para você, o que é ser professor ?</b>	<b>Quantitativo</b>
Passar conhecimento	7
Desenvolver pessoas	5
Amor à profissão	3
Base da educação	2
Fazer o papel da família	1

8 - Se fosse tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?

<b>Se fosse tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?</b>	<b>Quantitativo</b>
Vocação	5
Responsabilidades	5
Amor	4
Sabedoria	3
Qualidades	2

➤ **Dados Turma de 8º. período**  
**questionários recebidos e tabulados**

1 - Município e bairro onde mora:

<b>Município</b>	<b>Quantitativo</b>
Rio de Janeiro	14
Duque de Caxias	2
Magé	1

<b>Bairro</b>	<b>Quantitativo</b>
Tijuca	2
Cidade Nova	1
Copacabana	1
Engenho Novo	1
Flamengo	1
Jardim Primavera	1
Lapa	1
Leme	1
Maracanã	1
Parque Paulista	1
Rocinha	1
Santo Cristo	1
Siqueira	1
Vidigal	1
Não informou	2

2 - Data de nascimento:

<b>Faixa etária</b>	<b>Quantitativo</b>
---------------------	---------------------



entre 21 e 25 anos	5
entre 26 e 30 anos	2
entre 31 e 35 anos	2
entre 36 a 40 anos	1
mais de 41 anos	7

### 3 - Formação acadêmica:

#### 3.1. No Ensino Fundamental e Médio:

	<b>Quantitativo</b>
Estudou em escola pública	8
Estudou em escola particular	3
Estudou em escola pública e particular	6

#### 3.2. No Ensino Médio:

	<b>Quantitativo</b>		
Formação Geral	6		
Curso Normal	6		
Curso Técnico	4	Contabilidade	1
		Enfermagem	1
		Processamento dedados	1
		Não Informou	1

#### Ano de Conclusão do Ensino Médio:

<b>Ano de Conclusão do E. M.</b>	<b>Quantitativo</b>
2015	1
2013	1

2010	2
2009	2
2008	1
1999 -2007	3
1990 – 2000	1
1980 – 1989	-
Depois de 1989	1
Não informou	6

3.3. Já fez outro curso superior?

	<b>Quantitativo</b>
Sim	2
Não	15

3.4. Precisou interromper a escolaridade em alguma etapa de sua trajetória escolar?

	<b>Quantitativo</b>
Sim	8
Não	9

4- Você está, no momento, exercendo alguma atividade profissional?

	<b>Quantitativo</b>
Sim	15
Não	2

<b>Atividade Profissional</b>	<b>Quantitativo</b>
Estágio	5
Mediadora	3

Professor	3
Aux. Adm.	1
Aux. de Escritório I	1
Aux. de Professor I	1
Secretaria Executiva	1

5 - Tem experiência profissional em educação:

	<b>Quantitativo</b>
Sim	9
Não	8

5.1. Há quanto anos?

	<b>Quantitativo</b>
12 anos	1
10 anos	1
8 anos	1
7 anos	1
6 anos	1
4 anos	1
3 anos	1
2 anos	1
6 meses	1

5.2. Se trabalha em escola, assinale as opções abaixo:

A – Função exercida

<b>Função Exercida</b>	<b>Quantitativo</b>
Como professor/a	5

Como funcionário adm.	-
Outras funções	8

B - Tipo de estabelecimento

<b>Tipo de Estabelecimento</b>	<b>Quantitativo</b>
Particular	9
Municipal	3
Estadual	-
Federal	1

6 - Por que escolheu fazer Pedagogia ?

<b>Por que escolheu fazer Pedagogia ?</b>	<b>Quantitativo</b>
Aumento das oportunidades	4
Desenvolver pessoas	3
Sonho de ser professor	3
Falta de opção	2
Ajudar no trabalho atual	2
Desenvolvimento Próprio	1
Gostar da área	1
Trabalhar com crianças	1

7 – Para você, o que é ser professor ?

<b>Para você, o que é ser professor ?</b>	<b>Quantitativo</b>
Desenvolver pessoas	11
Passar conhecimento	3
Futuro Melhor	2
Profissão Desvalorizada	1

8 - Se fosse tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?

<b>Se fosse tivesse que escolher uma palavra para definir a docência, qual palavra você escolheria ?</b>	<b>Quantitativo</b>
Responsabilidades	9
Amor	6
Qualidades	2

#### **APÊNDICE IV: Roteiro da entrevista/conversa**

- Fale um pouco da sua trajetória de formação escolar ?
- Quando você ouviu a palavra Pedagogia o que vem a sua mente ? Concepções de Pedagogia.
- O que levou a escolher o Curso de Pedagogia ? Escolha do Curso de Pedagogia.
- Para você, o que é ser professor ? Conceitos sobre ser professor.

## APÊNDICE V: Quadro para análise de conteúdo horizontal

Temas	PERIODOS	
	Primeiro Período	Oitavo Período
<b>Formação escolar</b>	<p>M: Não, não fiz. Não fiz, e também nós não tínhamos como... é... cursar pedagogia, é de poder também ter mais um tempo livre.</p> <p>I: Eu acho que eu tenho dois fatos, né... no meu primeiro dia numa sala de aula...</p> <p>I: Como aluna, é estagiária no caso. É a escola ela, não tinha, não havia professores na parte da tarde, então ficava na mão dos estagiários. Uma professora nos levou até a sala, e quando eu abri a porta as crianças estavam, em cima da mesa, tacando bolinha de papel.... e aquilo me assustou, eu saí fechei a porta, eu pensei, eu não vou entrar. Ela botou a mão no meu ombro e disse: “Filha, se você desistir agora, você vai desistir pro resto da sua vida! Não desista, encara essa que vai dar tudo certo, a partir daquele dia eu consegui, fazer o estágio e aquilo mudou a minha vida, levo isso pra vida inteira. Não desista, você vai desistir pro resto da vida. E a outra foi recente, que eu cuidei de uma criança, que estuda numa escola municipal, já estava indo pro seu terceiro ano, e não sabia ler uma palavra. Ele não</p>	<p>O: Ah, sim! Quando a gente entra, a gente é assim bem simplinho. Depois a gente vai ampliando né...</p> <p>M: Eu acho que agora a gente tem uma visão mais crítica. Porque quando a gente entra a gente, a gente tem aquela visão é... um pouco... vamos supor: sólida né! Uma ideia simples, mas quando já entra na universidade, vê como que é o processo, a gente vai tendo uma visão mais ética também né... mais crítica no que a gente pensa, no que a gente pode fazer pra mudar!</p> <p>J: Eu acho assim, eu vejo que a minha crítica mudou, pra uma crítica construtiva! Hoje eu mantenho minha crítica, mas hoje eu procuro ver um meio de solucionar as coisas, com algumas ideias....</p> <p>J: Então, crítica no sentido assim, de você avaliar o seu histórico escolar. Você passa a entender porque que os professores agiram de tal forma com você. As vezes o que acontecia com de.. é...de a pessoa de auto avaliar, dizendo que não é capaz, e você vai entendendo que é todo um esquema de um sistema</p>

	<p>conhecia as letras, não sabia ler palavras, nem frases. Tudo que tinha que, falar e ler por ele. Então durante um ano, a gente teve uma evolução! Quando ele leu as primeiras palavras, aquilo dali foi emocionante! Ele falou: “Eu sei o que está escrito aqui! É caixa”. Aquilo dai me emocionou, a mãe dele nunca ouviu ele ler, então um dia eu botei ele pra ler, e liguei o whatsapp né, e botei pra ela ouvir, a mãe dele botou aquela carinha de choro, e disse: “ Eu nunca vi o meu filho ler!” aquilo dali foi emocionante pra mim!</p> <p>I: É, minha experiência não é boa não.. (risos) Eu tenho diversas experiências, no caso uma eu já assumi turma, ainda no meu segundo grau eu assumi uma turma por um ano, e foi quando eu trabalhei com diversas crianças... é, com algum tipo de déficit mas a minha experiência foi no meu segundo grau, quando eu ainda estudava pra fazer EJA, e aí foi lá perto de casa. Assim, o descaso é muito grande, eu saia da sala de aula todos os dias, praticamente eu queria chorar, eu não queira voltar, eu queria morrer por estar ali. E aí no final do ano, eu voltei..dei continuidade porque eu parei, aí no final do ano eu dei continuidade. E aí a professora simplesmente não ia, eu ficava com jovens e adultos sozinha. Dia de sexta feira não tinha ninguém em secretaria, não tinha material,</p>	<p>que faz você pensar que você não é capaz de atingir um objetivo, porque outras pessoas conseguiram né. Então aqui na universidade abre uma visão crítica pra você entender o porquê! Porque tipo, a pessoa quando tem não um conhecimento, não um... que nem a professora colocou isso na semana passada... é você aprender uma coisa, e você não saber aplicar aquilo que você aprendeu. Agora quando você tem conhecimento, você sabe quais são os seus direitos diante daquela situação. Então na universidade você, assim lógico que assim , tem coisas que eu aprendi aqui que não é nem necessário chegar na faculdade pra ter aprendido isso. De repente no meu segundo grau, que foi uma formação só técnica, coisas que eu aprendi lá, que eu nem uso mas, nem lembro mas pra quê que eu aprendi aquilo. Se eu tivesse aprendido lá, com certeza, eu acho que assim, eu não seria a pessoa, eu acho que eu teria seguido um outro caminho. Que de repente poderia não ser também, não ser a pedagogia.</p> <p>J: Bom, eu sempre gostei de estudar. Mas aí eu pra eu chegar até uma escola decente, eu tive que sair de casa de casa muito cedo, com sete anos, pra morar com a minha madrinha pra poder ter acesso a uma escola, né. E o</p>
--	--	--



	<p>não tinha nada! E aí no final do estágio uma senhora veio com um pacote grande de bombom e com uma bíblia pequenininha pra mim e aí começou a chorar, e me agradeceu muito. Porque não sabia ler, nem escrever e o sonho dela antes de morrer, era ler a bíblia e eu consegui fazer isso por ela. Fazer com que ela aprendesse a ler, pra ela ler a bíblia e isso me marcou muito. Porque eu tive dois avós que eram analfabetos também, que aprenderam a ler e a escrever comigo também, e isso me marcou muito, porque minha avó também era muito religiosa. Sempre quis muito poder ler a bíblia, e aí foi uma experiência maravilhosa, e aí que eu pude ver que independente de tantos problemas, eu fiz diferença pra uma pessoa, e ela com certeza vai levar isso pra vida toda, vai lembrar que eu tava ali naquela sala, que eu ajudei, que ela pode ter...</p> <p>I: Nossa foi maravilhoso, experiência nossa senhora! Eu saía de lá quase todo dia querendo chorar, querendo morrer, não querendo voltar lá nunca mais. Inclusive porque o meu avô também já frequentado uma escola, e aí quando ele não quis ir mas todo mundo disse, poxa mas tá desistindo... mas ninguém sabia a baderna, a realidade que é dentro de um EJA. E aí eu fiquei pensando caramba</p>	<p>que me complicou em ter que tão cedo da minha casa, de perto de minha mãe, da minha família pra poder estudar longe. Pra eu ter acesso a uma educação decente, qual era o grande problema da minha vida? Entra na escola pública ou particular, abrir mão do carinho, do afeto todo dia, e ser só alguém na casa de alguém? Então isso foi o que mais me marcou. É estar longe da minha família.</p> <p>J: Sim, mas aí o que me consolava era que, eu tava longe da minha mãe mas pô eu tô estudando, eu gosto de estudar! Quando eu cheguei na escola eu tinha oito anos, eu queria aprender a ler de qualquer jeito, então assim, foi assim um estalo, rapidinho eu aprendi a ler, rapidinho eu conseguia fazer tudo. Meu interesse era muito grande em aprender. Então eu me destaquei por isso, pelo meu interesse. Eu venho em busca de interesse, pra chegar na faculdade eu abri mão de estudar, porque quando eu cheguei aqui no Rio eu tive que, a minha filha veio com seis meses, eu falei cara... entre estudar e cuidar da minha filha, como eu não tive mãe, pô eu quero ser mãe de verdade. E abri mão de tudo pra ser mãe integralmente sabe, o parto pra encarar e minha vida era braba assim, eu vivi a minha infância junto com a minha filha, tudo junto</p>
--	--	---

	<p>não era falta de querer dele, era falta de tudo, mas dentro da escola e não por ele. E aquilo me marcou muito, foi uma das experiências que eu mais...</p> <p>S: Ah, a minha experiência como eu nunca dei aula, eu acho que as experiências que eu tenho é aluna mesmo. E não tenho do que reclamar, eu tive excelentes professores e tinha uma professora que eu nunca soube matemática, e eu não sei até hoje! Não sei até hoje, e ela foi a única professora que consegui enfiar na minha cabeça matemática, e não foi tipo, ela não em deu um, em nenhum momento ela chegou e fez... ela inventou uma musiquinha pra me ensinar matemática, e eu aprendi matemática com ela dessa forma, por causa desse jeito dela de ver... hoje em dia eu não lembro mas da música, mas é uma musiquinha muito chata, que todo nessa aula gravou. E eu aprendi matemática com ela, também tive uma outra professora que era de português, não tinha nada a ver com história, mas que ela, dava uma louca nela falava amanhã nós vamos pra passeio no centro da cidade, conhecer pontos históricos. E não tinha bilhete único, não tinha riocard, no centro da cidade todo mundo pegava o ônibus, vinha pro centro da cidade. Ela pegava a autorização com os pais, e</p>	<p>dela ai, tudo!</p> <p>Então foi tudo que eu não tive, que eu perdi de sete a, ao resto da vida, eu vivi com ela. Eu brincava todo dia, rolava pelo chão, dava cambalhota em casa. Mais infantil do que ela, e até hoje se você ver uma velhinha, eu sou a adolescente da casa! (risos)</p> <p>O: A professora esqueceu, é que tem tantas histórias... mas foi o que foi do desenho? É uma história que te marcou. Que você descobriu quando você chegou na universidade, porque que a professora tinha feito aquilo na sala de aula? Uma vez você comentou em sala também... lembra?</p> <p>J: Que me marcou... acho que foi, primeiro acho que foi a história de um elefante, elefantinho que a professor deu pra todo mundo pintar, e... assim... e eu com os meus amigos eu fui pintando o elefantinho, cada um que me mostrava o elefantinho mostrava bonito, e me irritavam. Acabou que meu elefantinho ficou todo rabiscado, ficou horrível, meu elefantinho, aí a professora ela fez questão de chamar um a um na frente e pedir pra mostra o desenho. O meu elefantinho, depois que eu vi que ele ficou feio, eu fui tentar apagar e rasgou. (riso) Aí é, assim pra mim foi uma humilhação, aquilo que a</p>
--	---	---

	<p>vinha, que nem uma doida no meio da rua, não falava com ninguém, porque ela não ligava pros lugares, ou pedia pra ligar. Ela chegava e falava: “Tô com uma turma posso entrar?” e era assim que entrava, então ela era uma professora que me inspirou demais. Demais mesmo, por causa que, dava pra ver o gosto que ela tinha de ensinar. Era bem visível isso.</p> <p>M: Eu tive a experiência de dar aula na catequese, né. Durante esses dez eu tive várias turmas. E um em especial foi, pela primeira vez, sempre as aulas eram com muitos alunos, eram sei lá, vinte, vinte e cinco... aí abaixando, alguns iam saindo né! Mas teve um ano, eu sempre dava aula no domingo, e nesse ano eu resolvi dar aula no sábado. E nesse sábado só tinham cinco crianças. Cinco! Aí eu meio que, tem alguma professora da gente também? Ah, professora Fátima mesmo, ela fala que teve um período em que ela levou o curso de pedagogia só com cinco alunos. E eu me identifiquei muito com ela, por causa disso. Porque eu só tinha cinco crianças, e eram de sete a oito anos, nove anos. Eles já entendiam já, sabiam já se expressar. Eu consegui levar, um ano só que assim, meu medo era de eles desistirem, né. Porque imagina né, só</p>	<p>professora fez, eu chorei na sala assim. Mas eu não sabia falar pra minha mãe o porque que eu não queria mais ir pra escola, entendeu?! Então assim, até hoje, porque que aquela professora não gostava de mim cara?</p> <p>J: Eu não sei assim, mas é... eu entendi a educação tradicional, ela nunca é ... de repente quando ela estudou ela te só a formação técnica. Ela não saber lidar com a criança, então assim isso me marcou muito. Eu me lembro disso como se fosse hoje. E.. é.. eu lembro também que quando eu aprendi, uma coisa que marcou, eu não conseguia, eu não fui alfabetizada, é... pela cartilha, eu não conseguia aprender com a cartilha né. A cartilha da (?), mas assim, eu, eu fui..inacreditável isso, tem gente até que me zoa, porque assim como é que pode a pessoa ser reprovada pra cortar papel né? (risos) E eu fui reprovada, então assim, até que um dia, um outro ano, eu encontrei uma professora carinhosa. E a professora contou uma história de uma casinha feliz, aí eu associei as letras, m de mamãe... pra mim foi com se fosse uma luz que acendeu assim, e aí sim naquele dia, de uma dia pro outro eu aprendi a ler. Porque não tem, eu não tive nenhuma professora que procurasse entender a maneira como eu aprendia, então assim eu fui</p>
--	---	--

	<p>cinco alunos, e foi assim e turma que eu mais me identifiquei. Porque foram cinco, então, ah eu sabia o nome de todos né. Era bem legal a ligação, mas eles, só cinco, era uma turma mais assim, só a gente. Então eu conseguia fazer com eles, o que com os outros eu não conseguia fazer. Dá uma aula mais elaborada, fazer uma coisa mais legal com eles, mais lúdica. Alguma coisa desse tipo, e era u prazer, todo sábado pra mim dar aula pra eles. Saber que os cinco estavam lá, e não faltavam. E é muito bom esse reconhecimento das crianças, hoje em dia eu vejo meus alunos enormes, e dizem “Oi tia!” Tia... são maiores do que eu, eu comecei com dez anos né, dez anos, então assim eu terminei com vinte, quando eu me casei, era coisa demais ter comprometimento, então eu falei ah, bom... e aí hoje em dia alunos meus no meu face que falam comigo, me dão parabéns quando eu posto uma foto minha, tomando a eucaristia. Tipo é legal ver isso, sabe...</p> <p>I: Mas você se sente uma estranha, porque um dia ele foi pequeno!</p> <p>M: É, mais foi um momento muito legal da minha vida, me senti feito criança, e tipo não tem vergonha, oi tia tudo</p>	<p>reprovada por sei lá... por cortar papel cara, porque eu não tive uma professora que procurasse buscar o porque que eu tava tendo essa dificuldade pra aprender!</p> <p>S: Apesar de não aparecer, não expor porque aqui na faculdade, primeiro trabalho nosso aqui pra apresentar, gente eu queria morrer, porque assim, minha cara toda vermelha, quando eu fico com vergonha (incompreensível) o que eu faço da minha vida? Porque eu vou morrer, vou surtar! Parece mentira, a minha timidez era tão grande gente pra falar, a inspetora, a inspetora da escola da minha filha pra me dá um recado, minha perna ficava tremendo! Eu falei não gente, eu sou a mãe da minha filha! Como eu posso falar com uma pessoa, e ter vergonha de ir, de falar, dá um recado?! Então isso é um sofrimento par mim, juro. É uma coisa assim horrível! Mas no meio dos meus amigos, eu canto, danço, rebolo, faço tudo mas com pessoas que eu não tenho contato tão íntimo né, eu fico meio fechada. E aqui, meu primeiro trabalho, o papel nem tremia porque eu não era boba de segurar o papel assim, na minha mão né. Aí dá aquela abaixada assim, tipo: ai meu Deus, o que eu vou falar, não tem nada pra falar. E não saía nada. Segundo trabalho, eu falei: Gente eu</p>
--	---	---

	<p>bem?</p> <p>I: Ao mesmo tempo que é estranho, é legal saber que ele te reconhece, saber que você fez parte da vida da pessoa.</p> <p>A: Eu tenho experiência com alunos maiores que eu, porque eu não tive tempo pra isso, mas o meu primo ele era meu neném, meu xodó, de me ligar e “pima pima”, e não sabia nem falar direito. E hoje em dia ele tá com dois metros de altura, aí eu encontro ele, aí eu fico, vem cá meu bebezinho, aí ele: “Qual é cara?! A gente tá na rua...” É estranho...</p> <p>M: Eu sempre trabalhei ali na rocinha ne, então assim eu tenho muitos alunos, eu tenho muitos alunos meu no meu face. E que já são pais né, e eu fico brincando com eles assim: “Poxa, lembra do que eu te ensinei lá.. vamo né... matrimônio..” Não, foi bem antes então assim a gente brinca, e foi uma experiência única na minha vida, não troco por nada! Foi lindo demais, eu tive um conhecimento com outras pessoas da minha idade, que passavam, passavam um domingo inteiro na igreja. Tinha o domingo pra você avaliar o mês, pra fazer as aulas, pra você conversar... então, eu tenho esse, essa prática, então eu adoro lidar com isso. Crianças, você ter</p>	<p>tenho que ler, ler, reler, e aquele sofrimento, sofrimento não! Sofrência pura...</p> <p>S: Aí, sabe... eu falei, gente eu tenho que parar com isso, eu tenho que criar juízo, vergonha na cara e criar jeito, porque afinal são quatro anos de pedagogia, e o que eu vou fazer? Eu vou sair daqui como? Tem que acabar com essa vergonha de falar pra todo mundo, nunca, que jamais eu iria encarar todo mundo assim, par mim imagina, imagina uma platéia, se alguém me chama eu vou ficar me tremendo.... (risos) e hoje graças à Deus, a pedagogia, os professores que forcem mesmo. O Paulo Corrêa mais do que isso, tá conversando ele fala assim: Minha senhora o que foi mesmo que eu falei? (risos) Então você tem que prestar atenção pra não dar um mole desse né... e você tem que responder então isso que é pra mim... foi de uma... eu aprendi a, a... não continuo aprendendo! Mas o fato de poder falar e tô preparado... (risos)</p> <p>S: Não, só então, eu tô com um calor, mas a minha cara gente fica assim..eu fico desesperada! Eu parecia, que eu ia desmaiar a qualquer momento. Tanta vergonha, uma timidez incomparável, parecia que eu matei... (risos)</p>
--	---	---

	<p>aquela avaliação sobre o que você vai dar, você estudar bastante pra poder pegar uma base, então eu acho assim muito legal e também por causa do Felipe, logo vem o meu filho, é o foco principal na minha vida.</p> <p>A: Eu tive a experiência na escola, que eu assumi a turma sozinha, de um aluno que pegava pelo bracinho dele, assim meio quilo de pele pra um lado, meio quilo de pele pro outro porque ele era todo molengo, ninguém nunca diagnosticou ele com nada, até eu sair da escola. Só que ele não tinha a coordenação motora nenhuma, porém, ele entendia tudo que você falava. Então ele acordava era cinco horas da manhã pra fisioterapia, porque não andava, tinha o pescocinho mole, todo molengo. Eu botava ele no colo, ele ia mais alto do que eu, e quando ele chegava lá dez horas da manhã eu queria nadar com ele, queria fazer as coisas, e a diretora falava que não. Poda deixar ele dormir, porque era mais cômodo. Aí eu ficava gente, mas ele tá vindo pra escola pra interagir. E é legal as crianças irem pro pátio e agarrava ele na minha cintura, e corria com ele, com as crianças, e a diretora não gostava!</p> <p>I: No ano passado eu tinha</p>	<p>M: Mas isso que você tá falando, concordo que às vezes, não é nem só na pedagogia em si. Mas o ser humano em si, na certa... Internamente assim essa tem essa dificuldade de se expor, nem tudo chega, fala, faz... então, fica sob julgamento do próximo, do desconhecido. Quando você falou do seu grupo, você canta, você dança com as pessoas que você gosta... mas eu não conheço ela, eu não sei quem é, eu fiz uma matéria com , em dois anos aqui eu fiz uma matéria com ela, eu nem sei o nome da pessoa. Você também fica, eu entrei assim, eu brinco com a Simone, só fico rindo aqui. Porque eu entrei em 2009, parei dois anos por motivos meus pessoais e resolvi voltar, mas pra ciências, na pedagogia meu maior desafio foi a volta. Muita gente para, paga e acabou. E larga... ah eu fiz história, mas faz muito tempo, eu fiz pedagogia mas por dinheiro. Eu não, eu assim, eu ainda vou encontrar muitos desafios, ainda não tô lecionando, ainda não tô trabalhando em escola. Eu sei que foi... inclusive essa coisa, ah você tem certeza de que é isso que você quer? Hoje eu escutei isso, uma pessoa... mas eu falei assim, olha eu trabalhei três anos no supermercado mundial, se eu sobrevivi... (incompreensível) Pior que criança, então eu</p>
--	---	---

	<p>um aluno na minha sala, que não falava, ele não interagía com nenhum aluno, coleguinha. E todos os amigos dele, adorava ele, mas ele não expressava nenhum sentimento. E nem brincava com ninguém mas toda vez que tinha uma rodinha eu sentava do lado dele, então naquela brincadeira eu incluía ele. As professoras diziam, deixa ele lá no canto. Ele não quer brincar... não ele quer brincar sim, ele só precisa de uma motivação. Vamos sim, vamos lá, pegava na mãozinha dele corria junto com ele, e eu só via ele ria assim. Aquilo dali era tão gratificante. Que você vê a diferença, não é excluindo, é incluindo. Hoje ele tá numa outra turma, a professora disse que ele falou a primeira palavrinha dele, ele deu bom dia! Ele nunca deu bom dia. Eu nunca ouvi a voz dele, eu nunca vi ele fazer algo, nada diferente. Apesar de eu sempre incentivar, mas ele já tava mais tempo com a outra professora, e sempre falava deixa ele lá no canto. Se ele não quer brincar, deixa ele, se ele não quer interagir né, deixa ele. É muito mais cômodo você excluir a criança.</p> <p>M: O Felipe, ele não foi diagnosticado como autista. O meu filho, ele foi diagnosticado como atraso de fala, porque o neuro me explicou. Tem crianças que tem atraso de fala, demoram</p>	<p>acho assim a minha faculdade, o meu retorno, a vontade de querer de me formar é maior do que... assim... qualquer pessoa que venha com alguma piadinha pra baixo, que eu deixo entrar por um ouvido e sair pelo outro. E até se apresentar tal, eu não, às vezes eu falo com ela assim: Simone eu não vou... Ela vai, se apresenta!</p> <p>O: Tô morrendo de saudades já...</p>
--	---	--

	<p>pra falar, outras que falam no tempo normal e outras que falam até demais né. Antes né, do tempo. E depois que ele começou a fazer a fonoaudióloga com dois anos, ele melhorou muito. Hoje eu peço pra ele filho por favor cala a boca!(riso) Mas eu fico muito feliz porque eu busquei isso pra ele, porque tem umas mães também, aí vamos pro lado das mães, que acabam largando a criança... Ah não, vai falar, daqui a pouco fala. E todo mundo me falou, quando todo me falou assim, Sávia ai você é muito nervosa, daqui a pouco esse menino fala, só que não é normal uma criança de dois anos, não falar nada! Sabe, ele começou a gesticular, ele não falava muito. Então eu falei bom, alguma coisa ele tem. Então se ele tem, vamos procurar saber o motivo, eu não consigo ser aquela pessoa de que você tá tendo um problema e não vai buscar a solução. A mesma coisa é o professor Hugo, na sala de aula, se você tem aluno problemático você vai lá e procura desenvolver a melhor metodologia que você acha, pra incluir ele no meio, não pra excluir!</p> <p>I: É eu saí dessa escola, porque a diretora não concordava com nada que eu queria fazer, tinha uma aluna que ficava brincando na parede, se pendurando na porta e cai. Não pode cair, para, para então é ela mesmo.</p>	
--	---	--



	<p>Não pode cair, se eu vou dar na tua cara Thaisa. E eu ia conversar com os pais dela, pra saber o que estava acontecendo, do porque ela tava tendo aquele comportamento, mas eu não podia, não podia me meter. Primeiro porque eu não era professora, e eu estava sozinha na turma. Segundo porque o problema era com os pais, não era com a escola, não podia tomar atitude nenhuma...</p> <p>M: Ah, pra mim mudou muita coisa, você não tem noção... (riso) pra mim mudou em relação, é o que eu falo né, quando eu era nova, adolescente né, eu levava muita coisa no “oba oba” sabe assim, ah... se vocês perceberem eu só sento na frente, mas não é porque eu sou cdf, é porque eu sempre estudei ou no meio ou no canto...Eu pelo menos tenho um problema seriíssimo de prestar atenção, de focar. Então eu botei assim, não eu quero isso, e vou até o final. Então eu tô prestando atenção, então assim eu, quando eu gabaritei a prova de analise textual, eu fiquei assim igual uma criança. Eu nunca tinha gabaritado uma prova, nunca na minha vida, eu nunca gabaritei. E aí eu gabaritei, foi porque eu estudei, não foi porque eu coleei, então assim é um esforço seu. Aí você se vê assim, estudando, olha eu</p>	
--	---	--

	<p>aprendi aquilo sabe, sem ninguém... alguma coisa entendeu? Não, eu realmente foquei naquilo e consegui, então esse resultado, essa vitória é muito gratificante. De você não, se você estudar, se entregar mesmo, ter foco, você vai conseguir.</p> <p>A: Ai eu ando tão desanimado, tão cansada, eu não consigo estudar, não consigo focar...(falam juntas) eu saio de casa muito cedo e chego em casa ,muito tarde, e ainda tenho tarefa de casa, tenho marido, é muita coisa junta.</p> <p>M: Não eu tive esse tempo também, porque o meu trabalho ele não me dá esse opção, eu trabalho quinta e sexta, mas quando dá quatro hora da tarde eu fico... não tô tendo tempo (?) mas né, eu não tive tempo pra estudar, então eu consegui arranjar algum tempo que eu não tenho pra estudar, trabalho fora o dia inteiro, chego tenho casa pra cuidar, e tenho um filho de quatro anos.</p> <p>M: Assim deixa com o pai, pra eu estudar filosofia foi, eu me tranco num quarto que é o quarto pra eu estudar. Que tem um computador uma mesinha, e aí o meu esposo fico com o meu filho na sala, e de vez em quando meu filho</p>	
--	--	--

	<p>vai lá, oi mãe, o que você tá fazendo? Filho eu tô fazendo, ah tá bom. Fecha a porta. Não ele me ajuda, ele fica com o Felipe e eu vou estudando. É assim que eu tô fazendo.</p> <p>S: Eu acho realmente é o que eu faço, eu saí de casa as sete horas da manhã, pra sair do trabalho seis e quarenta e oito, vim correndo pra cá pra chegar sete e vinte, e chego em casa onze horas da noite. Então nessas provas eu tive que estudar, escondido, no trabalho, foi escondido mesmo as pessoas iam passando, e eu ia olhando assim... mas não pode, mas o que eu vou fazer, só tenho o sábado e o domingo a prova é no meio da semana. Eu não ia ter como estudar. E eu tendo, tô tentando ser mais responsável com isso, porque é diferente do ensino médio. Boa parte da sua vida pra você se empenhar naquilo né, pra você realmente seguir teu caminho entendeu e seguir o teu objetivo.</p> <p>A: Quando eu falei o que eu ia fazer, o pessoal, tu é louca! Eu faço curso de oito as cinco no sábado né, tu é maluca, eu moro em Bangu, eu trabalho em São Cristóvão. E todo mundo, garota tu é maluca, vai sair de Bangu pra ir pra São Cristóvão, ir pro Centro pra voltar pra Bangu. Só</p>	
--	---	--

	<p>falam maluca, maluca.</p> <p>I: Quando eu falei que eu ia fazer faculdade assim, todo mundo me apoiou, minha família. Só que a minha grande dificuldade não é nem o cansaço, porque eu sempre trabalhei muito minha rotina sempre foi muito pesada. Além de eu trabalhar, eu fazia aula de dança, eu fazia teatro, eu fazia muitas coisas durante a semana. E sempre cheguei muito tarde em casa. Dez horas, onze horas, então pra mim essa rotina de acordar muito cedo e chegar muito tarde é o de menos, mas é a quantidade de informação que é colocada na sua cabeça, e depois eu fico perdidinha como é que eu vou estudar tudo isso? Falei ontem mesmo, pro professor de filosofia, como que eu vou escrever tudo isso no meu caderno. Ele foi colocando cada coisa no quadro, eu falei gente....</p> <p>I: E o pior não é isso, o pior é quando eu sento, eu pego todas as minhas coisas e sento pra estudar, aí senta minha mãe senta meu primo, senta uma prima, vem uma criança, vem não sei o que... e falam tudo no meio, liga televisão liga rádio, e eu tô ali estudando. Ah, desculpa eu tô te atrapalhando, aí eu subo pro quarto, pra me trancar, daqui a pouco vem um, não</p>	
--	--	--

	<p>que tem um filme maneirão que eu quero ver e não sei o que... aham... quando vai ver eu já tô parando, tudo que eu tô fazendo pra dá atenção, aí só vou poder fazer as coisas tarde da noite. Só meia noite, eu vou estudar meia noite. No meu trabalho as pessoas estão falando nossa que cara de acabada, eu...</p> <p>A: Eu chego em casa as vezes meia noite e quarenta, as vezes tá dando avenida brasil, acordo seis pra passar o dia inteiro na rua, aí ele fica devolve minha esposa.</p>	
<p><b>Concepções de Pedagogia</b></p>	<p>M: Gosto de lidar com criança, mas principalmente de aprofundar, de querer ensinar, de querer... é... trazer o novo pra aquela criança, que não tem.... Coisas que eles não sabiam e tinham uma realidade totalmente diferente da minha né... então eu acho que é você ver o brilho no olhar daquela criança, você saber que você... pelo menos eu quero trabalhar, eu, com crianças eu adoro, eu gosto. Eu me identifico muito... e você vê brilho no olhar da criança, tipo você tá passando alguma coisa e a criança tá entendendo.</p> <p>I: É, sempre em constante aprendizagem...</p> <p>M: “Poxa como é que eu vou</p>	<p>O: Isso é uma, é uma... na história da educação é muito interessante. Porque eu quando fiz minha monografia eu falei da desvalorização da profissão docente, com a inserção da feminina, que até então eram apenas os homens... e na história realmente fala mesmo que era uma questão na época, depois quando veio a... as mulheres, tinham que ser aquelas pessoas muito dóceis, muito boazinha...</p> <p>Tia!</p> <p>Tia... aquela que era detentora de todo o carinho né, então não valorizando aquela pessoa, com a capacidade grande de um ser profissional né...</p> <p>J: Então assim... eu, eu...a</p>

	<p>poder ajudar ele?!” e a pedagogia vai me ajudar muito nisso, então tudo...</p> <p>A: Uma pós e tal, pensando sempre nos meus alunos, são... procurar sempre pra eles sabe, procurar sempre tá pesquisando, tá sempre estudando, procurar o melhor pra eles! Eu me vejo totalmente, assim uma minha vida ela é basicamente formada em um objetivo, eu tô casada há seis meses, e aí tudo hoje meu assim, tem que ser bem planejado. Eu quero um filho, eu quero uma formação, eu quero lecionar, eu quero uma sala de aula, o que eu quero? É o que me venho a frente né, muitas vezes de diversas maneiras diferentes. O que eu quero? Eu quero educação especial, então eu quero pedagogia, depois eu quero pedagogia empresarial...</p> <p>I: E é por isso que eu não me vejo no futuro, porque você se impõe um limite, o formar. Aí você quer chegar no formar, até chegar no formar, tem muitas coisas que te fazem perder o foco, ou ir até lá. Você se vê muito no futuro, mas não se realmente, você vai chegar nesse futuro. Então pra mim, eu vejo assim, cada dia é um dia de vitória, se eu vou chegar lá seu não sei. Mas hoje...</p>	<p>pedagogia me fez entender assim, que muita coisa, como falei no começo né. Uma visão crítica de muitas que aconteceram comigo com as professoras, é... e também é... assim a ignorância também. Não é uma visão crítica só do julgamento negativo, mas o porque? Tipo a... é... como é que se diz assim. Não tem um ditado po... um ditado popular que fala: Pô você vive no mundo à toa, até então eu achava assim que eu vivia no mundo a toa. Agora não, agora eu consigo entender, até minha fala com os meus amigos, que já têm uma outra formação. Depois que eu comecei a falar, fazer faculdade né... que eu tenho amigos que estão fazendo doutorado também. Então eles falam assim: “Poxa Adriana, como que a sua conversa, como que você mudou....a sua maneira de conversar, mudou completamente do que você era antes, olha como a faculdade tá te fazendo bem. Então assim, eu não sei se eu vou fazer uma outra, universidade depois que eu fizer pedagogia né. Mas eu passei a gostar da pedagogia, por causa desse leque da educação. De repente eu não vou me identificar na parte escolar. Mas a pedagogia me dá uma visão maior de qual caminho, eu posso seguir. Então, assim eu sou grata! E até fico pensando assim: Poxa, esse governo de hoje – até saindo um pouco da, da,</p>
--	---	---

	<p>S: Eu acho que eu não me vejo formada assim né, no que eu vou trabalhar, eu ainda não.. eu gostaria de trabalhar com crianças. Gostaria de trabalhar com empresarial. Minha mãe e meu irmão falam que eu tô me formando só por formar, porque não é pra ganhar dinheiro. Porque não dá dinheiro, só falam, ah não dá dinheiro, não dá emprego e não sei o que... mas eu entrei, como eu passei no Prouni, foi minha segunda opção, não foi minha primeira opção.</p> <p>S: Foi jornalismo. Mas o que acontece, é... quando eu entrei meu primeiro pensamento foi minha sobrinha, eu não tenho filho, não pretendo ter tão cedo... mas eu tenho uma sobrinha, e minha sobrinha ano passado né, uma.. não foi bem maltrato, mas foi uma irresponsabilidade né, na creche ela, tem... eles deram um banho, só dão banho na creche com água gelada. E eles deram um banho nela, deixaram ela no ar-condicionado, ele pegou um bato resfriado, que virou uma pneumonia. Ela não, o médico proibiu ela de sair de casa e pegar sereno... (?) eu gastei um dinheirão com ela, com remédio pra ela, e ela ficou, eu nunca vi minha sobrinha tão caidinha. Porque minha sobrinha se estivesse aqui, já tava tudo revirado, e</p>	<p>da pergunta né - mas analisando o governo, há dez anos atrás eu não teria condição de fazer uma faculdade, e hoje eu tenho condições de fazer a faculdade né. Então, assim agora eu fico imaginado isso assim, o que a mídia tá querendo fazer com que eu , o que tá exposto pra eu criticar tanto? O que eu tem... Agora eu tento enxergar o que tem além daquilo que tá sendo me visto, e isso a pedagogia me abriu. Assim, não só uma visão histórica na educação, como do sistema capitalista mesmo entendeu?</p> <p>O: Que dão um leque né...</p> <p>M: Acho que especificamente as áreas mais relacionadas a humanas, elas têm esse foco!</p> <p>A história, a história da educação, a psicologia, a sociologia... quer dizer todas essas matérias elas abrem uma série de caminhos, uma série de visões que na verdade não são estudadas nos anos da séries... é... no ensino básico. Então assim, você começa a enxergar, as coisas de uma forma diferenciada.</p>
--	--	---

	<p>aí minha cunhada trabalha nessa (?) e na creche estão melhor mesmo. Que se tiver alguma criança bagunçando hoje, (?) se a criança morder os outros ela pede pra morder, pro outro que foi mordido morder, e que pra criança não fazer alguma coisa, olha o bicho vai pegar, amedronta a criança. O bicho vai pegar...</p> <p>S: Ninguém nunca fez nada, é uma creche pública, e as pessoas ficam lá, é... são concursadas. Foi aquele concurso que saiu, acho que foi cem ou duzentos vagas, que decidiram aumentar pra não sei quantas mil vagas, e só passou quem tirou nota boa, quem não tirou nota boa fica aí, e deu nisso. Minha cunhada, não vou falar que minha cunhada é diferente, porque ela faz exatamente o mesmo. Ela disse que faz a mesma coisa. Eu acho um absurdo fazer isso com uma criança, porque eu não gostaria que fizesse com as minhas, porque eu tenho três sobrinhas, eu não vou fazer com o filho de outra pessoa, é criança. E aí eu vim com essa ideia, não vai ser, vou ficar...e eu vou cuidar das crianças pequeninhas, e quando eu cheguei aqui eu descobri que tem um leque!</p> <p>S: Eu não sabia que podia ter pra empresarial, ter psicopedagogo, e eu peguei e</p>	
--	---	--



	<p>pensei assim, não vou decidir agora, porque eu vou escolher e futuramente vai aparecer outra coisa que eu vou me interessar mais. Então eu vou deixando levar, um dia vai aparecer uma coisa que vai me encantar, e pra esse lado eu vou.</p> <p>M: Você queria jornalismo e acabou não sendo, pra te mostrar um leque de opções que a pedagogia te dá, que você não conhecia...</p> <p>S: A minha ideia de pedagogia já mudou totalmente. Eu também pensava, vou fazer pedagogia pra ter faculdade.</p>	
<p><b>Escolha do Curso de Pedagogia</b></p>	<p>M: Bom eu escolhi fazer pedagogia, porque é... eu já dei aula de catecismo né... numa igreja durante dez anos e é uma forma de trabalhar com as crianças, e eu gostei muito.</p> <p>I: Eu fiz o curso normal, porque eu sempre quis, porque eu sempre gostei de estar em público e de falar, porque eu sempre falei muito, bem comunicativa e eu sempre gostei de estar com crianças também. E no meu segundo grau eu fiz, um estágio que eu tive que cuidar de uma criança especial. E eu me identifiquei, eu amei de paixão a área, e aí eu resolvi</p>	<p>M: Bom... eu sou de uma família que tem muitos professores, eu cresci naquele meio e na época de criança eu sempre tinha é... essa tendência. Adorava brincar de escola, gostava muito de corrigir as provas, ajudar minha irmã a corrigir as provas. Então isso aí pra mim, foi... tem um peso grande. E depois eu comecei a ver aí na... na trajetória da vida, fui vendo que realmente... e eu sempre acabei, sempre trabalhei em escolas. Mesmo não sendo na parte pedagógica, mas na parte administrativa, na parte financeira da escola. Isso tudo... sempre estiveram muito presente na minha vida. Então quando chegou o</p>

	<p>fazer a pedagogia, pra fazer uma pós, uma (?), uma educação especial, pra poder ficar na área que eu realmente me identifico. Já trabalhei com diversas coisas e, já trabalhei com coisas que dão muito mais dinheiro no mercado, como hoje eu trabalho no financeiro numa empresa de engenharia. E as pessoas perguntam, só que a única coisa que eu sempre gostei que, eu sempre me identifiquei foi em estar em sala de aula. Então, estar com criança, educação especial principalmente, porque é uma coisa que eu amo. Então é isso eu decidi fazer por causa disso, porque a única coisa na vida que eu sempre me identifiquei. Sempre gostei muito.</p> <p>A: Eu fiz formação pra professoras, e no início eu não gostava, eu só fui indo porque era uma novidade e a maioria dos meus amigos foram , só que a maioria dos meus amigos entraram e saíram. Eu peguei o gosto, é..aí me formei. Trabalhei com crianças, amo demais de paixão, a descoberta pra mim é maravilhoso, é emocionante. E chegou num ponto em que eu queria não fazer pedagogia, eu queria fazer psicologia. Que eu achava que pra era extraordinário conhecer as pessoas, conhecer a vida das pessoas, saber os conflitos e tudo mais. Só que eu dou aula</p>	<p>momento que eu pude, ir, fazer a faculdade....realmente veio concretizar.... é isso que, a minha escolha certa... é isso</p> <p>É isso...</p> <p>J: Bom eu cheguei na pedagogia, porque eu quero fazer psicopedagogia, pós em psicopedagogia. Então fazer psicopedagogia, com pós em psicologia ou pedagogia. Foi isso aí que me encaminhou pra cá.</p> <p>J: Então meu interesse é uma pós não na pedagogia, só que quando eu entrei pra pedagogia me encantei!</p> <p>J: É, porque eu tinha uma forma totalmente diferente em relação à educação, sempre fui muito crítica em relação à educação. Só que quando você começa mesmo a falar sobre educação, você muda a visão. As críticas também mudam.</p> <p>R: É... eu tenho uma irmã que tá no Ceará onde todo mundo se forma em pedagogia, a maioria das pessoas são pedagogas, mulheres. E meu pai era pedagogo, minha mãe era pedagoga. Aí eu fiz letras, não me identifiquei mas terminei, concluí. Sou formada em literatura português. Aí fui morar no</p>
--	---	--

	<p>particular, e dou em diferentes idades, então eu tenho crianças de alfabetização, e tenho crianças do quinto ano. Então há uma diferença. E eu falei, cara eu trabalho com educação infantil, é lindo educação infantil. Paga pouco, mas é lindo você ver uma criança, e ter retorno, carinho, você chega triste e eles te dão um amor imenso, e aquilo dali é lindo sabe... de chegar te dar um carinho, e falar: “Tia sabe que eu gosto de você?!” é espontâneo isso, mas eu queria algo diferente, eu queria trabalhar com crianças um pouco mais velhas, eu gosto da alfabetização. E pra eu trabalhar com alfabetização, eu teria que fazer pedagogia, né na minha cabeça. Então eu decidi fazer pedagogia e encarar isso. E aí, cá estou eu!</p> <p>S: Talvez, mas eu acho que o motivar fazer pedagogia por um outro, que nem era minha professora. Era porque eu gostava de ir pro Cantagalo de vez em quando... (risos) Aí eu ia pra biblioteca, porque eu não tinha como sair da escola, então eu me escondia na biblioteca, a professora dos pequenininhos ela ficava na biblioteca que ela pegava de lá, então ela me via lá e ela fazia eu ir para a biblioteca com ela. Nunca me levou pra sala de aula, ficava lá conversando comigo, e eu acho que veio dela , gosto</p>	<p>Rio, com vinte e sete anos, aí minha prima começou a fazer pedagogia e me chamou: Vamos Anádia? Eu falei: Vamos. E foi aí que eu comecei, cheguei no trabalho da educação infantil, há seis anos. Adoro o que faço... e me identifiquei!</p> <p>J: Não que eu esteja criticando a pedagogia assim, uma pessoa me fez a pergunta é, porque que eu vim pra universidade? Teve um determinado momento na minha vida que eu vi, que... que eu tinha que fazer um nível superior, não sabia pra qual caminho seguir, eu fiz... tentei arquivologia na UFF, até passei, mas aí eu por outros motivos eu não segui. E eu não sabia o que fazer. Então uma amiga que tinha feito Letras, me orientou falando pra eu fazer pedagogia. mas que não entrasse na área da educação, que a minha pedagogia teria que ser pra visão empresarial, porque ela já tá muito tempo na educação, tá querendo sair da educação.</p>
--	---	--

	<p>dela, porque ela tipo, ela pegava e falava assim, ah agora eu vou pegar minha turma e me ajuda a passar o filme pra eles, não sei quantas vezes eu vi um filme chato pra caramba. Que ela passava sempre o mesmo filme. Só que talvez seja por isso, porque eu via como as crianças eram, ela chegava as crianças iam correndo, agarravam na perna dela... tia, tia tia... era lindo! Eu achava muito bonito esse amor que as crianças tinham por ela!</p> <p>M: E eu tive, coisas na vida dele, na escola, na creche, boas e ruins,então isso também motivou também a contar, não fazer com outras crianças o que fizeram com ele, porque ele com dois anos o Felipe não falava, ele só falava mamãe, papai e vovô. Eram só essas três, e nem falava né, porque era mama, papa, bobó. E esse, e a gente, que a pediatra pediu fono, fono não, uma neuro primeiro. Tudo por mim, que eu quis, eu procurei. E aí ela, antes da avaliação de neuro a gente pediu uma, escritura médica... E ela avaliou como se ele estivesse com autismo! E isso pra mim, foi horrível, como mãe você saber que seu filho pode ser autista, não que eu não dar apoio pra ele, mas você se sente impotente. É impotência total com relação a ele, e eu fiquei desesperada. E eu sou o tipo de pessoa que tipo assim, vamos ter, vamos</p>	
--	--	--

	<p>lá. Vamos correr atrás, vamos batalhar pra que aquilo não tenha tanto atraso. E aí eu tive esses problemas com o Felipe na escola, que ele era o mais atrasado da creche com relação as outras crianças. Então eu não focava muito nas atividades, e teve um dia que eu descobri que eu fui tirado, e ficando na secretaria. Só ele, porque ele estava atrapalhando as outras crianças, e isso me machucou muito como mãe. Porque não é você tirando a criança do meio, que você via resolver o problema. Você tem que colocar ele junto das outras crianças, mas porque isso dele? Como ele não falava, ele não..qual é a forma da criança se expressar quando ela não fala? Com gestos, é pra chamar sua atenção, e aí ele fazia assim. Quando alguma coisa não gostava, ele as vezes, por exemplo, diz na creche que não é obrigado a dormir, como eu tava falando com você. Mas elas obrigavam, aí como ele não dormiu, como ele não tava querendo dormir ele atrapalhava o sono das outras crianças e aí, elas brigavam, falavam com ele, e ele queria chamar a atenção como? Deitando no chão, ele se jogava, ele chorava, era a forma dele chamar a atenção das professoras. Então assim, mas também teve momentos muito bons, eu não tô falando criticando a instituição. Mas é que teve esses momentos com ele, que me machucou como</p>	
--	--	--

	<p>mãe, entendeu. E também por já ter trabalhado com criança, eu nunca faria dessa forma. Excluir ele, excluíram ele simplesmente. Tava atrapalhando. Não tá servindo, então vamos tirar ele do meio das outras crianças que estão querendo... foi isso, tipo, foi muito ruim porque eu lido com os dois lados, eu tenho um filho, que é o contrário né.</p> <p>I: É, eu não me vejo dessa maneira, eu não sei... é eu ainda não me coloquei no futuro. Só de ver o presente né, e olhar pro passado já acho que o próximo vai ser bem melhor, que houve uma evolução de quando eu comecei. Aquela pessoa tímida, ainda sou tímida, mas um pouco mais desenvolvida, é..me viro da maneira que dá né. Mas olhar pro futuro, eu ainda não consigo olhar.</p>	
<p><b>Conceitos sobre ser professor</b></p>	<p>I: Eu acho que é um desafio diário, hoje tá tendo dentro de uma sala de aula, principalmente pelas instituições, porque na maioria é na pública e na particular, te falta tudo, te falta autoridade pra você fazer melhor, falta recurso pra você trabalhar melhor, te falta liberdade pra você é.... pra você evoluir numa aula!</p> <p>A: Liberdade de se expressar!</p>	<p>O: Olha é uma batalha! Batalha...</p> <p>Olha é assim, uma conquista, é um desafio dia após dia. Não porque eu por exemplo, eu faço dois anos de estágio na (incompreensível) uma escola de nível muito bom. Mas ali têm muitos problemas! E a gente tem que tá todo dia se inovando, pra poder... é uma conquista. Dia a... cada dia, você cada dia vive uma...</p>

	<p>A: É, não tem como você evoluir numa aula.</p> <p>I: A escola hoje em dia, manda em tudo, até nas suas atitudes. Eles querem impor pra você algo, você tem que fazer sempre da maneira deles. E você não pode ter um olhar assim de crescimento, assim eu quero fazer mais por essa turma. Não tem como você fazer mais, porque a instituição onde você tá lecionando, tipo vai te travando, vai cortando, toda , tipo vai te travando, vai cortando, toda as redes possíveis e imagináveis que te limita. As vezes, eu já cheguei a pensar nisso, pô porque que eu vou trabalhar com isso, ninguém ajuda, ninguém faz nada! Já cansei de tirar dinheiro do meu bolso, pra fazer um trabalho até mais elaborado ou alguma coisa assim...</p> <p>A: E tem o outro lado né, que o profissional acaba, é não querendo fazer mais..É..</p> <p>A: Não eu não vou, aí ele vai pra uma outra instituição que gosta que eles mostrem autonomia, que mostrem seu trabalho. E sabe, tanto tempo naquela coisa, não você não pode isso... ela não sabe por onde começar, e não faz</p>	<p>O: Mas agora é prazeroso, sabia. É prazeroso, tem um lado né, que você evita às vezes, você às fica... naquele medo né, aí depois você renova.</p> <p>O: Ai, porque é muito bom ver aquela garotada descobrindo o mundo, muito bacana. Ontem nós fomos há um passeio. Eu fui com a turma do Pulinam à tarde, lá no Alto da Boa Vista, fomos fazer uma trilha. Você precisava de ver o encantamento daquelas crianças, descobrindo no meio da mata e só via um pouquinho do céu. Porque ali vai fechando né, aquela alegria de ver, é muito bacana sabe... você ver aquela coisa verdadeira!</p> <p>O: Exatamente, é muito bacana você poder fazer parte daquilo ali, daquela descoberta e de tomar um banho de cachoeira. Pra culminar entendeu? Então é isso aí, é prazer, puro prazer.</p> <p>S: Ah, eu acho que antigamente era mais fácil de você exercer a função de docente né, você trabalhar em alguma escola.</p> <p>S: Era só você ter o</p>
--	--	---

	<p>nada! É o que acontece onde eu tô, tem uma professora, que a coordenadora dela falou, oh você tem total liberdade pra fazer... e ela tem altas ideias, mas não sabe por onde começar, ela não sabe fazer uma coisa simples! Aí ela fala, faz o que você acha melhor. Eu começo a fazer, ela diz, como é que você consegue? Eu falei é simples, deixa as crianças fazerem, do jeito que elas acharem melhor você não precisa fazer uma coisa elaborada, as vezes uma coisa simples, faz uma coisa tão grande.</p> <p>I: Noventa por cento dos casos, a escola, a instituição sobre os profissionais, eles travam você, seja como a forma de ser, seja com material, seja com o falar, não, não pode! É igual aquele comercial da criança, da garoto a mãe cantando a música, não, não, não! Só é não, você só bate com a cara na porta, você quer fazer alguma coisa, você quer fazer uma atividade fora da escola da escola, você quer um passeio, não dá! Não dá, é problema com verba, tanto em colégio público, como particular. Eu já estive presente, nos dois casos, e os dois casos falam assim pra mim: “Ah, eu nunca colocaria meu filho num colégio público.” E eu pergunto porque? “Ah, porque colégio público é uma porcaria!” mas tá bom, mas qual colégio</p>	<p>magistério né, eu acho que agora eles têm um requisito maior com isso né. Então em alguns lugares eles já exigem provas, pra você ver, pra ver se realmente você tem estrutura pra dar aula mesmo, pra você ver se você tem aquele conhecimento. Então eu acho que agora, o tempo de agora tá mais complicado né, tá bem complexo agora pra você poder dar aula né...</p> <p>S: Isso, isso. Tem uma seleção maior.</p> <p>R: Valorização pra dar entrada, agora pra receber salário não tem!</p> <p>J: Não, a menina tá falando de salário não de condições!</p> <p>J: Infelizmente aonde deve investir né, em relação a educação, em relação é... a saúde, algo mais, mais importante e eles não investem né</p> <p>J: Professor por exemplo é um investimento...</p> <p>O: Esse é a falta de preparo e isso existe até hoje.</p> <p>J: E isso me marcou, e aqui</p>
--	--	--



	<p>particular você colocaria então? Porque tem que começar, tem colegas do colégio do particular, como tem colegas do público também! Porque não é o colégio que faz, são as pessoas que estão dentro dele, e isso se a direção, se a coordenação dá oportunidade pro professor, seja público, ou seja particular, vamos criar bons alunos!</p> <p>M: E eu acho que também depende de você ser um bom profissional, um bom pedagogo, também pelo lado da família. Eu falo, tudo isso gente, porque eu vivo esse lado da família, porque assim qualquer tipo de problema com a família a escola vem conversa comigo, e fala olha mãe tá acontecendo isso, pelo problema que aconteci esse ano... aí ela virou pra mim e falou assim, nossa se todos os pais fossem iguais a vocês, que participam, não olha aqui vamos... tá acontecendo isso e isso com o Felipe, e vamos tentar melhorar! Vamos juntos a família e a escola, juntos, trabalhando juntos. Ia ser uma coisa melhor, agora tem pessoas que, eu conheço, que assim por exemplo, que na minha escola, teve uma criança que uma vez com o Felipe, que ele tem problemas, você vê nitidamente, ele é muito agitado. Aí a escola pediu né, pra mãe procurar né, um neuro, um profissional, talvez</p>	<p>na universidade eu reparo assim, que os professores só, só... assim, avaliando politicamente, eu observei que só teve um professor que eu percebi que ela analisava assim criticamente, o aluno. Mas assim, criticamente, de uma forma negativa. Que inclusive teve uma fala dela, falando que pra um professor ou então aluno, os alunos da Universidade Estácio de Sá eram assim, porque par entrar aqui era preciso só uma redação. Isso foi a fala dela, mais assim a maioria dos professores aqui na universidade, eu fico admirada como eles se empenham! Por mais que a gente não tenha nada, pra falar, que seja um discurso vazio. Eles sempre, as vezes eu até percebo, gente as vezes é uma besteira, com que o professor consegue pegar aquela besteira e fazer...</p> <p>J: E ensinar entendeu. Então assim...E assim eu tinha assim uma , por essa professora que me traumatizou... então assim ,aqui na universidade eu nunca tive medo de falar o que eu penso, porque os professore sempre me dão apoio, todos os alunos assim, eu vejo que eles dão apoio pra gente falar. Por mais que seja um discurso vazio, eles aproveitam aquilo eles estavam falando e ensinam alguma coisa, sabe... e assim</p>
--	--	--

	<p>seja déficit de atenção. Não, meu filho não tem nada não. Meu filho perfeito! Meu filho?</p> <p>Mas ele brinca, ele interage com todo mundo, o problema é aqui... não, não ele é perfeito, o problema é pra não se sentir...</p> <p>Impotente...</p> <p>Impotente, é isso que eu tô falando, que os pais se sentem impotentes, e aí a gente chega, e eles acabam escondendo o problema da criança. E que não conversa com... gente como é que pode... hoje quando (?) da creche pra escola né, primeira coisa que eu falei quando ela faz entrevista, porque ela ficou assombrada comigo e com meu marido, porque foi nós dois. E olhou e falou assim: “Gente você são o que do Felipe?” Mãe e pai. Aí ela: “Nossa, é difícil ver um pai e uma mãe, na reunião, juntos. Aí ela perguntou assim, aí fez né aquela coisa de mãe... é.. como é que se fala? Você é casada, solteira?”</p>	<p>eu fico admirada com isso!</p> <p>M: Hoje os professores eles sabem, eles incentivam, eles sabem que mesmo que você fale besteira, você vai aprender, que você não tem que ter vergonha. Aqui ninguém sabe mais ou menos que todo mundo, tá todo mundo... alguns tem menos dificuldade, outro tem menos... mas tá todo mundo aqui querendo seu cantinho na pedagogia, ou então tá ali fazendo enfermagem, psicologia. Então, tô disponível, e tá todo mundo assim, uns com mais dificuldades, outros com menos. Eu me sinto mais pra trás, e hoje eu vejo... assim, nada vai me impedir de me formar. Agora se eu vou pra educação infantil, se eu vou pra empresa. Eu penso depois, agora eu vou pensar, no meu agora, no meu semestre, nas matérias que eu tô fazendo. Aumentar o sonho da faculdade influencia sim, na maneira de você pensar, de você se comunicar...</p>
--	---	--